

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

LAURA SILVA DULCI

ENTRE LETRAS E LUTAS: INVESTIGANDO A TRADUÇÃO FEMINISTA NA
FORMAÇÃO DA TRADUTORA BRASILEIRA

UBERLÂNDIA

2025

LAURA SILVA DULCI

ENTRE LETRAS E LUTAS: INVESTIGANDO A TRADUÇÃO FEMINISTA NA
FORMAÇÃO DA TRADUTORA BRASILEIRA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do título de mestra em Linguística.

Área de Concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada.

Linha de pesquisa 3: Linguagem, ensino e sociedade.

Orientadora: Profa. Dra. Marileide Dias Esqueda

UBERLÂNDIA

2025

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

D881 Dulci, Laura Silva, 1994-
2025 Entre Letras e Lutas [recurso eletrônico] :
Investigando a Tradução Feminista na Formação da
Tradutora Brasileira / Laura Silva Dulci. - 2025.

Orientadora: Marileide Dias Esqueda.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de
Uberlândia, Pós-graduação em Estudos Linguísticos.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2025.161>
Inclui bibliografia.

1. Linguística. I. Esqueda, Marileide Dias,1973-,
(Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-
graduação em Estudos Linguísticos. III. Título.

CDU: 801

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Estudos Linguísticos				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado - PPGEL				
Data:	Vinte e um de fevereiro de dois mil e vinte e cinco	Hora de início:	10:00	Hora de encerramento:	13:00
Matrícula do Discente:	12312ELI011				
Nome do Discente:	Laura Silva Dulci				
Título do Trabalho:	Entre letras e lutas: investigando a tradução feminista na formação da tradutora brasileira				
Área de concentração:	Estudos em linguística e Linguística Aplicada				
Linha de pesquisa:	Linguagem, ensino e sociedade				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Ensino e aprendizagem de tradução e interpretação: pressupostos epistemológicos, teóricos e metodológicos				

Reuniu-se, por videoconferência, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, assim composta: Professores Doutores: Naylane Araújo Matos - UNIR; Daniel Antônio de Sousa Alves - UFPB; Marileide Dias Esqueda - UFU, orientadora da candidata.

Iniciando os trabalhos a presidente da mesa, Dra. Marileide Dias Esqueda, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir a senhora presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a candidata:

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos,

conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar, foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que, após lida e achada conforme, foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Daniel Antonio de Sousa Alves**, **Usuário Externo**, em 21/02/2025, às 12:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marileide Dias Esqueda**, **Professor(a) do Magistério Superior**, em 21/02/2025, às 12:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Naylane Araújo Matos**, **Usuário Externo**, em 25/02/2025, às 18:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6108441** e o código CRC **AFE6E685**.

Referência: Processo nº 23117.010153/2025-10

SEI nº 6108441

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Norma, e ao meu pai, Alberto, por todo apoio e amor.

À minha orientadora, Dra. Marileide Dias Esqueda, pelos ensinamentos, pela paciência e pela amizade.

Ao meu irmão, João, por sempre ser uma inspiração para mim.

À Aieska, por sempre ser e estar.

Ao Manuel, pelo amor, pelo carinho e pelo companheirismo.

À Annelise e à Paula, pelas revisões e comentários tão atenciosos a este trabalho.

À Iara, por ser minha dupla durante o mestrado.

Ao Gustavo, por termos nos encontrado.

Às amigas e amigos de todos os lugares por onde passei, por tudo que são na minha vida.

Às tias, às primas e aos primos, por sempre acreditarem em mim.

Às professoras e aos professores do Instituto de Letras e Linguística com quem tive contato, pelas trocas e aprendizados.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES pelo fomento desta pesquisa.

RESUMO

Este trabalho é minha dissertação de mestrado, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia. O objetivo da pesquisa foi analisar 15 monografias sobre Tradução Feminista. A fundamentação teórica se sustenta nos Estudos Feministas, delimitando aspectos gerais do movimento; na Tradução Feminista, contextualizando brevemente a organização do campo e sua conjuntura atual; e nos Estudos da Tradução, evidenciando o grande campo no qual todos os trabalhos aqui estudados estão inseridos. A metodologia segue duas vertentes: um levantamento realizado através dos procedimentos bibliométricos (Vanti, 2002; Esqueda, 2020) e a análise feita a partir da Análise de Conteúdo (Bardin, 2011). Este texto é composto por três capítulos, uma introdução e as considerações finais. Esta pesquisa se justifica pela busca de ampliação e legitimação da Tradução Feminista no Brasil, além de apresentar a graduação como uma esfera produtiva para pesquisas do subcampo. Após a análise, dentre os diversos resultados, aponto a Universidade de Brasília como um polo de estudo da Tradução Feminista, com as duas orientadoras mais recorrentes neste *corpus*, além de perceber uma forte relação com a Tradução Comentada e a Teoria Funcionalista. Ao final da pesquisa, concluí que existe uma necessidade de consenso em relação ao nome do subcampo da Tradução Feminista. Além disso, o crescente interesse pelo tema sugere que novos trabalhos poderão emergir, explorando tanto outras áreas de conhecimento dentro dos Estudos da Tradução quanto abordagens interdisciplinares, ampliando as perspectivas e rompendo com os formatos mais comuns.

Palavras-chave: Tradução Feminista; Formação de Tradutoras; Bibliometria; Análise de Conteúdo.

ABSTRACT

This is my master's dissertation, presented to the Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos of the Instituto de Letras e Linguística of the Universidade Federal de Uberlândia. This research aimed to analyze 15 Capstone Projects about Feminist Translation. The theoretical base is supported by the presentation of the Feminist Studies, by introducing the movement in general lines; the Feminist Translation, with a brief contextualization of the organization and current aspects of the field; and the Translation Studies, situating the research within the broader field. The methodology combines a survey conducted through bibliometric procedures (Vanti, 2002; Esqueda, 2020) and Content Analysis (Bardin, 2011) for evaluating the selected works. This study is justified by the need to expand and legitimize Feminist Translation in Brazil, highlighting undergraduate studies as a fertile ground for research in this field. Among the findings, the research identifies the Universidade de Brasília as a prominent center for Feminist Translation studies, with the two most frequent advisors in the analyzed *corpus*. I have also noticed a strong connection with Commented Translation and the Functionalist Theory. I have concluded that there should be a consensus on the name of the field of Feminist Translation. Furthermore, the growing interest in the subject suggests the potential for new research that explores other areas of knowledge within Translation Studies, fosters interdisciplinary approaches, and ventures beyond the conventional methods and dynamics commonly observed in the field.

Key-words: Feminist Translation; Translator Training; Bibliometric; Content Analysis.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

GRETAS – Grupo de Estudos, Pesquisas e Ação em Feminismos, Gênero e Tradução
OBOS – *Our Bodies Ourselves*
TCC – Trabalho de Conclusão de Curso
UFAL – Universidade Federal de Alagoas
UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora
UFPE – Universidade Federal de Pernambuco
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina
UFU – Universidade Federal de Uberlândia
UNB – Universidade Federal de Brasília
UNESP - Universidade Estadual Paulista
UNICAMP – Universidade Federal de Campinas
USP – Universidade de São Paulo

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Tela inicial do software <i>Publish or Perish</i>	39
Figura 2 – Tela de exemplo do software Mendeley.....	40
Figura 3 – Tabela inicial apresentada pela ferramenta <i>VOSviewer</i>	41
Figura 4 – Mapa de rede entre às palavras-chave das 15 monografias.....	51

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Orientadoras com mais de duas orientações de monografia	45
Gráfico 2 – Filiação das instituições de todas as docentes do Corpus	52
Gráfico 3 – Ano de defesa das 15 monografias	54

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Dados referentes às variáveis estudadas nas 15 monografias incluídas na análise bibliométrica	43
Tabela 2 – Dados referentes aos números brutos encontrados na tabela de referências.....	69
Tabela 3 – Dados referentes às variáveis estudadas nas referências das 15 monografias incluídas na análise bibliométrica	103

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 CAPÍTULO TEÓRICO	23
2.1 Os Estudos Feministas	23
2.2 A Tradução Feminista	27
2.3 Os Estudos da Tradução	31
3 CORPUS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	35
3.1 Os Estudos Bibliométricos	35
3.2 A análise de conteúdo	36
3.3 Levantamento, Organização e Análise do <i>Corpus</i>	39
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	43
4.1 Dados brutos	43
4.1.1 Orientação	45
4.1.2 Título	48
4.1.3 Palavras-chave	50
4.1.4 Filiação	52
4.1.5 Ano de Defesa	54
4.1.6 Resumos	55
4.1.7 Referências	61
4.2 Categorização	71
4.3 Comentários gerais sobre as monografias	75
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
REFERÊNCIAS DO CORPUS	90
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	92
APÊNDICE 1	96
APÊNDICE 2	103
1 INTRODUÇÃO	

Esta dissertação dá continuidade à pesquisa iniciada em minha monografia, desenvolvida como Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Tradução vinculada ao Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia. Na monografia, investiguei, de forma geral, a possibilidade da existência da Tradução Feminista como disciplina nos Cursos de Graduação em Tradução ou em Letras com habilitação em Tradução

(Dulci, 2022). Em ambos os trabalhos, a Tradução Feminista é entendida como “uma força e forma substancial de ativismo de justiça social contra regimes de dominação interligados, tanto local, quanto transnacionalmente¹” (Castro; Ergun, 2018, p.125).

Na época, optei por realizar minha pesquisa no subcampo disciplinar do Ensino de Tradução, com ênfase em Tradução Feminista, por perceber uma lacuna na literatura revisada sobre o tema dentro do vasto campo dos Estudos da Tradução. À primeira vista, pareceu-me que o ensino da Tradução Feminista não era abordado em nenhum dos trabalhos com os quais tive contato — artigos, monografias, dissertações e teses. Essa constatação me levou a formular a hipótese de que a ausência de pesquisas nessa área contribuía para manter o subcampo restrito a um círculo limitado de pesquisadoras, que discutiam questões relevantes entre si, sem expandir essas discussões para um público mais abrangente.

Como aponta bell hooks² (2017³, p.23), “o ensino é considerado um aspecto mais enfadonho e menos valorizado da atividade acadêmica”, acrescentando ainda que mudanças não podem ocorrer “se os pensadores críticos e os críticos sociais progressistas agirem como se o ensino não fosse um objeto digno da sua consideração” (hooks, p. 23). Portanto, visando contribuir de forma significativa para o estudo da Tradução Feminista no Brasil, desde o início de minha trajetória dentro dos Estudos da Tradução busquei trabalhar com questões de Ensino de Tradução e Formação de Tradutoras.

Após o levantamento realizado nesse Trabalho de Conclusão de Curso, descobri que não existem disciplinas exclusivamente dedicadas ao ensino da Tradução Feminista nos cursos investigados⁴. Dessa forma, decidi elaborar uma proposta de disciplina de Tradução Feminista seguindo um modelo de plano de ensino do Curso de Graduação em Tradução da Universidade Federal de Uberlândia, ao qual estava vinculada (Dulci, 2022).

A partir daquele momento, optei por aprofundar a pesquisa para compreender onde e como encontraria teorização sobre Tradução Feminista nos Estudos da Tradução no Brasil. Surgiu, assim, o interesse por pesquisar os trabalhos publicados sobre o tema nas esferas do Ensino Superior — graduação e pós-graduação. No entanto, devido às limitações de tempo e à

¹ Tradução minha a partir do original: “(...) *a substantial force and form of social justice activism Against intersecting regimes of domination, both locally and transnationally*” (Castro; Ergun, 2018, p.125).

² Vale ressaltar que a autora grafia seu nome sempre em letras minúsculas a fim de deslocar o foco da figura da autora para seus textos e suas ideias.

³ Tradução de Marcelo Brandão Cipolla.

⁴ Delimitei meu levantamento a partir das instituições públicas que ofertavam, até o momento da elaboração da monografia, Graduação em Tradução ou Letras com habilitação em Tradução (cf. Dulci, 2022).

necessidade de objetividade inerentes à elaboração de uma dissertação de mestrado, decidi conduzir minhas análises de forma mais pormenorizada com apenas um tipo de trabalho: as monografias de final de curso de graduação, também conhecidas como Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs), elegendo trabalhar apenas com a esfera da graduação.

Minha escolha pelas monografias se deu após a leitura da tese *Estudos Feministas da Tradução no Brasil: Percursos históricos, teóricos e metodológicos na produção científica nacional (1990-2020)*, de Naylane Araújo Matos (2022), que faz um levantamento bibliográfico semelhante ao desta dissertação, visando entender “qual espaço se destina à tradução na produção científica feminista no Brasil” (p.26). Para manter-se na esfera da pós-graduação, Matos não analisa as monografias que trabalhavam com o tema da Tradução Feminista, o que acabou contribuindo para minha decisão. A autora realiza um levantamento de cunho bibliográfico, enquanto meus procedimentos metodológicos são bibliométricos e de Análise de Conteúdo. Saliento, portanto, que meus levantamentos, ainda que semelhantes, não fazem deste trabalho uma cópia do anterior.

Encontrar a tese de Matos (2022) me causou inquietação à época, pois já havia elaborado meu projeto de pesquisa para esta dissertação, com a intenção de abordar todas as esferas do Ensino Superior. Embora tenha ficado preocupada por estar seguindo um caminho de pesquisa que já havia sido traçado anteriormente, percebi que a tese de Matos abria espaço para outros trabalhos que também buscassem entender os aspectos da produção científica dos Estudos Feministas da Tradução⁵. Matos (2022, p.25) explica que esses aspectos são uma junção entre os Estudos da Tradução e o “Feminismo Tradutológico”, apresentado por Olga Castro e María Laura Spoturno⁶ (2022). Além disso, como apontam Jenny Williams e Andrew Chesterman (2002, p.3), uma “pesquisa não acontece no vácuo: ela se relaciona com o que veio antes”⁷.

Houve também uma reflexão acerca do tempo disponível para a elaboração deste texto, que partiu de um encontro com o Grupo de Estudos, Pesquisas e Ação em Feminismos, Gênero e Tradução (GRETAS), da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas Universidade

⁵ É importante ressaltar que, como discuto ao longo deste trabalho, o campo da Tradução Feminista e seus estudos ainda não está consolidado no Brasil. Logo, da mesma forma que ocorre com o campo em nível internacional no ocidente (Castro; Ergun, 2018), não existe ainda um consenso em relação ao nome do campo. Particularmente gosto de Estudos da Tradução Feminista, mas não pretendo me alongar nessa discussão. Coincidemente, Pokorski (2022), uma das monografias aqui analisadas, faz uma breve apresentação das quatro variações encontradas no levantamento de seu trabalho: Estudos Feministas de Tradução; Estudos Feministas da Tradução; Estudos da Tradução Feminista; e Estudos de Tradução Feminista.

⁶ Tradução de Maria Barbara Florez Valdez e Beatriz Regina Guimarães Barboza.

⁷ Tradução minha a partir do original: “[The] research is not taking place in a vacuum: it relates to what has gone before. (Williams; Chesterman, 2002, p.3).”

de São Paulo, do qual faço parte. Durante uma reunião na qual apresentei minha proposta de pesquisa para esta dissertação, algumas colegas apontaram que o período de, aproximadamente, dois anos para a pesquisa e escrita não seria o suficiente para os objetivos que eu havia proposto inicialmente. Esse encontro influenciou a maior delimitação do *corpus* a ser analisado, resultando, inclusive, em propostas para avançar esta pesquisa em um possível futuro doutoramento.

Portanto, após uma reavaliação tanto do tempo quanto do conteúdo selecionado para esta dissertação, preferi focar exclusivamente nas monografias, ainda que recomende a tese de Matos (2022) para uma maior investigação na esfera da pós-graduação. Esta escolha também foi feita pois, ao buscar nos procedimentos bibliométricos uma alternativa de pesquisa que complementasse o trabalho já realizado por Matos, percebi um resultado significativo em relação ao número de monografias, o que me pareceu digno de uma pesquisa mais cautelosa e aprofundada. Essa escolha foi motivada pela percepção, durante os procedimentos bibliométricos, de que o expressivo número de monografias existentes justificaria uma análise mais criteriosa e aprofundada, complementando o trabalho já realizado por Matos.

Além disso, análises feitas no nível da graduação podem ajudar o subcampo da Tradução Feminista a entender melhor as demandas e interesses das tradutoras em formação. Como explicam Marileide Dias Esqueda e Karoline Izabella de Oliveira (2013, p.137), “dentre os vários fatores que influenciam o processo de ensino e aprendizagem de Tradução, encontram-se as crenças que os alunos trazem consigo para a sala de aula e que, segundo os pesquisadores, direcionam o quê, como e quando o aluno decide aprender”. Assim, os direcionamentos seguidos pelas autoras das monografias selecionadas podem revelar resultados que ampliem a compreensão das relações frequentemente estabelecidas entre a Tradução Feminista e os diversos subcampos dos Estudos da Tradução. É importante ressaltar que estudar a Tradução Feminista implica, também investigar a conexão entre os Estudos de Gênero, os Estudos da Tradução e os Feminismos — um movimento plural e multifacetado, razão pela qual não é tratado aqui no singular⁸.

⁸ Segundo Pâmela Berton Costa (2021), não existe uma única forma de “ser mulher”, e o movimento feminista como um todo foi, por muito tempo, visto como um movimento único que englobava todas as mulheres. No entanto, percebeu-se que apenas uma parcela das mulheres era contemplada, “de uma realidade branca, heterossexual, de classe alta, de países do norte ocidental” (p. 44). A partir do encontro do movimento das mulheres com outros movimentos, o caráter múltiplo dos Feminismos é trazido à tona, resultando em diferentes vertentes dentro do movimento mais geral. Como exemplos, a autora cita o “feminismo negro” e o “feminismo indígena”.

Em sua obra *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*⁹ (2024), bell hooks afirma que procurou elaborar um texto que explicasse, de forma simples e direta, o que é Feminismo, definindo-o como “um movimento para acabar com sexismos, exploração sexista e opressão” (p.13). A autora aponta uma ascensão dos Estudos Feministas dentro da academia, o que “tem causado um impacto positivo para estudantes da universidade”, configurando uma oportunidade para se “descobrir o poder e o significado do pensamento e da prática feminista”, ainda que, ao mesmo tempo, tenha um “impacto negativo no trabalho de aumentar o engajamento do grande público no movimento feminista” (p.8). Aproveito para definir que chamo de academia “o lugar da pesquisa científica, universitária, formadora de novas gerações de pesquisadoras” (Pedro, 2008).

Observa-se então uma contradição entre a relevância da Tradução Feminista e sua escassez, senão inexistência, no rol de disciplinas ofertadas nos Cursos de Graduação em Tradução ou Letras com habilitação em Tradução (Dulci, 2022). Como aponta Daniel Antônio de Sousa Alves (2021, p.2), os ambientes acadêmicos “tendem a ser mais abertos a discussões que privilegiam a reflexão e o debate, reconhecendo a multiplicidade de fatores que pode influenciar um determinado objeto ou processo”. Indo mais adiante, hooks (2017, p.23) sustenta que “a sala de aula continua sendo o espaço que oferece as possibilidades mais radicais na academia”, ainda que também seja vista por muitos apenas como um lugar de passagem e não como objeto sério de pesquisa. Tudo isso embasa a necessidade de maior atenção sobre a Tradução Feminista e os objetos de estudo a ela vinculados.

As alunas que têm contato com a Tradução Feminista parecem fazê-lo quase por acaso — digo por experiência própria e pelos relatos nas monografias que compõem o *corpus* deste trabalho — e buscam aprofundamento bibliográfico, tanto para a teoria quanto para a prática, de forma quase independente da grade curricular tradicional de seus cursos. Assim sendo, observar como o interesse de graduandas floresce e se desenvolve em suas monografias me parece ser um ângulo interessante para entender como esse subcampo disciplinar dos Estudos da Tradução tem se manifestado. Como afirma hooks (2024, p.29), “é necessário aprender sobre feminismo e fazer uma escolha consciente sobre aderir às políticas feministas e se tornar uma pessoa que defende o feminismo”.

Um ponto importante a ser esclarecido sobre a leitura deste texto é que optei por escrevê-lo marcando o feminino, exceto ao me referir a um homem específico ou a um grupo composto

⁹ Tradução de Bhumi Libanio.

exclusivamente por homens. Meu propósito com esta decisão é direcionar minha fala às mulheres, uma vez que são o grupo mais envolvido com o estudo da Tradução Feminista. Entretanto, minha escolha não visa “defender um movimento de exclusão e substituição, mas propor relações sociais, políticas e culturais menos verticalizadas e mais horizontais, desestabilizando relações hegemônicas de poder que foram herdadas, replicadas e legitimadas por anos” (Battistam; Marins; Kiminami, 2021, p. 4-5). Além disso, como a prática da Tradução Feminista implica o reconhecimento consciente das interferências da tradutora no texto, visando à desconstrução da linguagem patriarcal (Flotow, 2021), acredito que esta escolha seja significativa na ênfase de meu posicionamento político e tradutológico.

Vale lembrar que, no processo tradutório como um todo, ocorrem interferências da tradutora a cada escolha feita no texto. A diferença é que este movimento não é contestado, por estar dentro das práticas normativas e correntes. A escolha em traduzir *the doctor* para *o médico* não deixa de ser uma prática hegemônica, ainda que siga o posicionamento político que a maioria não reconhece como marcado. Como aponta Marie-France Dépêche (2000, p.158), o ato de se traduzir, que em sua origem significa, essencialmente, “deixar passar”, “preside uma atitude ideológica, pois, repetidamente, requer escolhas”, sejam elas em relação a qual texto será traduzido ou como essa tradução será feita. “A tradução pressupõe estratégias tanto de (re)leitura, quanto de (re)escrita, uma (re)avaliação dos produtos de partida e chegada, bem como táticas empregadas para essa passagem estreita” (Dépêche, 2000, p.158).

Em seu livro *Mulheres invisíveis: O viés dos dados em um mundo projetado para homens*¹⁰, Caroline Criado Perez (2022) apresenta dados estatísticos que trazem fortes indícios sobre como a desigualdade de gênero ainda permeia todas as esferas humanas. Como a autora menciona, essas questões têm consequências e impactam diariamente a vida das mulheres. Cito aqui apenas os exemplos incluídos na propaganda do livro: 1) As mulheres realizam 75% do trabalho não remunerado de todo o mundo; 2) Ambientes de trabalho costumam ficar, em média, cinco graus mais frios do que seria confortável para o corpo da mulher; 3) A probabilidade de uma mulher sair gravemente ferida em um acidente de carro é 47% maior do que a de um homem; 4) A dimensão de um *smartphone* costuma ser de 5.5 polegadas, tornando-se grande demais para o tamanho médio da mão das mulheres.

Um dos argumentos apresentados por Perez (2022) ao longo de seu texto é que este distanciamento entre homens e mulheres nem sempre é imposto de forma maliciosa ou

¹⁰ Tradução de Renata Guerra.

consciente. A autora deixa claro que muitas das pessoas que replicam essas noções de “neutro”, “norma”, “normativo” — escolhas minhas¹¹ — o fazem mais como “um produto da forma de se pensar” que sempre esteve presente, o que acaba sendo na verdade um “não pensar”. “Ao final, é um não pensar duplo: fala-se homens sem pensar, enquanto das mulheres não se fala nada. Porque quando dizemos humano, no final das contas, queremos dizer homem” (Perez, 2022, p.12).

Essa generalização de homem como sinônimo de ser humano já era apresentada por Simone de Beauvoir (2019¹²) em 1949, em seu livro *O Segundo Sexo*. A autora francesa trouxe em sua obra o conceito de que a humanidade era, de uma forma geral, masculina, e que a mulher era definida não a partir de si mesma, mas em função de sua relação com o homem. É neste apontamento, fortemente defendido ao longo de sua vida, que Beauvoir apresenta a ideia da mulher enquanto “Outro”, sempre em relação ao “Sujeito” homem.

Lori Chamberlain (1988) apresenta uma visão semelhante, baseada em diversos estudos, argumentando que determinada cultura reconhece o trabalho em uma sociedade a partir da dualidade trabalho produtivo *versus* trabalho reprodutivo. A partir dessa conceituação, a mulher passa a ser relegada a um papel secundário em diversas situações. É dentro dessa concepção que a autora apresenta o texto original como “masculino”, em relação à tradução “feminina”, como representação da relação de poder e reconhecimento entre os dois grupos. Sherry Simon (1996) chama essa relação de “inferioridade discursiva”.

Ao estudar um campo fortemente liderado por mulheres, ainda que não completamente¹³, sinto que seria quase hipocrisia seguir a gramática normativa da Língua Portuguesa, que dita o masculino como generalizante. A Tradução Feminista trata, essencialmente, de escolhas tradutorias e senso crítico da tradutora, abrindo espaço para decisões pessoais, ainda que algumas teorias de tradução, como indica Marileide Dias Esqueda (1999, p.50), tentem “impor ao tradutor, enquanto profissional, o seguimento a certas ‘leis’ que normalizem seu comportamento e ações perante o texto a ser traduzido e perante o seu autor”. A autora ainda argumenta que certas teorias destacam “a importância da não interferência do tradutor no texto a ser traduzido”, fazendo com que o ato de tradução só passe “a ser aceito

¹¹ A autora apresenta o conceito de “lacuna dos dados de gênero” (*the gender data gap* no texto original), que seria a “presença ausente do feminino” na sociedade (Perez, 2022, p.1). Optei por usar essas palavras como uma forma de interpretação dos argumentos da autora de uma maneira que fizesse sentido pela abordagem mais linguística e tradutológica desta pesquisa.

¹² Tradução de Sérgio Milliet.

¹³ Conferir José Santaemilia e Dennys Silva-Reis.

moralmente, por tais teorias, se houver total respeito, total fidelidade ao original”, através de “regras de como se traduzir, de como se comportar diante do texto a ser traduzido e do seu autor” (Esqueda, 1999, p.50).

“Numerosos estudos feitos nos últimos quarenta anos em diversas línguas”, afirma Perez (2020, p.20-21), “confirmaram que o que se chama de ‘masculino genérico’”, na intenção de se soar *neutro*, “não é efetivamente compreendido de forma genérica. É compreendido esmagadoramente como masculino”. A autora apresenta que, com o uso do masculino generalizante, as pessoas tendem a evocar mais homens do que mulheres famosas, entender determinada profissão como um campo dominado por homens e indicar candidatos homens para cargos políticos ou de emprego, além do masculino chegar a “se sobrepor a estereótipos que de maneira geral são bastante fortes¹⁴” (Perez, p.21).

Gostaria de citar também um exemplo apresentado por Luise von Flotow em sua palestra intitulada *Feminist/Gender-aware Translation and Translation Studies: Evolving toward the “Transnational”¹⁵*”, na 40ª Semana do Tradutor¹⁶ da UNESP, em 2022. A autora explica que na frase, em francês, “*dix femmes et un cochon sont descendus*¹⁷”, o tempo verbal *passé composé*¹⁸, quando usado com o auxiliar *être* (ser/estar), deve concordar em gênero e número com o sujeito da frase. Dessa forma, o verbo *descendre* (descer), conjugado na forma do particípio passado, concorda em número com as dez mulheres e o porco — pelo acréscimo da letra “s” —, mas, em gênero, apenas com o porco, já que não há o acréscimo da letra “e”, indicativa do feminino na Língua Francesa. Assim, é possível concluir com este exemplo que como o *neutro* do francês é o gênero masculino, um porco tem mais força na conjugação do verbo do que dez mulheres.

Perez (2020, p.22) também apresenta que o masculino generalizante é usado para designar grupos. “Quando o gênero é indeterminado, ou se o grupo é misto, usa-se o masculino genérico”. Como exemplo, a autora aponta que “um grupo de cem docentes do sexo feminino seria chamado em espanhol de *las profesoras*, mas se a elas se somar um único professor do sexo masculino o grupo se torna de repente *los profesores*” (Perez, 2020, p.22).

¹⁴ A autora cita, como exemplo, a profissão de esteticista, mais comumente exercida por mulheres.

¹⁵ A palestra está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VCAnwjG3I-c>. Acesso em: 10 jun. 2024.

¹⁶ O próprio nome do evento tem sido colocado em discussão, por seu caráter pouco diverso. Nas últimas edições, tentou-se adotar *Semana da tradução* como solução, ainda que não oficialmente.

¹⁷ Tradução minha: “Dez mulheres e um porco desceram”.

¹⁸ Equivalente ao Pretérito Perfeito do português.

Em um capítulo que escrevi com Iara Aparecida Silva (Silva; Dulci, 2024), percebemos algo semelhante com o uso de ferramentas de tradução automática e a dificuldade que a ferramenta *Google Tradutor* tem para identificar o gênero feminino. A partir de um questionário respondido pelas colegas em sala, observamos que muitas não se atentavam ao fato de a resposta fornecida ignorar a pesquisa inicial — como professora ser traduzida como *maestro*, no masculino —, e que era preciso fornecer diversas informações para que a ferramenta entendesse que o objetivo era encontrar a tradução no feminino.

Diante do exposto, a fundamentação teórica desta dissertação se dividiu em três vertentes. Na primeira, os Estudos Feministas, busco apresentar as ideias que ajudaram a sustentar de forma teórica a parte mais politizada e militante deste trabalho, além de sugerir leituras para pessoas interessadas no tema. Na segunda, a Tradução Feminista, apresento o início do subcampo com a escola canadense e sua eventual abertura transnacional, além de trazer definições e métodos práticos de aplicação da Tradução Feminista. Na última, os Estudos da Tradução, enfatizo as características do grande campo da Tradução que se fazem relevantes a esta pesquisa, além de reforçar a presença da Tradução enquanto campo disciplinar e não apenas prática mecânica.

Em relação à metodologia deste trabalho, como citado anteriormente, utilizei procedimentos bibliométricos para o levantamento de meus dados. A bibliometria, aponta Nadia Aurora Peres Vanti (2002, p.152), é uma das “diversas formas de medição voltadas para avaliar a ciência e os fluxos da informação”. Além disso, ela possui enfoque sobre os “aspectos quantitativos da produção, disseminação e uso da informação registrada”, desenvolvendo “padrões e modelos matemáticos para medir esses processos, usando seus resultados para elaborar previsões e apoiar tomadas de decisões” (Vanti, 2002, p.154).

Basear esta dissertação em um levantamento bibliométrico foi essencial para obter um ponto de partida e delimitar de forma clara meu objeto de pesquisa. No entanto, friso que esta não é a única delimitação possível. Um levantamento de caráter mais teórico (cf. Matos, 2022) ou até mesmo um que leve em consideração outros campos disciplinares do grande campo

da Ciência da Informação, como a cientometria¹⁹ ou a webometria²⁰, podem ter resultados distintos, que agreguem o campo da Tradução Feminista de outras maneiras. Após o levantamento bibliométrico e a escolha pelas 15 monografias que serão trabalhadas neste texto, utilizei o método de Análise de Conteúdo (Bardin, 2011) para investigar os dados selecionados para esta pesquisa.

Por último, trago os resultados e a sua análise feita a partir dos métodos apresentados anteriormente. Oriento a exposição destes resultados a princípio em uma tabela (Tabela 1) e, em seguida, separadamente através de tópicos divididos entre os metadados selecionados. Por fim, apresento uma categorização dos temas encontrados nas 15 monografias estudadas e alguns comentários finais sobre os trabalhos.

Esta dissertação é, portanto, composta por três capítulos, além desta introdução e das considerações finais. São eles: Capítulo Teórico, subdividido em: Os Estudos Feministas, A Tradução Feminista e Os Estudos da Tradução; *Corpus* e Procedimentos Metodológicos, subdividido em Estudos Bibliométricos, Análise de Conteúdo e Levantamento, Organização e Análise do *corpus*; e Resultados e Discussão, subdividido pelos metadados levantados: 1) orientação; 2) título; 3) palavras-chave; 4) filiação; 5) ano de defesa; 6) resumo e 7) referências, e pelo subcapítulo de categorização e dos comentários gerais. Ao final deste trabalho apresento o apêndice 1 referente aos dados analisados no tópico 4.1.6 Resumos e o apêndice 2, uma tabela com as referências levantadas.

O objetivo principal é identificar e categorizar os temas que as alunas das monografias selecionadas trabalharam, com o propósito de investigar as concepções ou ideias subjacentes sobre a Tradução Feminista dentro da graduação, sobretudo a partir da adoção de determinadas metodologias utilizadas pelas graduandas. Além disso, busco entender qual a relação que podemos traçar entre a Tradução Feminista e outros subcampos dentro do grande campo dos

¹⁹ Vanti (2002, p.154) define a cienciometria como: “o estudo dos aspectos quantitativos da ciência enquanto uma disciplina ou atividade econômica. A cienciometria é um segmento da sociologia da ciência, sendo aplicada no desenvolvimento de políticas científicas. Envolve estudos quantitativos das atividades científicas, incluindo a publicação e, portanto, sobrepondo-se à bibliometria (...). A cienciometria estuda, por meio de indicadores quantitativos, uma determinada disciplina da ciência. Estes indicadores quantitativos são utilizados dentro de uma área do conhecimento, por exemplo, mediante a análise de publicações, com aplicação no desenvolvimento de políticas científicas”.

²⁰ Vanti (2002, p.156) define a webometria como: “a aplicação de métodos informétricos” a pesquisas e levantamentos feitos na Internet. A autora também define a informetria como: “o estudo dos aspectos quantitativos da informação em qualquer formato, e não apenas registros catalográficos ou bibliografias, referente a qualquer grupo social, e não apenas cientistas” (p.155).

Estudos da Tradução e como os procedimentos bibliométricos podem ser usados como ferramenta de levantamento de dados neste tipo de pesquisa.

Acredito que esta pesquisa possa contribuir para o aprofundamento dos dados referentes à interface entre Estudos da Tradução e Feminismos no Brasil, agregando valor e amplitude ao “campo teórico-feminista na produção científica nacional”, como aponta Matos (2022, p.29). Pretendo que esta dissertação ofereça às colegas tradutoras feministas mais uma fonte para auxiliar as pesquisas que demandem uma quantificação prática de dados que vá além da percepção individual de cada uma.

Em suma, este é um trabalho feminista sobre a Tradução Feminista. Em seu livro *Uma breve história do feminismo*, Carla Cristina Garcia (2018, p.13) aponta que “a tomada de consciência feminista transforma — inevitavelmente — a vida de cada uma das mulheres que dela se aproximam. (...) o discurso, a reflexão e a prática feminista carregam também uma ética e uma forma de estar no mundo”. Trago essa convicção — ainda que tenha encontrado a autora apenas recentemente — desde minha primeira graduação em História, pela Universidade Federal de Juiz de Fora, onde iniciei meu interesse por gênero e, consequentemente, pela História das Mulheres. Portanto, vejo a grande importância, tanto científica quanto social, do crescimento cada vez maior do número de trabalhos voltados para os Estudos Feministas, a Tradução Feminista e as questões de gênero.

No capítulo seguinte, sobre a fundamentação teórica deste trabalho, apresento os três pontos que mais embasaram minha pesquisa: Os Estudos Feministas; A Tradução Feminista; e Os Estudos da Tradução. Pretendo traçar uma breve contextualização histórica dos três pontos, além de apresentar conceituações e definições que acredito serem importantes para o entendimento desta dissertação.

Optei por apresentar não apenas a Tradução Feminista e os Estudos Feministas, como também os Estudos da Tradução, por entender que seus subcampos não funcionam isoladamente, além de perceber a necessidade de reafirmação e apresentação do grande campo dos Estudos da Tradução enquanto um campo disciplinar estabelecido e estável, ainda que recente. Vejo a importância de deixar claro que a prática tradutória, apesar de indispensável para o campo e para a formação das tradutoras, não se fundamenta sem a parte teórica, o que se faz ainda mais necessário em trabalhos como este, em que as decisões tradutórias não são tomadas apenas com base em aspectos linguísticos ou gramaticais, mas também sociais e de vivência e experiências próprias.

Por último, esta pesquisa está inserida na linha 3 do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPGEL) — Linguagem, Ensino e Sociedade —, da Universidade Federal de Uberlândia, que, como o nome sugere, busca construir trabalhos que almejem mudar o estado das coisas, compreendendo a linguagem e seu ensino como modificadores das ações dos agentes sociais.

2 CAPÍTULO TEÓRICO

Além de fundamentar este trabalho, este capítulo também se propõe a fazer recomendações de leituras para quem se interessar pelos temas aqui apresentados. Vale ressaltar que os procedimentos bibliométricos, embora sustentem também de forma teórica esta dissertação, serão apresentados no capítulo seguinte, sobre *Corpus* e Procedimentos Metodológicos, sendo considerados como um meio e não como um fim desta pesquisa.

2.1 Os Estudos Feministas

Abordar os Feminismos é sempre uma tarefa desafiadora. Enquanto escrevia minha monografia (Dulci, 2022), senti a necessidade de acrescentar dentro da proposta da disciplina que estava sendo formulada um tópico sobre os Estudos Feministas que, essencialmente, apresentaria de uma forma resumida as chamadas três ondas do Movimento Feminista. Entretanto, à medida que meus estudos avançam, percebo que limitar as lutas das mulheres por igualdade a uma organização histórica que se inicia apenas em meados do século XIX é uma abordagem não apenas simplista, mas também injusta.

Uma das conclusões desta pesquisa foi, inclusive, que minhas colegas passaram por dificuldades semelhantes. Na etapa de levantamento das referências usadas nas 15 monografias que compõem o *corpus* desta dissertação, percebi que muitas das autoras — e incluo meu trabalho nesta lista — buscam uma bibliografia que fundamente a parte historiográfica da História das Mulheres e do próprio Movimento Feminista. Cada autora trilha um caminho distinto e não há consenso entre as pesquisas. Pereira (2021), por exemplo, usa a entrada de um dicionário para definir a palavra Feminismo, enquanto Dutra (2023) recorre mais a reportagens em blogs.

Os dados mostram uma lacuna dos Estudos da Tradução Feminista que precisa ser abordada, já que todas as soluções apresentadas são válidas, ainda que sejam marcadas por escolhas e perdas, de certa forma. O estudo da História das Mulheres, assim como da História do próprio Movimento Feminista, possuiu diversas nuances, facetas e interpretações. Podemos partir da definição das Três Ondas, mas isso acaba limitando a ação das mulheres a apenas o final do século XIX. Podemos partir de um levantamento historiográfico das lutas das mulheres, mas talvez o tempo e o tamanho do trabalho não permitam esse tipo de pesquisa. Para quem

aspira continuar estudando gênero e feminismo, entendo que a melhor solução é estudar tanto as teóricas clássicas, quanto estudosas e ativistas contemporâneas.

Ainda assim, não tenho a pretensão de que esta dissertação sane essa questão. Incluí este tópico com o intuito de problematizar o tema, além de apresentar textos que foram fundamentais para a elaboração deste trabalho e para minha contínua formação enquanto pesquisadora feminista. Como afirmam Castro e Spoturno (2022, p.3), “os feminismos (...) constituem posições que buscam transformar a estrutura da sociedade para alcançar uma vida mais justa para todas as pessoas, independentemente de suas identidades sexuais e de gênero”.

Em sua obra *A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens*²¹, Gerda Lerner (2022, p.27) afirma que “a História das Mulheres é indispensável e essencial para a emancipação das mulheres”. A tese central do livro de Lerner é a necessidade de organizar essa História das Mulheres para quebrar o argumento de que os homens são responsáveis por todos os avanços da humanidade, enquanto às mulheres restava apenas a inferioridade, subordinação e o confinamento no lar.

Até o passado mais recente, esses historiadores eram homens, e o que registravam era o que homens haviam feito, vivenciado e considerado significativo. Chamaram isso de História e afirmaram ser ela universal. O que as mulheres fizeram e vivenciaram ficou sem registro, tendo sido negligenciado, bem como a interpretação delas, que foi ignorada (Lerner, 2022, p.28).

Logo no início do prefácio da obra de Lerner, Lola Aronovich afirma que se a condição da mulher como um ser considerado inferior tem mudado, “é graças à luta feminina” (Lerner, 2019, p.19). A autora cita uma entrevista de 1993 em que Lerner declarou: “Nas minhas disciplinas, os professores me falavam de um mundo em que ostensivamente a metade da raça humana faz tudo o que é importante e a outra metade não existe” (p.20). Este é um dos argumentos que confirma a necessidade do estudo da História das Mulheres.

Aronovich afirma que o patriarcado se “mantém e sustenta a dominação masculina, baseando-se em instituições como a família, as religiões, a escola e as leis” (Lerner, 2019, p.21)²². “A boa notícia”, comenta Aronovich, “é que Lerner nos ensina que o patriarcado, como sistema histórico, tem um início na história. E que, por não ser natural (...) pode ser derrubado”.

²¹ Tradução de Luiza Sellera.

²² É importante destacar que a linguagem também é uma forte ferramenta de manutenção do patriarcado. Não me aprofundarei no argumento por não ser o objetivo específico deste trabalho, mas recomendo as leituras de Dale Spender (1980), Emek Ergun (2010), Robin Lakoff (1975) e Sara Mills (2003).

Esse processo de superação ocorre através das lutas constantes das mulheres contra esse sistema opressor, “munidas da própria história, [para] fazer a revolução” (p.25).

O problema, como afirma hooks (2023, p.13), é o sexismo e “essa clareza nos ajuda a lembrar que todos nós, mulheres e homens, temos sido socializados desde o nascimento para aceitar pensamentos e ações sexistas”. Da mesma forma, na tradução, a prática de considerar a generalização do todo como masculina é tida como senso comum, não só no português, mas em todas as línguas de origem latina, por exemplo, que classificam seus substantivos como femininos ou masculinos, e também em diversas outras que, mesmo não tendo marcação do gênero gramatical, ainda assim possuem pressuposições de gênero. Complementando esse raciocínio, Daniel Antônio de Sousa Alves (2022, p.229) declara que:

Em diferentes línguas é possível observar uma associação de formas gramaticais no masculino a uma característica de pretensa abrangência e de neutralidade — ao passo que formas no feminino tendem a ser associadas a usos restritos, marcados e/ou utilizadas apenas em contextos específicos. Simpson (1993) destaca como a estrutura patriarcal das sociedades pressupõe e constrói uma relação hierárquica na qual o masculino é colocado em posição superior ao feminino e relações são construídas colocando valores associados ao homem como centrais e desejáveis, em contraposição aos valores associados à mulher, colocados como periféricos e com conotações negativas.

Perez (2020, p.23) inclusive apresenta o dado de que, em 2012, o Fórum Econômico Mundial realizou uma análise na qual foi concluído que “países falantes de línguas com flexão de gênero” possuem “ideias arraigadas sobre o masculino e o feminino presentes em quase toda verbalização”, o que faz com que esses países sejam “os mais desiguais em termos de gênero”. O interessante é que o grupo mais igualitário, como observado na pesquisa, não é o dos países onde não existe distinção de gênero — como a Finlândia e a Hungria —, mas sim dos países “que falam ‘línguas de gênero natural’ como o inglês”. Nesses casos, “essas línguas permitem que o gênero seja indicado (...), mas não reforça o gênero na palavra em si”. Esse movimento geralmente ocorre ao se acrescentar à palavra marcadores de gênero, como *female* e *male*, para apresentar o posicionamento da fala. A autora conclui:

Os autores da pesquisa sugerem que, se não for possível indicar o gênero de forma alguma, pode-se “corrigir” o viés masculino escondido numa língua enfatizando “a presença de mulheres no mundo”. Resumindo: como o homem fica subentendido sem que seja necessário especificar, é importante que as mulheres sejam literalmente mencionadas. (Perez, 2020, p.23)

Pensando no contexto brasileiro e na relação entre academia e Feminismos, Joana Maria Pedro (2005. p.171) afirma que o caminho percorrido “acompanhou a circulação de

publicações, ideias, e pessoas motivadas ora pelo mercado editorial, ora pelos entraves da Ditadura Militar que se instalou no Brasil entre 1964 e 1985”. Dessa forma, de um lado tínhamos materiais, como livros e panfletos, vindos do exterior, que divulgavam o ressurgimento dos Feminismos, enquanto do outro tínhamos pessoas exiladas que entravam em contato com essas discussões.

Em decorrência dessa troca, em outro texto, Joana Maria Pedro (2008, p.87) apresenta que “na história do movimento de mulheres e feministas no Brasil (...), nos anos oitenta, as universidades passaram a abrigar núcleos, centros, grupos de estudo, que se denominavam ‘estudos de mulher’, ‘feministas’ ou, mais tarde ‘de gênero’”. A autora aponta que essa movimentação ganhava força desde o ano de 1975, no mesmo ano intitulado “Ano Internacional da Mulher”, pela ONU. Como frisa a própria autora, não foi apenas após o retorno dessas pessoas exiladas que os temas referentes às mulheres passaram a ser discutidos nas universidades. Ainda assim, segundo Pedro (2008, p.88):

Foi, entretanto, apenas em 1980, por exemplo, que foi criado o primeiro Núcleo de Estudos Sobre a Mulher, na PUC/SP, por iniciativa de Fanny Tabak. Em 1981, surgiu, na Universidade Federal do Ceará, o Núcleo de Estudos, Documentação e Informação sobre a Mulher – NEDIM. Ainda em 1973, Zahidé Machado ministrou o curso “Família e relações entre sexos” na Universidade Federal da Bahia. Pesquisas realizadas na década de 90 apontavam a existência de quase 150 núcleos de estudos sediados em universidades. A pesquisa de Miriam Grossi constatou, em 1997, a existência de 147 desses núcleos.

Pâmela Berton Costa (2021) também apresenta uma reflexão interessante do movimento feminista enquanto manifestação pública para o nosso contexto de estudo brasileiro. A autora assinala a diminuição da visibilidade dos movimentos feministas no Brasil que ocorreu após o processo de redemocratização ao longo das décadas de 1980 e 1990. No entanto, essa diminuição não foi por uma baixa produção de resistência, mas sim por uma mudança de lugar de luta. Grande parte da produção da época se fechou em articulações político-acadêmicas nas universidades, o que acabou sendo um contraste com as “reuniões sociais mais informais de mulheres pelas quais ficaram conhecidas [as ativistas feministas] na América Latina de modo geral” (Costa, 2021, p. 191). Ainda sobre essa mudança, Costa (2021, p.191) escreve:

(...) a própria forma como os feminismos se organizavam ao redor do mundo ocidental muda. Na América Latina, com o fim do “inimigo em comum” que eram as ditaduras, esses movimentos precisaram (re)aprender a se articular dentro de estruturas mais formais, buscando influenciar as tomadas de decisão

mais de perto – o que inevitavelmente levou a menos visibilidade fora desses locais.

Assim como ocorre um aumento da produção acadêmica do Movimento Feminista no Brasil, Olga Castro e Emek Ergun (2018) também apontam um aumento gradual nas pesquisas e incentivos voltados para trabalhos sobre mulheres, gênero, feminismo e tradução no mundo. Essa movimentação, como explicam as autoras, causou um aumento também no estudo destes tópicos dentro de disciplinas de currículos de Estudos da Tradução ou de cursos independentes — embora a mesma situação não possa ser observada no Brasil. Como consequência, houve um “reconhecimento institucional sem precedentes ao campo dos Estudos Feministas da Tradução²³” (Castro; Ergun, 2018, p.125).

Percebo a inserção dos Estudos Feministas — ou suas *variações*, como Estudos das Mulheres e Estudos de Gênero — tanto nas universidades, de forma individualizada, como nas relações interdisciplinares, como algo essencial, que pode ser visto “como um espaço de legitimação de conhecimentos contestadores das verdades que se pretendem questionar” (Pedro, 2005, p. 171). No subcapítulo seguinte, apresentarei o início e o desenvolvimento do subcampo da Tradução Feminista, na qualidade de subcampo disciplinar, além de defini-la, apresentar a participação da escola canadense e explicar algumas formas de praticá-la ativamente durante o processo tradutório.

2.2 A Tradução Feminista

Os Feminismos, como afirma Olga Castro (2017)²⁴, têm contribuído fortemente para diversas áreas da sociedade, dentre elas os Estudos da Tradução. A autora explica como a Tradução Feminista surge do encontro entre os Estudos de Gênero e os Estudos da Tradução após a Virada Cultural, quando a discussão acerca de conceitos como “equivalência” e “fidelidade” havia sido, teoricamente, resolvida, já que se tinha, até então, que a Tradução remetia “a uma atividade impessoal e transparente que, supostamente, deveria transmitir com objetividade os sentidos estáveis das intenções do/a tradutor/a” (Dépêche, 2000, p.157). Com a movimentação da Virada Cultural, a função do texto traduzido na cultura de chegada, e não

²³ Tradução minha a partir do original: “(...) *an unprecedented institutional recognition to the field of Feminist Translation Studies*” (Castro e Ergun, 2018, p.125)

²⁴ Tradução de Beatriz Regina Guimarães Barboza.

mais as características linguísticas, passam a ser o ponto central do processo tradutório (Snell-Hornby, 2006).

Essa mudança abriu caminho para que as questões culturais ganhassem mais espaço dentro do processo tradutório, fazendo com que os posicionamentos ideológicos²⁵ passassem a ocupar um lugar de destaque nos debates do campo. É interessante perceber que, apesar das discussões em torno do conceito ideologia terem uma “conotação frequentemente negativa do termo” (Alves, 2022, p. 227) dentro da Tradução Feminista, o que ocorre é o oposto. Como apresenta Castro (2017, p. 220):

Considera-se a ideologia como um conceito importante no traduzir, entendida não como desvio da objetividade, mas como conjunto sistemático de valores e crenças compartilhadas por uma dada comunidade, que formam as interpretações e representações de mundo de cada pessoa e também de quem traduz. De fato, contemplar a ideologia como um ente alheio a quem traduz deixaria esse agente mediador e o próprio processo fora do intercâmbio cultural.

O campo que vem sendo denominado “Estudos Feministas de Tradução”, afirmam Naylane Araújo Matos, Beatriz Regina Guimarães Barboza e Sheila Cristina dos Santos (2018, p.44), tem “se tornado um campo de pesquisa cada vez mais consolidado nos Estudos da Tradução e reivindicado a valorização e presença do trabalho de mulheres, tanto no campo tradutório quanto no tradutológico”. As autoras reafirmam a importância de um “resgate histórico de tradutoras” e também de “pesquisas e experiências de tradução consciente do seu papel feminista” (Matos; Barboza; Santos; 2018, p.44).

Não é minha intenção — mais por uma falta de tempo hábil do que de interesse — fazer um longo levantamento sobre a atividade que pode ser considerada como Tradução Feminista realizada por mulheres ao longo da história. No entanto, sinto ser importante esclarecer que, ainda que eu parta da escola canadense como início da disciplina de Tradução Feminista, tenho ciência de que este não é o primeiro exemplo real do ofício. Ainda assim, uma abordagem mais extensa sairia do objetivo de análise contemporânea que proponho. Tendo em mente que não pretendo fazer um apanhado da literatura sobre a historiografia da Tradução Feminista, apresento alguns dados para contextualização.

²⁵ Entende-se ideologia “como sistema ou conjunto de conhecimentos subjacente a textos” (Alves, 2022, p.227)

Tanto Jean Delisle (2022²⁶) quanto Simon (1996) apresentam a ideia da mulher tradutora durante a Idade Média²⁷, porém, de formas distintas. O primeiro argumenta que, de uma forma geral, são os homens que exercem essa tarefa, ainda mais levando em consideração que os textos de maior interesse da elite da época vinham de autores da antiguidade greco-romana, ou seja, de línguas que as mulheres não dominavam. Delisle (2022, p.86) afirma que “podem-se contar nos dedos da mão as mulheres que praticavam a tradução cujos nomes tenham chegado até nós”.

Já Simon (1996) apresenta que a tradução foi muito usada como ferramenta de expressão para as mulheres da Europa Medieval e Renascentista. Mais adiante, a tradução funciona como meio de aprendizagem de escrita para as mulheres dos séculos XIX e XX (Castro, 2017) e também foi de grande importância para diversos movimentos sociais dos quais as mulheres faziam parte, tal como a luta abolicionista, completa Simon (1996).

Enquanto subcampo disciplinar pertencente ao grande campo dos Estudos da Tradução, a Tradução Feminista tem seu início com a escola canadense de Tradução Feminista, entre as décadas de 1970 e 1980, na província do Quebec, no Canadá, e se destaca por ser a primeira organização de tradutoras que se reconhece feminista (Castro, 2017). As escritoras e tradutoras da escola canadense, a princípio, visavam aumentar a circulação de textos progressistas dentro do par linguístico anglo-francês no Canadá, o que eventualmente se expandiu para fora da América do Norte como um todo. Castro (2017) deixa claro que, apesar das críticas e redefinições, a escola canadense de Tradução Feminista segue ainda hoje como um paradigma do encontro entre Tradução e Feminismos, o que justifica a necessidade de se estudar não apenas os caminhos atuais do subcampo, mas também sua origem.

Luise von Flotow²⁸ (2021) — pesquisadora que faz parte da escola canadense de Tradução Feminista — define o subcampo como um fenômeno resultante do trabalho experimental realizado por escritoras do Quebec inseridas em um ambiente cultural, ideológico e de uma conjuntura social específicos, que buscavam desconstruir a linguagem patriarcal dominante. Para Castro (2017, p.222) — pesquisadora fora da escola canadense, mas agente do processo de expansão da Tradução Feminista para além das barreiras físicas e linguísticas do Canadá — a Tradução Feminista consiste em uma “corrente de trabalho e pensamento que

²⁶ Tradução de Cristian Cláudio Quinteiro Macedo e Ana Karina Borges Braun.

²⁷ É importante frisar que o período que compreendemos hoje como Idade Média durou cerca de 10 séculos e, portanto, é composto por diversas fases e características heterogêneas, e é usado aqui mais como uma contextualização do que como uma marcação exata de tempo.

²⁸ Tradução de Ofir Bergemann de Aguiar e Lilian Virginia Porto.

defende a incorporação da ideologia feminista à tradução pela necessidade de articular novas vias de expressão para desmantelar a carga patriarcal da linguagem e da sociedade”.

Olga Castro e Emek Ergun (2017) afirmam que o futuro dos feminismos está no transnacional, que só pode ser realizado através da tradução, uma ferramenta de criação de identidades, produção de conhecimento, e troca de culturas e diálogos para além de barreiras. A Tradução Feminista apresentada pelas autoras é vista como “ativismo feminista interseccional, reconsiderado através de teorias feministas e práticas desenvolvidas em contextos disciplinares e geo-históricos diferentes²⁹” (Castro; Ergun, 2017, p. 2).

Somando-se às definições, apresento a afirmação de Laura Pinhata Battistam, Liliam Cristina Marins e Aline Yuri Kiminami (2021) de que há duas formas de posicionamento de uma tradutora no texto. A primeira seria através das estratégias tradutórias apresentadas por Flotow (2021, p.498): “suplemento” (*supplementing*); “prefácios e notas de rodapé” (*prefacing and footnoting*); e “sequestro” (*hijacking*). Já a segunda consiste na escolha ativa do que será traduzido, levando em consideração não apenas a autora do texto original, mas também o assunto, o par linguístico, a distribuição e quem se beneficia dessa tradução.

A tradução passa a ser uma “ferramenta de subversão e resistência” (Battistam; Marins; Kiminami, 2021, p.1). Esse movimento dentro do campo permite que o debate sobre o alcance da tradutora avance para além das questões apenas da visibilidade ou não da profissional, levantando a pauta da “dimensão política da tradução” (Battistam; Marins; Kiminami, 2021, p. 3) e da maneira como esse trabalho pode ser utilizado como defesa de causas individuais e comunitárias.

Na academia, considerando o argumento de Castro (2017) de que não optar por uma ideologia significa seguir a ideologia dominante — neste caso, a ideologia patriarcal —, é de extrema importância ampliar o alcance da Tradução Feminista para um público cada vez maior, visto que o tema é muitas vezes pouco conhecido ou tomado com apreensão por aqueles que não o estudam a fundo. Castro e Ergun (2017) afirmam que o campo possui um grande potencial de pesquisa e Battistam, Marins e Kiminami (2021) apontam que a tradução não apenas constrói sentidos e dissemina informações, como a própria tradutora deve ser vista como uma pessoa inserida em uma determinada sociedade, sujeita às influências de seu meio. Ela não consegue, portanto, produzir uma tradução que seja totalmente desvincilhada de si, deixando claro que a

²⁹ Tradução minha a partir do original: “(...) feminist translation is presented as intersectional feminist activism, and also reconsidered through feminist theories and practices developed in different geohistorical and disciplinary contexts” (Castro; Ergun, 2017, p.2).

tradutora em formação deve compreender seu papel enquanto produtora de discurso, e compreender também a força que a tradução possui tanto de reafirmar quanto de desconstruir ideologias dominantes.

A conscientização feminista revolucionária enfatizou a importância de aprender sobre o patriarcado como sistema de dominação, como ele se institucionalizou e como é disseminado e mantido. Compreender a maneira como a dominação masculina e o sexismo eram expressos no dia a dia conscientizou mulheres sobre como éramos vitimizadas, exploradas e, em piores cenários, oprimidas. (hooks, 2024, p.25-26)

O ato de se traduzir, afirmam Battistam, Marins e Kiminami (2021, p.10), “envolve aspectos históricos, culturais, sociais, ideológicos e econômicos”. Logo, a Tradução Feminista age como mais uma forma de se reafirmar que o processo tradutório não envolve apenas transferências linguísticas. Todo o caminho percorrido pela tradutora, desde a escolha do texto até as estratégias usadas em sua tradução, pode ser visto como posicionamentos políticos ativos, a partir do momento em que a profissional tenha o conhecimento necessário para possuir essa visão crítica do processo tradutório.

No contexto brasileiro, como escrevem Pâmela Berton Costa e Lauro Maia Amorim (2019, p.1244):

Há trabalhos desenvolvidos em várias universidades (...). Assim, o interesse pelas relações entre tradução e feminismos tem se intensificado no país e acreditamos que a pesquisa conseguirá se solidificar a ponto de estabelecer um campo de Estudos Feministas da Tradução no Brasil. Ressaltamos, então, a importância de produzir estudos e reflexões sobre o tema justamente para que o volume das vozes aumente e a discussão se torne ampla de maneira mais efetiva, pois muito temos a aprender com um espaço de debate entre as culturas sobre o/s feminino/s.

No próximo e último subcapítulo, darei atenção ao grande campo dos Estudos da Tradução, por entender que a Tradução Feminista, enquanto subcampo disciplinar, não se formou apenas por ela mesma, e perceber que a Tradução não é apenas prática, mas também princípios teóricos, é essencial para o reconhecimento cada vez maior do campo e de suas pesquisadoras e profissionais. Acredito que seja importante esse apontamento também para contribuir para um maior aceitamento da Tradução Feminista dentro dos Estudos da Tradução. Segundo Matos, Barboza e Santos (2018), ocorre uma certa resistência de se incorporar os Estudos de Gênero às demais campos disciplinares com as quais a Tradução cria conexões. Isso se dá, como afirmam as autoras, por argumentos de que a relação com os Feminismos não auxiliaria muito na evolução de teorias de tradução, o que é refutado por elas ao afirmarem que

“os Estudos Feministas de Tradução atuam tanto na expansão de novas possibilidades de tradução (geração) quanto argumentam em prol daquelas que sejam mais igualitárias em questão de gênero (seleção)” (Matos; Barboza; Santos, 2018, p.44).

2.3 Os Estudos da Tradução

Como aponta Jean Delisle (2002, p.10), “a tradução — englobando aqui a forma oral dessa atividade, a interpretação — é um ofício que vem sendo praticado há milênios em circunstâncias muito variadas”. O autor afirma que ao estudar a História da Tradução, “percebe-se rapidamente que traduzir é muito mais do que passar a mensagem de uma língua para outra. O tradutor não é apenas um técnico” (Delisle, 2002, p.10).

Decidi incluir este subcapítulo sobre os Estudos da Tradução — ou a Tradutologia, tendo o campo como “o exame sistemático de distintos aspectos relacionados com a teoria, o ensino e a prática da tradução” (Castro; Spoturno, 2022, p.3) — por entender que, ainda que a Tradução Feminista seja o foco desta dissertação, o grande campo disciplinar do qual ela faz parte também merece destaque. Assim como a Tradução Feminista ainda se encontra em processo de delimitação, a Tradução (com letra maiúscula, para demonstrar sua categoria de campo disciplinar) ainda é considerada por muitos como apenas a prática tradutória, reduzindo-a a uma atividade mecânica, sem reconhecer sua natureza como um campo de conhecimento científico.

Em seu livro *The Turns of Translation Studies* (2006), Mary Snell-Hornby declara que o interesse por um campo disciplinar de Tradução remonta ao início do século XIX. Em 1814, Friedrich Schleiermacher, reitor da Faculdade de Teologia da Universidade de Berlim, publicou um texto argumentando que, na época, não existia uma teoria de tradução baseada em fundamentos sólidos e devidamente desenvolvidos; apenas fragmentos de teorias haviam sido apresentados. Schleiermacher defendia que, assim como outros campos disciplinares haviam sido formados, um campo de Estudos da Tradução também deveria existir.

José Luiz Vila Real Gonçalves e Patrícia Rodrigues Costa³⁰ (2021) afirmam que os cursos superiores de Tradução surgem no continente americano e na Europa apenas no século XX, ainda que as universidades da Argentina, China e Alemanha já trabalhassem com a formação do tradutor no meio acadêmico no século XIX. No Brasil, o processo data da década de 1960.

³⁰ A referência aqui utilizada segue a proposta na entrada do artigo, na Revista Belas Infiéis, dos nomes elencados.

Saindo um pouco do contexto acadêmico e pensando no mercado, temos que a tradução é uma profissão reconhecida, porém ainda não regulamentada, mesmo com um número considerável de programas de graduação voltados para a Formação da Tradutora, além dos diversos trabalhos e eventos voltados para pesquisar justamente o processo de formação das novas profissionais (Gonçalves; Costa, 2021).

A tradução, assegura Lawrence Venuti³¹ (2019, p.9) “é estigmatizada como uma forma de escrita, desencorajada pela lei dos direitos autorais, depreciada pela academia, explorada pelas editoras e empresas, organizações governamentais e religiosas”. Já a “pesquisa em tradução e a formação de tradutores”, ou seja, o campo disciplinar dos Estudos da Tradução como um todo, “têm sido prejudicadas pelo predomínio das abordagens de orientação que oferecem uma visão truncada dos dados empíricos que coletam” (Venuti, 2019, p.10). Estudar tradução — e aqui me refiro ao campo como um todo e não apenas à Tradução Feminista — envolve desenvolver pensamento crítico, bom senso e a consciência do próprio papel como tomadora de decisões, compreendendo as consequências que essas decisões acarretam.

Venuti (2019, p.10) ainda argumenta como essas amarras às quais o campo se prende com o intuito de promover “modelos científicos de pesquisa” acabam não levando em consideração os “valores sociais envolvidos” no processo tradutório e em seu estudo, logo, buscando uma pesquisa científica que seja “objetiva ou livre de valor”, ignora-se o fato de que “a tradução, como qualquer prática cultural, acarreta a reprodução criativa de valores”. Como consequências, o autor aponta que em decorrência desse não-lugar, onde a tradução não é nem uma coisa nem outra, ocorre “um isolamento institucional”, e o campo acaba separado “dos desenvolvimentos culturais contemporâneos e dos debates que [o] revestem de significado”.

Castro e Ergun (2017) apresentam a tradução como ponto central das políticas feministas, partindo do entendimento de que a prática tradutória jamais ocorre de forma “neutra” ou como um ato inconsciente dentro do seu papel de agente mediadora. Ela funciona como uma forma essencial tanto da produção de conhecimento quanto da formação de identidades, ao mesmo tempo em que promove encontros entre culturas.

Reconhecer que tanto os Estudos da Tradução quanto a Tradução Feminista ainda não estão completamente institucionalizados e amplamente reconhecidos não deve ser encarado como algo necessariamente negativo. As pesquisas têm notado e criticado esta movimentação, então é possível encontrar soluções. As mudanças já observadas, como as modificações acerca

³¹ Tradução de Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo.

dos paradigmas envolvendo a visibilidade ou não da tradutora, indicam que o campo não se encontra estagnado mas sim aberto a atualizações e transformações.

Diante do exposto, defino esta dissertação como um trabalho quantitativo e qualitativo. O primeiro se dá pelo caráter do levantamento de dados a partir dos procedimentos bibliométricos, enquanto o segundo ocorre devido à aplicação dos métodos de análise de conteúdo empregados na leitura e interpretação das 15 monografias selecionadas para este trabalho. No capítulo seguinte, pretendo explorar mais a fundo estas duas vertentes que são essenciais para o bom desenvolvimento da metodologia desta pesquisa.

3 CORPUS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia deste trabalho é composta pelo levantamento de dados, através dos procedimentos bibliométricos, e a análise desses dados, através da Análise de Conteúdo. Neste capítulo, apresento uma contextualização e definição de ambos, além de explicar como os dois métodos foram aplicados na pesquisa e nos resultados.

3.1 Os Estudos Bibliométricos

Nos últimos anos, houve um avanço “da ciência e das inovações tecnológicas, e é notório o aumento de estudos que permitem avaliar a produção acadêmica das mais diversas áreas do conhecimento, os denominados estudos bibliométricos” (Esqueda, 2020, p.21). Os dados levantados através destes procedimentos podem, como aponta Vanti (2002, p.152), medir “taxas de produtividades dos centros de pesquisa e dos investigadores individuais, para a detecção daquelas instituições e áreas com maiores potencialidades e para o estabelecimento das prioridades no momento da alocação de recursos públicos”.

Marileide Dias Esqueda (2022, p.22) atesta a relevância dos estudos bibliométricos nas análises de produção científica de um país, já que “seus indicadores podem retratar o comportamento e desenvolvimento das áreas do conhecimento”. Portanto, ao permitir que possíveis diferentes resultados sejam encontrados — em comparação com outras formas de levantamento de dados —, a bibliometria abre caminho para que sejam feitas diversas inferências a partir de um *corpus* compilado e organizado a esses fins.

Segundo Vanti (2002), o termo bibliometria foi usado pela primeira vez em 1934, mas só se popularizou em 1969, quando Alan Pritchard sugeriu que a palavra bibliometria — inicialmente bibliotecometria — substituisse o termo “bibliografia estatística”, em uso desde 1922. Cesar A. Macias-Chapula (1998, p.134), a partir de Jean Tague-Sutcliffe (1992), define a bibliometria como: “o estudo dos aspectos quantitativos da produção, disseminação e uso da informação registrada”, que “desenvolve padrões e modelos matemáticos para medir esses processos, usando seus resultados para elaborar previsões e apoiar tomadas de decisão”.

Como possibilidade de aplicação dos procedimentos bibliométricos que interessam a esta pesquisa, Vanti (2002, p.155) cita, entre outros: 1) “identificar as tendências e o crescimento do conhecimento em uma área”; 2) “prever tendências de publicação”; 3) “estudar a dispersão e a obsolescência da literatura científica”; e 4) “medir o crescimento de

determinadas áreas e o surgimento de novos temas”. Essas quatro situações se aplicam diretamente aos meus objetivos, já que busco descobrir os temas que se repetem entre as monografias do *corpus*, além de encontrar possíveis tendências entre elas — que indicariam dentro desta amostragem uma tendência do campo —, e os textos que mais circulam entre elas. Este último, especificamente, será estudado com mais profundidade no subcapítulo 4.1.7 Referências.

3.2 A Análise de Conteúdo

Este subcapítulo apresenta a Análise de Conteúdo como metodologia para a análise dos dados obtidos através do levantamento bibliométrico. Como apontam Rosana Maria Mendes e Rosana Giaretta Sguerra Miskulin (2017), para realizar a análise de conteúdo é preciso determinar um centro, que para esta dissertação é a Tradução Feminista, tanto nas análises como no levantamento.

Optei por utilizar a Análise de Conteúdo como metodologia pela continuidade que ela oferece ao levantamento realizado pelos procedimentos bibliométricos, auxiliando na clareza de observação do *corpus* e confiabilidade nas interpretações das respostas encontradas. Após selecionar as monografias como objeto de estudo, apliquei a metodologia de Análise de Conteúdo definida por Laurence Bardin³² (2011, p.48) como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens.

Para evitar o problema que Mendes e Miskulin (2017) apresentam, sobre uma percepção equivocada de uma primeira leitura dos dados, decidi não trabalhar apenas com os metadados das monografias, ainda que tenha incluído também os resumos dos trabalhos, pois percebi que seria necessária a leitura de todas as monografias (ou trabalhos de conclusão de curso de graduação) do *corpus*. Tendo apresentado as configurações que levaram à escolha da metodologia de Análise de Conteúdo, descrevo agora os passos seguidos como proposto por Bardin (2011).

³² Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro.

Da primeira etapa, de pré-análise, três processos foram usados: “leitura flutuante”, “escolha dos documentos” e “preparação do material”. Na primeira, “leitura flutuante”, na qual “podem surgir intuições que convém formular em hipóteses” (Bardin, 2011, p.68), elaborei a Tabela 1, que apresenta um resumo dos metadados selecionados, com exceção dos resumos (Apêndice) e das Referências. Uma das hipóteses que surgiu nesta etapa, e que depois se confirmou nas análises, foi a repetição de mais de uma professora orientadora por trabalho. Este metadado, inclusive, não fazia parte do planejamento inicial desta pesquisa e foi acrescido como resposta a essa primeira leitura do *corpus*.

O processo seguinte, “escolha dos documentos”, como destaca Bardin (2011, p.126), pode ser feito *a priori*, que foi o caso para este trabalho. A escolha pelas monografias, como já explicado anteriormente, se deu por fatores externos à Análise de Conteúdo, ainda que seja interessante apontar para a relação entre eles. Dentro da “escolha dos documentos”, no entanto, a autora cita a “constituição do *corpus*”, na qual apresenta quatro regras que foram cumpridas em minha pesquisa. A primeira, da exaustividade, dita que nenhum elemento pode ser deixado de fora do *corpus* sem uma justificativa válida. Das 15 monografias encontradas, nenhuma foi retirada do *corpus* desta dissertação.

A segunda regra, da representatividade, é ilustrada por Bardin (2011, p.127) como uma análise que pode “efetuar-se numa amostra” que esteja propícia para este fim. O recorte deve ser rigoroso, “se a amostra for uma parte representativa do universo inicial. Neste caso, os resultados obtidos para a amostra serão generalizados ao todo”. Utilizar os procedimentos bibliométricos para o levantamento inicial possibilitou a obtenção de resultados que talvez não fossem alcançados por outros métodos, mas não significa que tenham se esgotado todas as possibilidades de dados dentro dos parâmetros delimitados. É importante ressaltar que, ainda que meus resultados sejam válidos e que possam agregar conhecimentos ao campo da Tradução Feminista, não podem ser considerados como representativos da totalidade dos resultados possíveis.

A terceira regra, da homogeneidade, dita que os documentos do *corpus* “devem ser homogêneos”, ou seja, “devem obedecer a critérios precisos de escolha e não apresentar demasiada singularidade fora desses critérios” (Bardin, 2011, p.128). Todos os textos aqui trabalhados são monografias, ainda que difiram nos metadados, como data de defesa e instituição, por exemplo.

A última regra, da pertinência, estabelece que os documentos utilizados “devem ser adequados, enquanto fonte de informação, de modo a corresponderem ao objetivo que suscita

a análise” (Bardin, 2011, p.128). Esse critério é cumprido ao se utilizar monografias para entender os temas que têm circulado dentro da graduação.

O terceiro e último processo da “pré-análise” é a “preparação do material” que Bardin (2011, p.130) explica ser o momento antes da análise, no qual o material que foi organizado deve ser reunido e depois passar pelo que a autora chama de “preparação formal” ou, em outras palavras, “edição”. Este processo foi importante na separação dos metadados que seriam analisados e na escolha da melhor forma de apresentá-los neste texto. Por exemplo, decidi incluir os resumos comentados em um apêndice, em vez de inseri-los diretamente no corpo do texto, para evitar interrupções na leitura.

Na etapa de “exploração do material”, o *corpus* é analisado mais a fundo e “os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos (falantes) e válidos”, permitindo “estabelecer quadros de resultados, diagramas, figuras e modelos, os quais condensam e põem em relevo as informações fornecidas pela análise”. (Bardin, 2011, p.131). Assim, os resultados obtidos permitem que sejam feitas inferências e interpretações correspondentes aos objetivos propostos, ou ainda, que surjam respostas não previstas. Esse processo, que a autora chama de codificação, é, essencialmente, lidar com o material. “A codificação”, explica Bardin (2011, p.133), “corresponde a uma transformação — efetuada segundo regras precisas — dos dados brutos do texto”, de forma que “por recorte, agregação e enumeração, [essa transformação] permite atingir uma representação do conteúdo ou da sua expressão; suscetível de esclarecer o analista acerca das características do texto”. Essa codificação pode ser feita através de três escolhas: 1) o recorte, que seria a escolha das unidades; 2) a enumeração, sobre a escolha das regras de contagem; e 3) a classificação e a agregação, na qual ocorre a escolha das categorias.

Dentro do recorte, encontram-se duas opções de unidades: as de registro e as de contexto. Bardin (2011, p.134) define as unidades de registro como uma “unidade de significação codificada [qu]e corresponde ao segmento de conteúdo considerado unidade de base, visando a categorização e a contagem frequencial”. Como exemplos de unidades de registro, Mendes e Miskulin (2017, p.11) sugerem: “a palavra; o tema; o personagem; o item”. Para esta dissertação, a unidade de registro escolhida foi “o tema”, já que o *corpus* é composto apenas por monografias que trabalham de alguma forma com a Tradução Feminista.

Já as unidades de contexto, funcionam como uma “unidade de compreensão para codificar a unidade de registro”, correspondendo “ao segmento da mensagem, cujas dimensões (superiores às da unidade de registro) são ótimas para que se possa compreender a significação exata da unidade de registro” (Bardin, 2011, p.137). Mendes e Miskulin (2017) explicam, em

outras palavras, que as unidades de contextos são aquelas que fornecem um significado a toda a análise. As unidades de contextos podem ser definidas a partir de dois critérios: o custo e a pertinência. São as dimensões dessas unidades que funcionam como seus determinantes.

A aplicabilidade da Análise de Conteúdo como um procedimento metodológico será apresentada no capítulo seguinte, com a apresentação dos resultados e das análises feitas a partir do levantamento exposto no próximo subcapítulo.

3.3 Levantamento, Organização e Análise do *Corpus*

Como mencionado anteriormente, esta dissertação se desenvolveu a partir de duas etapas: o levantamento bibliométrico e a Análise de Conteúdo. O levantamento bibliométrico partiu da pesquisa no software *Publish or Perish*, na categoria *title word* (ver Figura 1), o nódulo (ou palavras-chave) de busca: “tradução feminista”, na plataforma de pesquisa científica *Google Scholar*, encontrando 57 resultados, no período entre 2000 e 2023 — sem qualquer recorte temporal no software justamente para observar qual seria o ponto de partida da ferramenta. Após a organização de todos os textos encontrados, obtive os seguintes resultados: 1) 18 artigos; 2) 15 monografias; 3) 6 dissertações; 4) 6 artigos traduzidos; 5) 2 capítulos publicados em livros; 6) 4 entradas repetidas; 7) 1 resumo; 8) 1 resenha; 9) 1 minicurso; 10) 1 apresentação em congresso. Além disso, um texto não foi encontrado e um possuía acesso restrito. Feita a opção por trabalhar com as 15 monografias, os demais resultados foram descartados para esta pesquisa.

Figura 1 – Tela inicial do software *Publish or Perish*³³

³³ Descrição da imagem: A Figura 1 mostra a tela inicial do software *Publish or Perish*, com diversos resultados referentes à busca com a palavra-chave “Tradução Feminista”. Nos resultados, é possível ver o número de citações totais e por ano, a classificação, os nomes das autoras, o título, o ano de publicação, o local de publicação, a plataforma da publicação, e o tipo: *HTML* ou *PDF*.

Google Scholar search							Help	
Authors:	<input type="text"/>			Years:	0	-	0	Search
Publication name:	<input type="text"/>			ISSN:	<input type="text"/>			Search Direct
Title words:	<input type="text"/> Tradução Feminista			Clear All				
Keywords:	<input type="text"/>			Revert				
Maximum number of results:	1000	Include:	<input type="checkbox"/> CITATION records	<input type="checkbox"/> Patents				
Cites	Per year	Rank	Authors	Title	Year	Publication	Publisher	Type
99	7.07	2	SE Alvarez	Construindo uma política feminista... A tradução feminista: teorias e pr...	2009	Revista Estudos Feministas	SciELO Brasil	HTML
23	1.00	1	MFD Natalia	A tradução feminista: teorias e pr...	2000	TEXTOS DE HISTÓRIA RE...	periodicos.unb.br	HTML
16	1.14	5	CL Costa, SE Alvarez	Translocalidades: por uma política...	2009	Revista Estudos Feministas	SciELO Brasil	HTML
10	2.50	10	PH Collins, D Silva...	Pensamento feminista negro e es...	2019	Revista Ártemis	academia.edu	PDF
7	2.33	3	LC Fonseca, LR da...	Apostamentos basilares para os e...	2020	Mutatis Mutandis. Revista...	redalyc.org	PDF
4	1.33	42	C Rosas, J Bittenc...	Apontamentos basilares para os e...	2021	Belas Inféries	periodicos.unb.br	PDF
3	1.50	4	ML Waquil	Tradução feminista e o poder de ti...	2021	Editora Chefe	academia.edu	PDF
3	0.00	7	L von Flotow, TOB...	TRADUÇÃO FEMINISTA: CONTEXTO...	2018	repository.ufsc.br	repository.ufsc.br	PDF
3	0.60	39	NA Matos	... representação da personagem ...	2020	... representação da personagem ...	teses.usp.br	PDF
2	0.67	41	CA Coelho	Direito das Mulheres e Injustiça d...	2022	Revista X	revistas.ufpr.br	PDF
1	1.00	9	F Massardier-Ken...	Caminhos para uma redefinição ...	2022	Revista X	periodicos.ufs.br	PDF
1	0.10	27	RD Corrêa, RF Blu...	PREFÁCIO DE TRADUÇÃO OU MAIS ...	2013	... -Revista de Estudos em ...	repository.ufsc.br	PDF
1	0.09	40	M Pfau	Tradução do diálogo feminista en...	2012	editorarealize.com.br	editorarealize.com.br	PDF
1	0.00	54	PRF Pereira, DFA d...	... WITCH, DE ROBERT EGGERS, 20...	2020	Mutatis Mutandis ...	redalyc.org	PDF
1	0.33	56	AGE Boschmeier, ...	A tradução de Zora Neale Hurston...	2020	... WITCH, DE ROBERT EGGERS, 20...	seer.ufrgs.br	PDF
0	0.00	6	G Aimí	A Tradução Feminista	2022	Cadernos de Tradução	lume.ufrgs.br	PDF
0	0.00	8	R Bannerjee, GIA R...	A tradução feminista	2022	Cadernos de tradução ...	lume.ufrgs.br	PDF

Fonte: Elaborada pela autora.

Com os arquivos das 15 monografias, utilizei o software Mendeley para organizar os metadados dos trabalhos, já que alguns não foram reconhecidos diretamente pela ferramenta. Na Figura 2, apresento uma captura de tela da lista que organizei com as 15 monografias, apresentando o exemplo de Andrade (2021), à direita.

Figura 2 – Tela de exemplo do software Mendeley³⁴

The screenshot shows the Mendeley desktop application. On the left, a list of 15 academic papers is displayed in a grid. The first few entries include: Andrade, Maria Paula Melo de (2021) TRADUÇÃO DE ARTIGOS CIENTÍFICOS: VISIBILIDADE À TRADUÇÃO FEMINISTA; Belo, Thathiana Valesca Leite Ferreira (2021) Uma leitura feminista da tradução do conto "Love and sex among the invertebrates", de Pat Murphy; Borges, Iana Lopes da Cruz Pereira (2021) TRADUÇÃO FEMINISTA E O CONTEXTO LATINO-AMERICANO DENTRO DA OBRA SUITE TÓQUIO, DA AUTORA IANA LOPEZ DA CRUZ PEREIRA; Cerineu, Camila Saad Carneiro (2021) Tradução Inclusiva e Feminista em Nossos Corpos por Nós Mesmas; Dulci, Laura Silva (2021) A Tradução Feminista na formação da tradutora: uma proposta de disciplina optativa para os cursos de Graduação em Tradução e Intérprete; Dutra, Bruna Vidanya Silvestre (2021) Tradução, Feminismo e Direito: Uma tradução funcionalista comentada de um artigo científico jurídico feminista; Galdino, Emanuelle Sousa (2021) A TRADUÇÃO FEMINISTA DOS CONTOS "A GUERRA DE MARIA RAIMUNDA", "BOAS NOTÍCIAS" E "AURORA DOS SONHOS"; Longhi, Raquel Villas (2021) O DISCURSO FEMINISTA DE VIRGINIA WOOLF NA TRADUÇÃO DE A ROOM OF ONE'S OWN PARA O PORTUGUÊS; Medeiros, Raphael Ferreroni Paula Noronha (2021) NOSSOS CORPOS POR NÓS MESMAS: DESAFIOS A UMA TRADUÇÃO FEMINISTA DE DE OUR BODIES, OURSELVES; Moura, Leandra Patrícia Santana de (2021) GÊNERO, RELIGIÃO E TRADUÇÃO: TRADUÇÃO DE ARTIGOS CIENTÍFICOS SOBRE A PERSPECTIVA FEMINISTA; Pereira, Adriana de Jesus (2021) Diário de uma tradução feminista : Que explote todo , de Arélis Uribe; Pinheiro, Wictória Johanna Campos (2021) O FUNCIONALISMO E A TRADUÇÃO COMENTADA: UMA PROPOSTA TRADUTORIA FEMINISTA PARA O ARTIGO DE ARÉLIS URIBE. On the right, a detailed view of the paper by M. Andrade is shown. It includes the title 'TRADUÇÃO DE ARTIGOS CIENTÍFICOS: VISIBILIDADE À TRADUÇÃO FEMINISTA', the author 'M. Andrade', the year '2021', the page count '86', and the abstract: 'Segundo Collins (2019), a tradução é central para a práxis feminina. Sabendo que a tradução sempre foi uma grande aliada do movimento das mulheres, o presente trabalho tem por objetivo apresentar duas propostas de tradução de artigos científicos acerca da tradução feminista, sendo elas "Is There a Feminist Way of Studying Translation? Gender, Translation, Language, and Identity Politics" de Alka Vishwakarma e "Translating Women: From Recent Histories and Re-translation to «Queering» Translation, and Metamorphosis" de Luise Von Flotow, como uma forma de dar visibilidade ao assunto e às autoras em questão. As traduções feitas foram baseadas na teoria funcionalista, de Christiane Nord, (2016) em que o foco não é mais a equivalência, mas sim a mensagem para o público-alvo, utilizando a...'.

Fonte: Elaborada pela autora.

³⁴ Descrição da imagem: A Figura 2 mostra o exemplo de uma captura de tela do software Mendeley, com as entradas das monografias que compõem o *corpus* dessa pesquisa. Como exemplo, à direita, a tese de Andrade (2021), com o título *Tradução de Artigos Científicos: Visibilidade à Tradução Feminista*. Abaixo do título, as informações: ano; páginas; e o resumo.

A última ferramenta usada foi o *VOSviewer*, que produziu mapas relacionados às informações sobre as palavras-chave que exportei a partir da ferramenta Mendeley. A seguir, apresento uma captura de tela da tabela inicial fornecida pela ferramenta, antes de gerar o mapa com as informações solicitadas (Figura 4), elaborada a partir das 45 palavras-chave levantadas do *corpus*, na qual é possível “verificar os itens selecionados e conferir os seus respectivos números de ocorrências e a força total de seus *links*” (Freitas; Esqueda, 2020, p.49). Observa-se que nove palavras-chave possuem mais de uma ocorrência na tabela, enquanto as outras possuem apenas uma. No subcapítulo de análise, apresento de forma mais completa as relações entre elas e o que observo como resultado a partir desses números.

Figura 3 – Tabela inicial apresentada pela ferramenta *VOSviewer*³⁵

Selected	Keyword	Occurrences	Total link strength
✓	tradução feminista	13	50
✓	estudos da tradução	6	25
✓	tradução comentada	5	21
✓	tradução	3	12
✓	estudos de gênero	2	8
✓	tradução funcionalista	2	8
✓	feminismos	2	7
✓	linguagem inclusiva	2	6
✓	obos	2	6
✓	catlyn ladd	1	5
✓	trabalho sexual	1	5
✓	tradução de gênero	1	5
✓	arelis uribe	1	4
✓	autoria feminina	1	4
✓	crônica latino-americana	1	4
✓	direitos da população negra	1	4
✓	diário de tradução	1	4
✓	favela	1	4
✓	feminismo	1	4
✓	ficção científica	1	4

Fonte: Elaborada pela autora.

A etapa seguinte foi a elaboração da Tabela 1, sobre os dados referentes às variáveis estudadas nas 15 monografias, apresentada no próximo capítulo. A elaboração desta tabela foi de grande valia para este trabalho, porque a busca pelos metadados previamente selecionados — autora, ano de defesa, instituição, palavras-chave e título — acabou levando a escolha de outros — orientadora, resumos e referências.

³⁵ Descrição da imagem: A Figura 3 apresenta uma lista com as palavras-chave que mais se repetem nas 15 monografias deste *corpus*. Os elementos da figura são: Palavra-chave, ocorrências e força do link, escritas em inglês.

É importante deixar claro que o objetivo dos estudos bibliométricos não é realizar uma análise de conteúdo, e sim levantar os dados. Por isso utilizei a Análise de Conteúdo para guiar as investigações que faço no capítulo seguinte, no qual apresento os resultados do levantamento bibliométrico — Tabela 1 — e em seguida, dividido através dos metadados selecionados, realizei as análises de cada ponto, apresentando as semelhanças, diferenças e singularidades das 15 monografias selecionadas, buscando encontrar os temas que se relacionam com a Tradução Feminista, como anunciado na Introdução desta dissertação.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Dados brutos

A Tabela 1 a seguir reúne os metadados das 15 monografias levantadas pelo software *Publish or Perish*. São eles: 1) Autora; 2) Orientação; 3) Título do trabalho; 4) Palavras-chave do trabalho; 5) Filiação³⁶; 6) Ano de defesa. A Tabela 1 se apresenta em ordem alfabética, seguindo o sobrenome das autoras. Os resumos se encontram no Apêndice desta dissertação, ao passo que os dados das referências serão apenas discutidos durante a análise de conteúdo, visto que todas as monografias aqui trabalhadas podem ser acessadas de forma simples.

Tabela 1 – Dados referentes às variáveis estudadas nas 15 monografias incluídas na análise bibliométrica³⁷

Autora	Orientação	Título	Palavras-chave	Filiação	Ano de defesa
1. Maria Paula Melo de Andrade	Profª. Drª. Alessandra Ramos de Oliveira Harden	Tradução de artigos científicos: visibilidade à Tradução Feminista	Estudos da tradução; Teoria Funcionalista; Tradução Comentada; Tradução Feminista; Tradução de Artigos Científicos	Universidade de Brasília	2021
2. Thathiana Valesca Leite Ferreira Belo	Profª. Drª. Ildney Cavalcanti	Uma leitura feminista da tradução do conto “ <i>Love and sex among the invertebrates</i> ”, de Pat Murphy	Autoria Feminina; Estudos de Gênero; Ficção Científica; Pat Murphy; Tradução	Universidade Federal de Alagoas	2021
3. Iana Lopes da Cruz Pereira Borges	Profª. Drª Norma Diana Hamilton	Tradução Feminista e o contexto latino-americano dentro da obra <i>Suite Tóquio</i> , da autora brasileira Giovana Madalosso	Estudos da Tradução; Feminismos; Gênero; Identidade; Tradução Feminista	Universidade de Brasília	2022
4. Camila Saad arneiro Cerineu	Profª. Drª. Janine Maria Mendonça Pimentel	Tradução inclusiva e feminista em <i>Nossos corpos, por nós mesmas</i>	Feminismos; OBOS; Tradução Feminista; Linguagem Inclusiva	Universidade Federal do Rio de Janeiro	2022
5. Laura Silva Dulci	Prof.ª Dr.ª Silvana Maria de Jesus	A Tradução Feminista na formação da tradutora: uma proposta de	Feminismo; Formação de Tradutoras; Tradutora; Tradução Feminista; Tradução e Gênero	Universidade Federal de Uberlândia	2022

³⁶ Universidade onde o trabalho foi realizado e defendido.

³⁷ Descrição da tabela: A Tabela 1 apresenta os metadados selecionados para essa pesquisa: Autora; Orientação; Título; Palavras-chave; Filiação; e ano de defesa. A linha referente aos títulos está sombreada de cinza e se repete ao longo das páginas em que a tabela é apresentada.

Autora	Orientação	Título	Palavras-chave	Filiação	Ano de defesa
		disciplina optativa para os cursos de Graduação em Tradução			
6. Bruna Vidanya Silvestre Dutra	Prof. ^a Dr. ^a Alessandra Ramos de Oliveira Harden	Tradução, feminismo e direito: uma tradução funcionalista comentada de um artigo científico jurídico feminista	Estudos da tradução; Tradução Comentada; Tradução Feminista; Tradução de Artigo Científico Jurídico; Tradução Funcionalista	Universidade de Brasília	2023
7. Emanuelle Sousa Galdino	Prof. ^a Dr. ^a Norma Diana Hamilton	A Tradução Feminista dos contos “A guerra de maria Raimunda”, “Boas notícias” e “Aurora dos prazeres” de Maria Valéria Rezende	Identidade Cultural; Literatura Feminina Nordestina; Tradução Engajada; Tradução Feminista	Universidade de Brasília	2019
8. Raquel Villas Longhi	Prof. ^a . Dr. ^a . Sandra Aparecida Faria de Almeida.	O discurso feminista de Virginia Woolf na tradução de <i>A room of one's own</i> para o português brasileiro	Literatura Feminista; Reescrita; Teoria dos Polissistemas; Tradução; Virginia Woolf	Universidade Federal de Juiz de Fora	2018
9. Raphael Ferreroni Paula Noronha Medeiros	Prof. ^a . Dr. ^a . Janine Maria Mendonça Pimentel	<i>Nossos corpos por nós mesmas</i> : desafios a uma tradução feminista de <i>Our bodies, ourselves</i>	OBOS; Linguagem Inclusiva; Tradução Ativista; Tradução Feminista	Universidade Federal do Rio de Janeiro	2023
10. Leandra Patrícia Santana de Moura	Prof. ^a . Dr. ^a . Alessandra Ramos de Oliveira Harden	Gênero, religião e tradução: tradução de artigos científicos sobre a perspectiva feminista em textos bíblicos	Estudos da Tradução; Textos Bíblicos; Tradução Comentada; Tradução de Artigo Científico; Tradução Feminista	Universidade de Brasília	2022
11. Adriana de Jesus Pereira	Prof. ^a Dr. ^a . María del Mar Paramos Cebey	Diário de uma Tradução Feminista: <i>Que explote todo</i> , de Arelys Uribe	Arelys Uribe; Crônica latino-americana; Diário de tradução; Estudos da Tradução; Tradução Feminista	Universidade de Brasília	2021
12. Wictória Johanna Campos Pinheiro	Prof. ^a Dr. ^a . Alessandra Ramos de Oliveira Harden	O funcionalismo e a tradução comentada: uma proposta tradutória feminista para o artigo de Luise von Flotow e Joan W. Scott	SMARTCAT; Estudos de Gênero; Tradução Comentada; Tradução Feminista; Tradução Funcionalista	Universidade de Brasília	2022
13. Alexia Gonçalves Pokorski	Prof. ^a . Dr. ^a . Cleci Regina Bevilacqua Dr. ^a . Marina Leivas Waquil (Coorientação)	Tradução - Substantivo Feminino: projeto piloto de termos essenciais da Tradução Feminista em Português Brasileiro	Glossário; Linguística de <i>Corpus</i> ; Terminologia; Tradução; Tradução Feminista	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	2022

Autora	Orientação	Título	Palavras-chave	Filiação	Ano de defesa
14. Louise Gorovitz Segura	Prof. Dr. Eclair Antônio Almeida Filho	Uma Tradução Feminista de Lélia Gonzalez: de um país colonizado para um país colonizador	Direitos da População negra; Favela; Lugar do tradutor; Militância; Tradução Feminista	Universidade de Brasília	2021
15. Beatriz Hamamoto Sobral	Profª. Drª. Alba Escalante	Despindo a tradução feminista traduzindo o feminismo de Catlyn Ladd em “Strip – the making of a feminist”	Catlyn ladd; Estudos da Tradução; Trabalho Sexual; Tradução Comentada; Tradução de Gênero; Tradução Feminista	Universidade de Brasília	2021

Fonte: Elaborada pela autora.

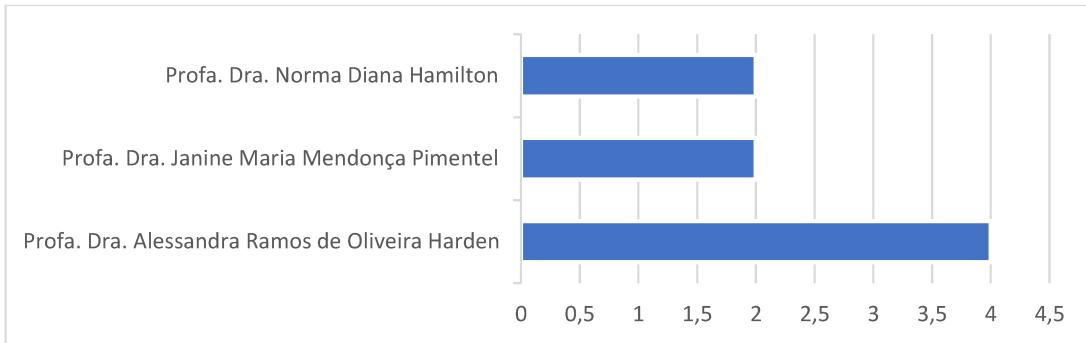
Os subcapítulos seguintes são dedicados às análises dos metadados encontrados em meus levantamentos. A categoria referente às autoras foi excluída por não haver a possibilidade de análise individual, já que os resultados não se repetem. Ainda assim, as autoras estão presentes em suas referências, quando citadas individualmente. Vale a pena citar Medeiros (2023) como o único homem presente na lista, deixando claro que, ainda que a maioria das pesquisadoras de Tradução Feminista sejam mulheres, há espaço para todos que se interessem pelo tema.

No mais, gostaria de salientar que as informações citadas neste capítulo acabam se repetindo através dos tópicos. Isso se deu pela forma como o texto foi dividido, tanto de um ponto de vista didático para uma possível leitora — de forma que os detalhes referentes a cada metadado estejam facilmente apresentados em cada subcapítulo —, quanto do ponto de vista da análise, já que busquei me orientar da forma que me parecia mais prática para evitar possíveis perdas no processo de análise.

4.1.1 Orientação

Gráfico 1 – Orientadoras com mais de duas orientações de monografia³⁸

³⁸ Descrição do gráfico: O Gráfico 1 apresenta o nome das três orientadoras que serão discutidas neste tópico à esquerda e a quantidade de orientações em azul à direita. A Profa. Dra. Norma Diana Hamilton tem duas orientações; Profa. Dra. Janine Maria Mendonça Pimentel tem duas orientações; e Profa. Dra. Alessandra Ramos de Oliveira Harden tem quatro orientações.



Fonte: Elaborada pela autora.

A orientação do trabalho não costuma ser um metadado levado em consideração em pesquisas bibliométricas, mas durante minha leitura flutuante dos dados, percebi que o nome da Profa. Dra. Alessandra Ramos de Oliveira Harden se repetia algumas vezes, o que me fez verificar se o mesmo ocorria com outras orientações, o que fica claro no gráfico acima. Logo, como podemos observar, três orientadoras se repetem nas 15 monografias estudadas: 1) Profa. Dra. Alessandra Ramos de Oliveira Harden, com quatro repetições; 2) Profa. Dra. Janine Maria Mendonça Pimentel, com duas repetições; 3) Profa. Dra. Norma Diana Hamilton, com duas repetições.

Analiso primeiro os trabalhos orientados pela professora Harden, já que esta possui a maior quantidade de resultados. A primeira semelhança lógica é a de que os quatro trabalhos foram realizados na UnB e, portanto, tal universidade passa a se sobressair nos estudos de Tradução Feminista, pelo menos em nível de graduação. Dentro das quatro orientandas de Harden, Andrade (2021) defendeu sua monografia em 2021, Moura (2022) e Pinheiro (2022) em 2022 e Dutra (2023) em 2023. Em relação aos temas das pesquisas, todos os quatro títulos apresentam alguma relação com a categoria de “tradução de artigo científico”, enquanto Dutra (2023) e Pinheiro (2022) trazem também a categoria “tradução comentada”. No que se refere às palavras-chave, temos “tradução comentada” e “tradução feminista” sendo usadas nos quatro trabalhos; “estudos da tradução” em Andrade (2021), Moura (2022) e Dutra (2023); “tradução funcionalista” em Pinheiro (2022) e Dutra (2023) — e “teoria funcionalista” em Andrade (2021) —; e “tradução de artigos científicos” em Andrade (2021) e Moura (2022), enquanto Dutra (2023) usou “tradução de artigo científico jurídico”.

A professora Hamilton também é docente da UnB, o que corrobora ainda mais a hipótese de que a instituição se encontra em destaque em relação aos estudos de Tradução Feminista na graduação. Das duas orientandas da professora, Galdino (2019) defendeu em 2019, enquanto

Borges (2022) defendeu em 2022. É interessante apontar que Hamilton acaba tendo um espaço temporal maior entre suas orientandas do que Harden, o que indica uma maior relação com a Tradução Feminista para a segunda. Como semelhanças entre as duas autoras das monografias, ambas trazem no título a proposta de tradução de uma obra de uma autora brasileira: Borges (2022) não especifica no título a extensão da tradução da obra, enquanto Galdino (2019) propõe a tradução de três contos. A única palavra-chave compartilhada pelas duas autoras é “tradução feminista”, ainda que Borges (2022) traga “identidade” e Galdino (2019) “identidade cultural”. É importante ressaltar que Galdino (2019) também apresenta, de forma singular no *corpus*, as palavras-chave: “literatura feminina nordestina” e “tradução engajada”, o que indica uma tendência de se aprofundar em aspectos mais específicos de regionalidade brasileira.

Um ponto importante a ser comentado sobre a professora Hamilton é que, na introdução de sua monografia, Galdino (2019) aponta sua orientadora como uma das pesquisadoras importantes de Tradução Feminista no Brasil, ao mesmo tempo que argumenta não ter tido um contato extenso com a disciplina durante sua graduação. Podemos inferir, portanto, que a professora Hamilton pode ter participação nas escolhas dos temas de pesquisa de suas orientandas, isto é, a Tradução Feminista. Em contraponto, quando observamos os textos usados nas 15 monografias, a professora Hamilton possuiu três entradas, duas de Galdino (2019) e uma de Borges (2022), mas nenhuma das três é propriamente sobre a Tradução Feminista, ainda que Galdino (2019) baseie sua definição dos objetivos de uma Tradução Feminista em um texto de Hamilton.

Por fim, a professora Pimentel, da UFRJ, também orientou dois trabalhos, fechando a lista de orientadoras com mais de uma orientanda. A UFRJ também é a única outra instituição, além da UnB, a possuir mais de uma entrada no *corpus* deste trabalho, embora não possamos nos esquecer que esse *corpus* esteja circunscrito nos dados recuperados pelo software *Publish or Perish* a partir da base de dados do Google Scholar. Os dois trabalhos orientados por Pimentel se relacionam com o processo de tradução da obra *Our bodies ourselves* (1971) para o português brasileiro, sob o título de *Nossos corpos por nós mesmas* (2021)³⁹. No Brasil, a tradução da obra ocorreu, justamente, com um trabalho em conjunto da UFRJ — organizada pela professora Pimentel, como afirma Medeiros (2023) — e da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), além da participação de pesquisadoras e profissionais da saúde da Universidade de São Paulo (USP) e do Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde. Em relação às

³⁹ Essas informações podem ser encontradas no site da obra: www.nossoscorpos.com.br.

palavras-chave de ambos os trabalhos, tanto Cerineu (2022) quanto Medeiros (2023) utilizam “linguagem inclusiva”, “OBOS” e “tradução feminista”, diferenciando-se apenas em “feminismos” para a primeira e “tradução ativista”, para o segundo.

É possível inferir, portanto, que tanto Harden quanto Pimentel tiveram um papel importante na definição dos temas das monografias de suas orientandas, seja como forma de sugestão — voltada para aquelas alunas que ainda não têm certeza das áreas de pesquisa pelas quais se interessam —, seja como forma de continuação de uma pesquisa das próprias professoras — como a participação de Pimentel na organização da tradução do livro *Nossos corpos por nós mesmas* (2021). As duas formas são válidas, visto que o papel da orientação é justamente este: orientar e guiar a tradutora em formação para se encontrar enquanto pesquisadora. No entanto, seria necessária uma investigação mais abrangente, possivelmente amparada na etnografia, para identificar o perfil de cada orientadora, o que não é o objetivo desta dissertação, ainda que não descarte a possibilidade de me aprofundar no tema em pesquisas futuras.

4.1.2 Título

Os títulos dos trabalhos serão usados neste subcapítulo como uma forma de delimitar os temas abordados pelas graduandas. Das 15 monografias, seis não trazem *Tradução Feminista* no título, e sim variações: Belo (2021) traz “leitura feminista da tradução”; Cerineu (2022) opta por “tradução inclusiva e feminista”; Dutra (2023) apresenta “tradução, feminismo e direito”; Longhi (2018) utiliza “o discurso feminista (...) na tradução; Moura (2022) propõe a tradução de artigos científicos sobre a perspectiva feminista; e Pinheiro (2022) trabalha com uma proposta tradutória feminista.

Nove monografias trabalham com a tradução de alguma obra. Belo (2021) apresenta a “leitura feminista da tradução” do conto “love and sex among the invertebrates”, da estadunidense Pat Murphy. Borges (2022) traz a Tradução Feminista no contexto latino-americano com o estudo do gênero dentro da obra *Suite Tóquio* (2020), da brasileira Giovana Madalosso. Cerineu (2022) e Medeiros (2023) trabalham com a tradução da obra OBOS para o português brasileiro. Galdino (2019) trabalha com três contos da também brasileira Maria Valéria Rezende. Longhi (2018) apresenta o “discurso feminista na tradução” da obra *A room of one's own*, da inglesa Virginia Woolf. Pereira (2021) estuda três crônicas presentes na obra *Que explote todo* (2017), da chilena Arelis Uribe. Pinheiro (2022) propõe a tradução de um

artigo escrito pela canadense Luise von Flotow e pela estadunidense Joan W. Scott. Segura (2021) trabalha com três capítulos do livro *Primavera para as rosas negras* (2018) da brasileira Lélia Gonzales. Sobral (2021) realiza uma pesquisa com seis capítulos do livro *Strip – The making of a feminist* (2018), da estadunidense Catlyn Ladd.

O uso de outras palavras nos títulos também me chamou a atenção. Andrade adota a expressão “visibilidade à Tradução Feminista”, através do contexto da tradução de artigos científicos e levando o leitor a entender que a tradução desses artigos abre o caminho para que a Tradução Feminista ganhe essa visibilidade. Ao chamar de “leitura feminista da tradução”, Belo (2021) coloca sobre si, e sua interpretação, a responsabilidade de perceber os aspectos feministas do conto selecionado. Cerineu (2022) especifica que, além de feminista, a tradução também é “inclusiva”. Esse detalhe é importante por ser um trabalho que trata da obra OBOS, cuja proposta é ser um veículo tanto da luta feminista quanto da inclusão. Longhi (2018) opta pelo uso de “discurso feminista”, ainda que não deixe muito claro ao longo de seu texto o que considera um discurso. Em contrapartida a Cerineu (2022), Medeiros (2023), que trabalha dentro do mesmo contexto, utiliza “desafios da tradução”, apresentando no título um enfoque diferente da autora, criando quase um contraste entre pontos positivos e negativos da tradução de *Nossos corpos por nós mesmas* entre as duas monografias. Similar a Belo (2021), Moura (2022) opta por “perspectiva feminista”, o que acaba “criando uma lente” através da qual pretende interpretar e realizar a tradução dos textos bíblicos de seu *corpus*. Pereira (2021) também realiza uma tradução comentada em sua monografia, porém, diferentemente das colegas, a autora escolhe intitular a atividade de “diário de uma Tradução Feminista”, o que me parece um movimento interessante, lançando mão de um título chamativo e incomum, ainda que não dê muitas informações sobre o que seria esse “diário”. De maneira semelhante, Pinheiro (2022) utiliza “proposta tradutória”, já que havia apresentado a fundamentação da Tradução Comentada no início do título; e Sobral (2021) emprega “despindo a Tradução Feminista”, seguindo o mesmo caminho de utilizar uma palavra mais chamativa para o título, apresentando assim também uma análise de tradução. Segura (2021) já escolhe uma perspectiva alternativa, porém não menos importante da Tradução Feminista: o conceito de colonização e decolonização da linguagem através das estratégias de “estrangeirização” e “domesticção” — essas duas apresentadas apenas já no resumo.

Os casos de Dutra (2023) e Pinheiro (2022) são semelhantes e apresentam um fator diferente das demais. As duas monografias trazem variações da combinação entre Teoria Funcionalista, de Christiane Nord, e Tradução Comentada: “a tradução funcionalista

comentada” (Dutra, 2023) e “O funcionalismo e a tradução comentada” Pinheiro (2022). Além dessa semelhança, vale reiterar que as duas são orientadas pela professora Harden, que apresenta diversas vezes ao longo dos dados uma predileção pela Teoria Funcionalista. Apresentar, já no título, parte de sua fundamentação teórica indica, a meu ver, que ambas as teorias possuem forte relevância dentro dos dois trabalhos.

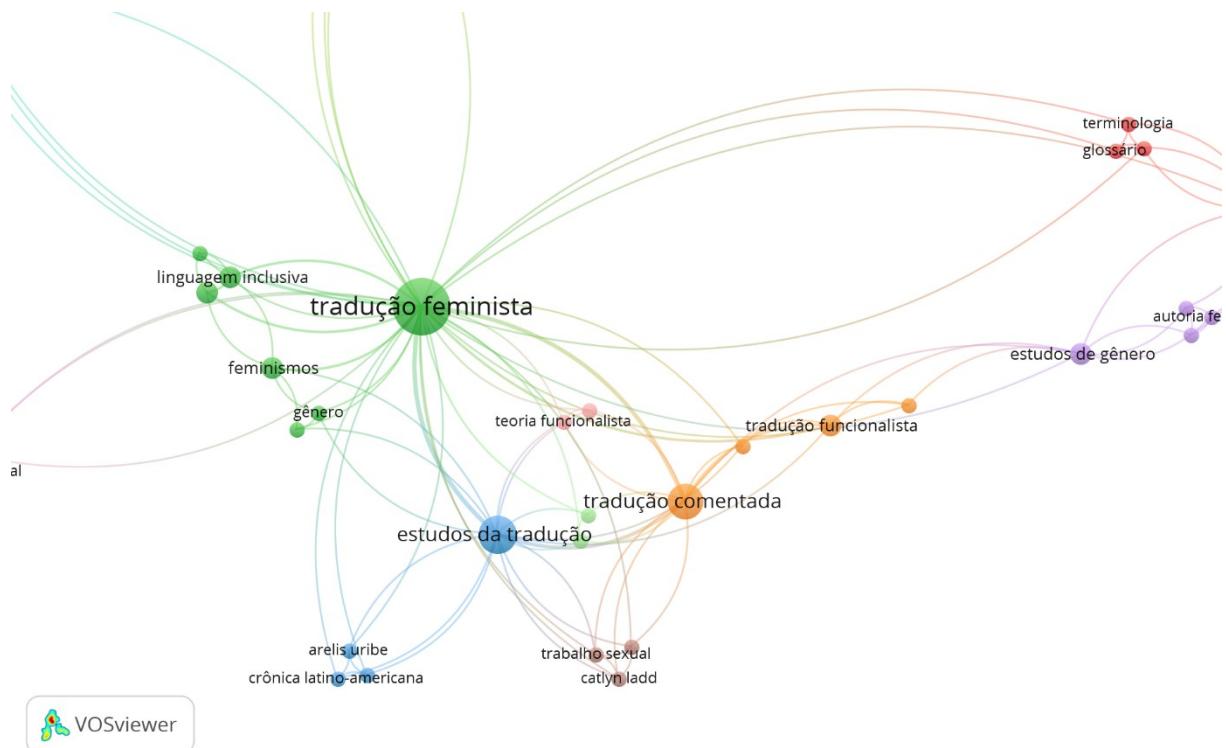
Por fim, outros detalhes merecem atenção. Borges (2022) delimita sua análise ao “contexto latino-americano”, o que de certa forma justifica a escolha da obra a ser estudada. Além disso, a graduanda também apresenta o nome da autora, Giovana Madalosso, antecedido por “da autora brasileira”, deixando marcada a questão de se tratar de uma obra do Brasil. Já minha monografia, Dulci (2022), é a única a tratar do aspecto de ensino com “formação da tradutora”, provando, ainda que apenas dentro deste *corpus*, que minha hipótese sobre a defasagem na parte de Ensino de Tradução Feminista estava correta, qual seja, de que há poucos trabalhos na interface entre Tradução Feminista e Ensino de Tradução. Ainda tratando de monografias com temas singulares, Pokorski (2022) é a única autora a fazer um “projeto piloto” de um glossário envolvendo termos da Tradução Feminista. Além de ser um trabalho que pode ser usado para diversas pesquisas, preenchendo uma lacuna voltada para questões de terminologia dentro do campo, é interessante observar um trabalho que acaba fugindo de temas mais *seguros*, como a própria Tradução Comentada, propondo trabalhos mais singulares. Com “temas seguros” quero dizer que os Estudos da Tradução já exercitam há muito tempo a metodologia da Tradução Comentada. Isso, é claro, não tira o mérito das outras monografias, que embora tenham optado por esse viés mais *seguro*, fizeram-no através de perspectivas importantes e relevantes para o mundo contemporâneo, como a Tradução Feminista se propõe a fazer constantemente.

4.1.3 Palavras-chave

A ferramenta *VOSviewer*, muito usada nos procedimentos bibliométricos, “possibilita a construção de mapas bibliométricos, em especial no que se refere às aferições das palavras-chave (...) em determinado *corpus* em escrutínio” (Freitas; Esqueda, 2020, p.41-42). Na Figura 4, apresento um mapa de rede fornecido pela ferramenta após inserção dos metadados que compilei das monografias, cujo objetivo é mostrar a força das relações entre as palavras-chave oferecidas. É possível perceber, na imagem abaixo, que “tradução feminista” possuiu o maior

número de ligações, sendo a palavra-chave de maior destaque. Em seguida, as palavras-chave mais proeminentes são “Estudos da Tradução” e “Tradução Comentada”.

Figura 4 – Mapa de rede das palavras-chave das 15 monografias⁴⁰



Fonte: Elaborada pela autora.

Dentre as palavras-chave levantadas, “tradução feminista” é a palavra-chave mais usada nas monografias — apenas Longhi (2018) e Belo (2021) não a escolheram como uma palavra-chave. A primeira optou por “literatura feminista”, enquanto a segunda utilizou “estudos de gênero” e “autoria feminina”. Ocorre também um distanciamento temporal entre Longhi (2018) e os demais trabalhos deste *corpus*, já que sua data de defesa é 2018.

Outro dado importante é que a palavra-chave “Estudos da Tradução”, referente ao grande campo disciplinar da prática tradutória, possui seis ocorrências. São elas: Andrade (2021); Borges (2022); Dutra (2023); Moura (2022); Pereira (2021); e Sobral (2021). Coincidemente, ou não, as seis são da UnB. Dos outros trabalhos, Belo (2021), Longhi (2018) e Pokorski (2022) escolheram apenas “tradução”; em minha monografia, Dulci (2022),

⁴⁰ A Figura 4 mostra o mapa de ligações entre as palavras-chave das 15 monografias. Quase no centro, em verde, é possível encontrar “Tradução Feminista”, como o maior resultado. Outras palavras-chave fortes: “Estudos da Tradução”, em azul; “Tradução Comentada”, em laranja; “Feminismo” em azul; e “Feminismos” em verde.

optei por “tradução e gênero”; Gandino (2019) por “tradução engajada”; Medeiros (2023), por “tradução ativista”; e Segura (2021), por “lugar do tradutor”.

O que este resultado parece mostrar é que os Estudos da Tradução ainda não estão totalmente incorporados nas pesquisas sobre Tradução Feminista. A sua baixa frequência nas monografias poderia indicar que, para as autoras tradutoras em formação, a prática tradutória funciona de forma independente do campo teórico, o que iria contra o trabalho de legitimar a Tradução dentro da academia. No entanto, levando em consideração que são trabalhos de Tradução, seria possível inferir que as monografias já estavam inseridas dentro dos Estudos da Tradução, o que faria com que o uso deste campo “perdesse seu caráter de palavra-chave” (Alves; Vasconcellos, 2016, p.392).

Outra palavra-chave que apresenta uma quantidade significativa de resultados é “tradução comentada”, utilizada por: Andrade (2021); Dutra (2023); Moura (2022); Pinheiro (2022); e Sobral (2021). De todas as autoras citadas, apenas Sobral (2021) não foi orientada pela professora Harden, ainda que também faça parte da UnB. Logo, os dados apresentam uma tendência da orientação da professora de se trabalhar com este tema.

4.1.4 Filiação

Apresento a seguir o Gráfico 2, ilustrando a quantidade de monografias produzidas por cada uma das instituições presentes em meu levantamento:



⁴¹ Descrição do gráfico: O Gráfico 2 apresenta os nomes das universidades presentes no *corpus* à esquerda e a quantidade de ocorrências, em azul, à direita. Quatro universidades possuem apenas uma entrada, enquanto a Universidade Federal do Rio de Janeiro possuiu duas, e a Universidade de Brasília possuiu nove.

É possível perceber que a UnB é a maior produtora de monografias sobre a Tradução Feminista, pelo menos no *corpus* aqui analisado, com nove entradas. Desses nove trabalhos, aponto que quatro foram orientados pela mesma pessoa: a Profa. Dra. Alessandra Ramos de Oliveira Harden: Andrade (2021); Dutra (2023); Moura (2022) e Pinheiro (2022). A Profa. Dra. Norma Diana Hamilton também apresenta um resultado notável, orientando duas alunas: Borges (2022) e Galdino (2019). Dentro do tópico das orientações, acredito que seja interessante apontar que dos nove trabalhos, apenas Segura (2021) foi orientada por um homem, o Prof. Dr. Eclair Antônio Almeida Filho.

Voltando às palavras-chave dessas nove monografias da UnB, podemos dizer que elas, em específico, apresentam resultados curiosos. Primeiro, todas as nove monografias utilizaram “Tradução Feminista” como uma palavra-chave. A outra palavra-chave mais utilizada foi “Estudos da Tradução”, com seis usos: Andrade (2021); Borges (2022); Dutra (2023); Moura (2022); Pereira (2021); e Sobral (2021). A última palavra-chave com mais resultados em comum foi “tradução comentada”, com cinco usos: Andrade (2021); Dutra (2023); Moura (2022); Pinheiro (2022); e Sobral (2021). Vale apontar que encontrei três variações de palavras-chave para *gênero*: “Gênero” (Borges, 2022); “Estudos de Gênero” (Pinheiro, 2022); e “Tradução de Gênero” (Sobral, 2021). Outra variação foi o uso do *funcionalismo*: “Teoria Funcionalista” (Andrade, 2021) e “Tradução Funcionalista” (Dutra, 2023) (Pinheiro, 2022). O uso de *artigos científicos* também sofreu algumas variações: “tradução de artigo científico” (Andrade, 2021) (Moura, 2022) e “tradução de artigo científico jurídico” (Dutra, 2023).

A segunda e única outra instituição a possuir mais de um resultado é a UFRJ. É interessante perceber aqui que Cerineu (2022) e Medeiros (2023), as duas monografias da UFRJ, escreveram trabalhos voltados para o mesmo tema: a tradução da obra *Our bodies ourselves* (1971) para o português brasileiro, intitulada *Nossos Corpos por nós mesmas* (2022). Além disso, ambas tiveram a mesma orientadora, a Profa. Dra. Janine Maria Mendonça Pimentel. Outra semelhança entre os trabalhos são as palavras-chave: 1) linguagem inclusiva; 2) OBOS; 3) tradução feminista. Os dois trabalhos possuem apenas uma palavra-chave diferente: “feminismos” (Cerineu, 2022) e “tradução ativista” (Medeiros, 2023).

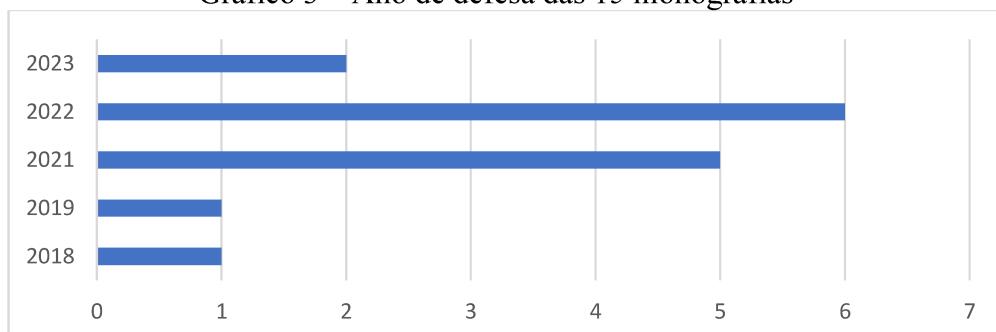
As outras instituições que aparecem no levantamento possuem apenas uma monografia que as representa. Acredito que isso não seja necessariamente um indicativo negativo, já que sinaliza que, de alguma forma, ainda que não em grande quantidade, a Tradução Feminista está chegando a estas instituições. Além disso, é possível perceber que, de uma forma geral, há na

UnB um claro interesse pelo estudo da Tradução Feminista, que pode surgir tanto da sua relação com outros campos — como a tradução comentada ou a teoria funcionalista —, quanto pela atuação individual das Profas. Dras. Harden e Hamilton. Já na UFRJ, os dados indicam que o interesse surge tanto do trabalho com a tradução da obra *Nossos corpos por nós mesmas*, o que inclusive abre o espaço para se perceber que a prática da tradução em si é uma forte criadora de interesse na tradutora em formação, quanto a partir da própria escolha da orientação pela Profa. Dra. Pimentel.

Além disso, vale chamar atenção para o fato de que, das seis instituições presentes nesta pesquisa, apenas três se encontram na região Sudeste — UFJF, UFRJ e UFU —, enquanto as outras se encontram nas regiões Centro-Oeste — UnB —, Nordeste — UFAL — e Sul — UFRGS. Ainda que a região sudeste concentre a maior variedade de instituições, é na região centro-oeste que se encontra a maior quantidade de trabalhos, deixando claro que, fugindo ao que comumente ocorre no país, o Sudeste não se destaca enquanto produtor de pesquisas sobre a Tradução Feminista.

4.1.5 Ano de Defesa

Gráfico 3 – Ano de defesa das 15 monografias⁴²



Fonte: Elaborada pela autora.

Este ponto de análise aparenta ser algo simples, por seus poucos resultados, mas traz prospecções interessantes. É possível perceber uma clara evolução e aumento até o ano de 2022, o que poderia indicar que a Tradução Feminista estaria ganhando espaço dentro da graduação. Os únicos dois resultados presentes no ano de 2023 poderiam, a princípio, desencorajar essa conclusão. No entanto, como Daniel Antônio de Sousa Alves e Maria Lucia Barbosa

⁴² O Gráfico 3 apresenta os anos de defesa à esquerda e a quantidade de entradas, em azul, à direita. São eles: 2023, com duas entradas; 2022 com seis; 2021 com 5; 2019 com uma; e 2018 com uma.

Vasconcelos (2016, p.375) afirmam que existe “a possibilidade de eventuais exclusões involuntárias”, o que se junta ao fato de que o *corpus* desta pesquisa funciona como um recorte, a partir do levantamento bibliométrico, e não pretende esgotar as possibilidades de dados.

Além disso, é preciso levar em consideração o impacto que a pandemia da Covid-2019 e suas variantes tiveram em todos os âmbitos da sociedade, inclusive o acadêmico. Como as universidades federais são autônomas, os calendários e as distribuições de aula e demais questões ficaram a cargo de cada instituição, o que pode ter gerado atrasos nas conclusões e defesas das monografias. Soma-se a isso questões de cunho pessoal das estudantes, que podem ter interferido em seus planejamentos e até mesmo em pesquisas em andamento.

4.1.6 Resumos

A etapa de análise dos resumos foi bastante desafiadora, em especial em relação à decisão de qual seria o ponto de partida de minha exposição. Buscando a forma mais direta de colocação dos resultados, apresento primeiro a língua escolhida para os resumos em língua estrangeira. Das 15 monografias, apenas três optaram por não escrever um *abstract* em inglês: Pereira (2021) e Pokorski (2022) fizeram um *resumen*, em espanhol; e Segura (2021) fez um, *résumé*, em francês. É possível inferir a partir desses dados que, ainda que o inglês seja a opção mais usada na escolha do resumo em língua estrangeira, esse idioma não possuiu o monopólio, havendo espaço para o trabalho com outros idiomas. Vale lembrar, inclusive, que a escola canadense de Tradução Feminista se inicia através da troca entre o par linguístico inglês-francês e que diversos textos importantes do campo foram escritos no idioma francófono. Quebrar o domínio do inglês enquanto *língua franca* da academia abriria espaço para o contato com culturas mais distantes, criando a possibilidade de trocas ainda não experenciadas.

Como explicado no Apêndice 1, ao final deste trabalho, realizei grifos que guiassem as leituras dos resumos, mas que também me ajudassem a apresentar as análises deste subcapítulo. Para a realização destes grifos, selecionei os objetivos, a metodologia e os resultados, que serão os primeiros pontos sobre os quais comentarei. Os demais pontos que surgirem ao longo da leitura dos resumos serão apresentados em seguida.

No que diz respeito aos objetivos propostos por cada monografia, Andrade (2021) apresenta duas propostas de tradução de artigos científicos, voltados para a Tradução Feminista; Belo (2021) coloca uma análise da tradução realizada por outro tradutor, com a finalidade de problematizar pontos relacionados à cultura da tradução sob o que a autora chama de “lentes

feministas”; Borges (2022) busca contribuir para a visibilidade das questões envolvendo gênero e feminismos, além de apresentar também os objetivos específicos do trabalho, que poderiam ser interpretados como etapas metodológicas; Cerineu (2022) propõe uma discussão sobre o projeto de tradução, e também adaptação, de OBOS para o português brasileiro. Em minha monografia, Dulci (2022), apresento como objetivo a proposta de criação de uma disciplina de Tradução Feminista para os cursos de graduação; Dutra (2023) faz a proposta de uma discussão sobre a tradução de um artigo científico jurídico para o português; Longhi (2018) pretende realizar um estudo com traduções para o português de *A room of one's own*, de Virgínia Woolf, buscando entender como publicações feitas por mulheres e feministas foram influenciadas tanto pelo contexto histórico, como pelo social no qual se inserem; Medeiros (2023) analisa a tradução de OBOS, focando nas estratégias de tradução que visavam lidar com as diferenças de marcação do gênero gramatical entre as línguas inglesa e portuguesa, mantendo o compromisso com uma linguagem mais inclusiva em relação às identidades sexuais e de gênero; Moura (2022) propõe a tradução de dois artigos sobre a tradução feminista da Bíblia; Pereira (2021) busca a valorização de Tradução Feminista como uma estratégia importante dentro do campo dos Estudos da Tradução; Pinheiro (2022) propõe a tradução de um texto, do inglês para o português, focando na publicação desta tradução dentro das diretrizes dos *Cadernos de Tradução*; Pokorski (2022) opta pela identificação e registro de termos relacionados à Tradução Feminista, no português, visando organizar um projeto piloto de glossário sobre termos que a autora considera essenciais para a Tradução Feminista; Segura (2021) realiza a tradução de três capítulos da obra selecionada; enquanto Sobral (2021) mostra um projeto de uma Tradução Feminista da seleção de seis capítulos da obra escolhida.

Um ponto interessante é que algumas autoras apresentam o objetivo do trabalho e também da tradução realizada nele. Andrade (2021) afirma que a tradução dos dois artigos busca dar foco tanto ao tema quanto às autoras dos artigos; Dutra (2023) coloca que sua tradução procura contribuir com as pesquisas e traduções feministas dentro dos Estudos da Tradução, além de gerar uma reflexão acerca de análises dentro da Teoria Feminista do Direito; Galdino (2019) coloca, sistematicamente, os objetivos da tradução — e não necessariamente da monografia —, como ressaltar a trajetória das personagens da obra enquanto mulheres nordestinas, problematizando essas questões de identidade cultural dessas personagens; o objetivo da tradução de Pinheiro (2022) é observar o papel da tradutora como agente na busca por soluções de problemas específicos durante a tradução.

Em relação à apresentação da metodologia dos trabalhos nos resumos, Andrade (2021) organiza seu trabalho a partir da tradução comentada, explicando se tratar da inserção de notas feitas pela tradutora; Borges (2022) também se apoia na tradução comentada, além de apresentar os estudos descritivos como parte de sua metodologia. Em meu resumo, Dulci (2022), apresento o caminho da investigação sobre uma disciplina de Tradução Feminista e, em seguida, a proposta elaborada por mim para a criação de uma disciplina; Dutra (2023) é mais uma autora que baseia seu trabalho na metodologia da tradução comentada; Longhi (2018) coloca como metodologia a escolha das duas traduções que serão analisadas, juntamente com suas tradutoras e datas, além das autoras que usa para cada momento de análise e a afirmação sobre se tratar de uma pesquisa qualitativa e quantitativa, com dados vindo do AntConc; Medeiros (2023) parte de uma contextualização histórica da importância da obra original, para uma discussão sobre a sua tradução; Moura (2022) também baseia sua metodologia na tradução comentada, realizando notas ao longo da tradução; Pereira (2021), buscando contribuir para os estudos da Tradução Feminista, parte da apresentação teórica sobre o gênero crônica, pela apresentação de temáticas feministas e ideológicas, e conclui o trabalho com um diário de tradução, segundo a tradução comentada; Pinheiro (2022), assim como todas as outras orientandas de Harden, apresenta a tradução comentada como metodologia, mas, diferentemente de todas as monografias aqui estudadas, a autora é a única a apresentar uma ferramenta de tradução para a tradução do texto, o *Smartcat*; Pokorski (2022) apresenta o caminho metodológico de seu trabalho, da seleção dos termos com o auxílio da ferramenta AntConc, até a elaboração das fichas terminológicas, com apresentação dos campos escolhidos; e Sobral (2021) coloca a trajetória metodológica de seu trabalho, que se inicia com o feminismo na academia, passa pela escola canadense de Tradução Feminista, e pensa, de forma crítica, a prática na contemporaneidade, trazendo para uma perspectiva de Sul global.

As demais monografias não deixaram claro, nos resumos, as metodologias propostas, mas gostaria de citar o caso de Cerineu (2022), que apresenta as etapas metodológicas do processo tradutório do OBOS, ainda que não apresente as mesmas do próprio trabalho. Segura (2021) também apresenta a metodologia de sua tradução, que envolve manter, em português, termos que ela considera principais, que auxiliam na definição da história, da cultura e da localização da autora, buscando transmitir a realidade do contexto original da obra.

Dentro dos resultados, pude perceber caminhos bem distintos, o que faz sentido, já que os trabalhos não buscavam respostas claras a perguntas previamente apresentadas, e sim propunham projetos que eles próprios funcionariam como resultados, o que é difícil de colocar

de forma sucinta em um resumo. Ainda assim, apresento que Andrade (2021) afirma que seu trabalho terá como resultado o acesso a artigos ainda desconhecidos em língua portuguesa, com comentários que expõem a presença da autora como uma agente política; Belo (2021) apresenta constatações em seu resumo, como o fato de a posição político-ideológica da tradutora influenciar suas escolhas tradutórias, principalmente em textos de autoria feminina, o que influencia na sua circulação, e também no fato de que diferentes marcadores de gênero, seja no texto original, seja na tradução, apresentam diferentes sentidos, dependendo das escolhas realizadas. Borges (2022) atesta que as estratégias tradutórias da Tradução Feminista foram de grande importância para o destaque do feminino no texto traduzido. Em minha monografia, Dulci (2022), concluo na primeira etapa de investigação de que não havia nenhuma disciplina sobre a Tradução Feminista e apresento no resumo que o final de meu trabalho culminou na apresentação da ficha de disciplina de Tradução Feminista, baseada no modelo da UFU, que elaborei. Longhi (2018) apresenta que pretende mostrar como o meio, e consequentemente o período histórico, interferem na produção de obras e traduções. A autora apresenta uma longa descrição dos resultados que, de forma resumida, apontam para avanços presentes na tradução mais recente, em comparação com a mais antiga, nas questões das mulheres e de uma linguagem mais inclusiva. Medeiros (2023) informa que, ao final de sua monografia, encontram-se trechos que apresentam o texto original e a tradução, com seus comentários. Moura (2022), além da tradução dos dois artigos, na qual tem-se como resultado a análise crítica da ação da tradutora enquanto agente político, também coloca, como resultado, a elaboração de um glossário, com termos sobre a tradução bíblica com teor feminista. Pereira (2021) compartilha a tradução das três crônicas da obra selecionada, demonstrando não só a complexidade do gênero crônica, como também os comentários da autora. Pokorski (2022) espera, essencialmente, que seu trabalho possa contribuir com a legitimação da Tradução Feminista no Brasil. Segura (2021) busca manter, em sua tradução, uma linguagem que esteja em consonância com a linguagem da obra original, que se modifica à medida que a história se desenrola. Sobral (2021), por fim, apresenta comentários na tradução que ilustram as práticas tradutórias utilizadas pela autora.

O próximo ponto ao qual gostaria de chamar atenção é a fundamentação teórica informada nos resumos. Para evitar maiores confusões, colocarei apenas o nome da teoria, sem atrelá-las a nenhuma estudiosa, visto que alguns resumos apresentam teorias semelhantes, mas autoras diferentes. A exceção, que vale o comentário, é a teoria funcionalista de Christiane Nord, que está fortemente ligada à orientação da professora Harden, como também à UnB. Outro detalhe é que algumas autoras colocam a tradução comentada como fundamentação

teórica, mas optei por encaixá-la na metodologia, como apontado anteriormente. Além disso, Belo (2021) é a única autora que cita, no resumo, a própria orientadora, como parte de sua fundamentação teórica, o que também apresenta indícios de participação ativa da professora Ildney Cavalcanti nas delimitações de tema desta monografia.

Andrade (2021), Dutra (2023), Moura (2022) e Pinheiro (2022) fundamentam seus textos na teoria funcionalista; Belo (2021) utiliza teorias dos Estudos Literários, Estudos Culturais, dos Estudos da Tradução e dos Estudos de Gênero; Borges (2022) apresenta os nomes das autoras que sustentam a parte teórica de seu trabalho, mas não as teorias. Cerineu (2022) afirma que seu trabalho usa teorias de tradução que buscam entender o papel da tradutora no processo tradutório, assim como os Estudos Feministas de Tradução. Longhi (2018) apresenta a teoria dos polissistemas, a linguística de *corpus*, além de conceitos de manipulação, reescrita e patronagem, e os de simplificação, explicitação, normalização e nivelamento. Medeiros (2023) traz autoras cujas teorias norteiam de sua tradução, ativista e feminista, levando em consideração as alterações feitas no texto que fugiam das normas tradicionais do português quando se trata de gênero. Moura (2022), além do que já foi citado, também lança mão da linguística de *corpus*, da terminologia e da linguagem inclusiva. Pereira (2021) baseia-se em autoras da Tradução Feminista para explicar e defender estudos no campo, além de outras autoras para conceituar os feminismos. Pokorski (2022) fundamenta seu trabalho a partir dos Estudos da Tradução, com o enfoque na Tradução Feminista, na terminologia e na linguística de *corpus*.

Das justificativas apresentadas nos resumos, Belo pretende contribuir (2021) para um aumento nos estudos sobre escritoras mulheres, principalmente dentro da ficção científica distópica; Cerineu (2022) visa contribuir para uma sociedade mais inclusiva; Moura (2022) busca fazer com que os artigos que ela traduz sejam publicados, e consequentemente lidos, em revistas de língua portuguesa; Pokorski (2022) constata uma carência de trabalhos terminográficos dentro do campo da Tradução Feminista que compilassem termos da área, por isso o projeto piloto de glossário; e Segura (2021) acredita na importância de abrir o acesso à obra selecionada para outras línguas que não o português.

A nomenclatura do campo da Tradução Feminista é um tópico que discutido diversas vezes ao longo desta dissertação. Nos resumos, aparecem algumas variações. Cerineu (2022) chama de Estudos Feministas de Tradução, enquanto Pereira (2021) de Estudos da Tradução Feminista. Belo (2021) discute as imbricações que ocorrem entre gênero e tradução, e Galdino (2019) apresenta uma *tradução engajada feminista*. Das outras três monografias que trazem a

Tradução Feminista no resumo, Dulci (2022), Pokorski (2022) e Sobral (2021), assinalo que a última coloca o campo como um sinônimo da *tradução de gênero*.

Ainda sobre esse aspecto da linguagem, apenas Belo (2021) e Segura (2021) escrevem em primeira pessoa do singular, e as duas o fazem para se inserirem no processo tradutório e apresentar os resultados da pesquisa. Entre as autoras que marcam o feminino — Medeiros (2023), Moura (2022), Pinheiro (2022) e Segura (2021) —, especialmente ao se referirem à "tradutora", destaca-se Moura (2022). Ela, ao tratar da metodologia de tradução comentada, afirma que serão inseridas notas da tradutora, colocando o texto no feminino, ao mesmo tempo em que se insere no resumo, ainda que de forma indireta.

Todas as monografias que trabalham com obras citam tanto o nome quanto a autora do original, no entanto apenas Dutra (2023) faz um pequeno resumo do artigo que será traduzido, enquanto Cerineu (2022) e Medeiros (2023), que trabalham com a mesma tradução de OBOS, escolhem caminhos diferentes para o resumo: Cerineu discorre sobre a parceria de universidades brasileiras e outras instituições que culminaram na tradução da obra, enquanto Medeiros foca na importância da obra original. De certa forma, as duas monografias se complementam.

Em relação aos Estudos da Tradução e à prática tradutória, Andrade (2021) afirma que a tradução é um ponto central para a práxis feminina — e não feminista —, e que também sempre foi uma aliada de movimentos das mulheres. Dutra (2023) apresenta a tradução como um ato não apenas político, mas também social, que consegue moldar e transformar a sociedade, propondo reflexões ou novas realidades. Galdino (2019) toma o processo tradutório como uma atividade cognitiva. Moura (2022) introduz seu resumo com o uso da tradução para reescrita de textos bíblicos, que a autora aponta só ser possível através de uma política feminista, consciente da tradução como um ato de mediação não neutro. Pinheiro (2022) faz alusão às características da Tradução Feminista e à função social do texto que sejam pertinentes à tradução, que para a autora funciona como uma interação comunicativa. Segura (2021) afirma que a tradução não é apenas um trabalho de transposição, apontando a participação de outros agentes no processo, como as editoras por exemplo, o que as outras monografias não o fazem. No resumo, a autora pauta a tradução no processo tradutório e como este pode ser influenciado por níveis maiores ou menores de estrangeirização.

Por fim, percebe-se uma forte participação da linguística de *corpus* como ferramenta de levantamento de dados, assim como o uso da ferramenta AntConc. Além disso, é interessante notar como a tradução comentada é citada e tem relevância dentro das monografias. Aqueles

trabalhos que fazem análises de traduções, sejam elas da própria autora, sejam elas de outras tradutoras, parecem sempre buscar esse *porto seguro* da tradução comentada. Não acho que essa prática seja ruim, ainda mais que muitos dos trabalhos acabam vindo como uma sequência de trabalhos de Iniciação Científica, como discuto no tópico final desta dissertação, mas talvez o campo da Tradução Feminista precise de pesquisas que o façam avançar. Minha percepção é — e de forma alguma deixo isso como uma crítica às colegas — que os trabalhos acabaram fazendo coisas muito semelhantes, possivelmente por terem pouco tempo para a realização dos trabalhos (geralmente uma monografia é realizada em poucos meses), ainda que muitas tenham sugerido em suas justificativas que buscavam contribuir para o campo. Apenas um estudo longitudinal irá averiguar se essas graduandas seguirão suas formações em nível de mestrado e doutorado e irão adotar outras metodologias que abordem a Tradução Feminista sob o viés da pesquisa-ação, da etnografia ou até mesmo propondo mudanças nesse subcampo, com apresentação de novos questionamentos e paradigmas dentro da tradução feminista, inclusive dialogando com outros subcampos dos Estudos da Tradução, como a Tradução Audiovisual, as Tecnologias da Tradução, entre outros.

4.1.7 Referências

A princípio, levantar as referências das 15 monografias deste *corpus* visava catalogar os textos que mais se repetiam e, consequentemente, as autoras mais utilizadas. À medida que elaborava a tabela com as informações que julguei necessárias, diversos detalhes foram me chamando a atenção. Neste subcapítulo, apresento esses resultados, deixando em aberto as possibilidades para que outras pesquisas se aprofundem mais nesses elementos, acrescentando novos componentes, ou concentrando-se em novos elementos que possam ter passado despercebidos por mim.

Como aponta Vanti (2002, p.155), podemos usar os elementos recuperados em um levantamento bibliométrico “para avaliar a produtividade e a qualidade da pesquisa dos cientistas, por meio da medição com base nos números de publicações e citações dos diversos pesquisadores”. Logo, entendo que elencar os textos que mais foram utilizados nas monografias levantadas nesta dissertação pode complementar o entendimento sobre o que está sendo lido e usado de base teórica dentro do campo da Tradução Feminista no Brasil, o que, consequentemente, pode auxiliar futuras pesquisas, tanto na busca por uma bibliografia de apoio, quanto para comprovação de hipóteses possivelmente formuladas.

É importante apontar que este levantamento não funciona como uma ciência exata. Diversos fatores precisam ser levados em consideração, como o tempo que um texto e uma autora levam desde sua publicação até serem reconhecidos em sua área. Uma autora já consagrada terá, provavelmente, maior visibilidade do que alguém que está iniciando a carreira na vida acadêmica. Todo esse movimento não é constante, então o que observo nestes resultados são possíveis tendências e não constatações fixas.

Além disso, gostaria de apontar alguns detalhes técnicos da formulação da Tabela 2, feita a partir das informações presentes nas referências das 15 monografias, que se encontra no Apêndice 2 ao final desta dissertação: detalhes de edição, versão, número e data de publicação não foram levados em consideração para o mesmo texto; as diferenças entre textos originais e suas traduções foram catalogadas, mas as obras foram contadas como uma única unidade; as variações nos nomes das autoras também foram catalogadas como uma única unidade⁴³; por fim, não foram levadas em consideração autoras que se repetiam apenas na mesma monografia, exceto nos casos em que esses dados apontavam detalhes importantes, como o uso de textos da orientadora do trabalho.

Início minha apresentação justamente sobre o ponto anterior. Como apontei anteriormente, a profa. Dra. Alessandra Ramos de Oliveira Harden é a orientadora com o maior número de orientações — quatro monografias —, no entanto, apenas Pereira (2021), que não é orientada pela professora, utiliza um capítulo dela em seu trabalho: *Considerações para um projeto de (re)tradução feminista: incidents in the life of a slave girl (1861) e o modelo funcionalista de Christiane Nord* (2020). A outra entrada da professora na tabela de referências é a tradução do livro *Métodos jurídicos feministas* (2020), usado por Dutra (2023), que é sua orientanda. Essas informações, somadas às apresentadas em tópicos anteriores, levam-me a perceber que a participação da professora Harden nas escolhas das autoras parece ter mais relação com as questões jurídicas do que com a Tradução Feminista.

Quando observo as entradas referentes à Profa. Dra. Norma Diana Hamilton, as conclusões já são um pouco diferentes. Galdino (2019) usa dois textos de Hamilton — sendo um deles sua tese — para embasar sua argumentação sobre o contexto brasileiro da Tradução Feminista e Borges (2022) também usa um artigo da professora. Ambas as autoras foram orientadas por Hamilton. O interessante é perceber que as três entradas também parecem ter

⁴³ Chamo atenção especialmente para a autora Luise von Flotow que aparece nas formas Flotow e Von Flotow. Optei, neste documento, em colocar apenas Flotow, pois é a forma usada pela autora em suas publicações.

uma maior relação com o Feminismo Negro do que com a Tradução Feminista. Uma outra questão a ser pontuada é que, à exceção de sua tese, os dois artigos da professora Hamilton foram escritos em inglês, com um deles sendo publicado em uma revista brasileira, *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, e o outro em uma revista internacional, *Mutatis Mutandis: Revista Latinoamericana de Traducción*. Por fim, das três entradas, o artigo utilizado por Borges (2022) é o único com uma coautoria, do professor Israel Victor de Melo.

A última orientadora a se repetir, Profa. Dra. Janine Maria Mendonça Pimentel, possuiu duas entradas na tabela de referências e as duas são citadas por seus dois orientandos, Cerineu (2022) e Medeiros (2023). A primeira entrada, um artigo intitulado “Traduzindo o feminismo em *Nossos corpos por nós mesmas*” (2021), foi coescrito por Cerineu (2022) e por Laís Ferenzini, enquanto ambas eram bolsistas de Iniciação Científica na UFRJ. A segunda entrada da professora é a organização da tradução da obra *Nossos corpos por nós mesmas* (2021). Em relação às referências, das três orientadoras que mais orientam, Pimentel parece ser a que teve uma maior participação na escolha do tema dos dois orientandos, já que ambos trabalham com o processo tradutório da obra *Nossos corpos por nós mesmas* e ambos também participaram da tradução propriamente dita da obra.

Em se tratando das professoras que orientam apenas um trabalho, Ildney Cavalcanti, orientadora de Belo (2021), possuiu quatro entradas na tabela de referências, todas de sua orientanda: o capítulo do livro *Distopia Feminista Contemporânea: um mito e uma figura* (2003); e o livro “Mundos Gendrados alternativamente: ficção científica, utopia, distopia” (2011) – organizado juntamente com Amanda Prado; e dois capítulos deste livro, escritos por Susana Bornéo Funck e Analice Leandro. No resumo de sua monografia, Belo (2021) aponta que usa os trabalhos da professora para fundamentar a parte teórica de seu trabalho sobre a autoria feminina dentro do subgênero de ficção científica, o que, somado ao fato de Belo fazer uma análise sobre uma obra distópica, pode indicar que a escolha da professora Cavalcanti foi feita por seus históricos de trabalho com o mesmo tema.

Um outro caso interessante é o de Pokorski (2022), orientada pela Profa. Dra. Cleci Regina Bevilacqua e coorientada pela Dra. Marina Leivas Waquil. A professora Bevilacqua possuiu dez entradas na tabela de referências: sua tese (2004), escrita em espanhol; cinco capítulos de livro, sendo um também em espanhol e dois do livro de sua autoria “*Manual de Terminografia*”, lido no prelo por Pokorski; dois capítulos deste livro, um escrito por Sandra Dias Loguercio e Manuela Machado Arcos e outro escrito por Márcia Moura Silva e Manuela Machado Arcos; e dois artigos escritos em português. De todas essas entradas, apenas o artigo

Tradução e Terminologia: relações necessárias e a formação do tradutor (2017) foi utilizado por outra autora, Moura (2022), enquanto todos os outros foram usados por Pokorski (2022). Já a Dra. Waquil possui duas entradas, de dois artigos escritos em português: *A voz do tradutor no texto traduzido: a subjetividade apontada nas notas* (2014), utilizado por Cerineu (2022), e *Tradução feminista e o poder de tirar vozes do confinamento* (2021), usado por Pinheiro (2022) e Pokorski (2022). A partir desses elementos, percebo que a coorientação foi de grande valia para o trabalho de Pokorski, que buscou elaborar um glossário sobre Tradução Feminista, tendo a professora Bevilacqua assessorando pelo viés da terminologia e fraseologia, enquanto a Dra. Waquil auxiliou na parte sobre a Tradução Feminista.

As orientadoras das demais autoras não são citadas por elas nem por outras monografias. Isso pode ter ocorrido por diversos fatores: as professoras têm uma preferência pelo tema geral abordado, mas não necessariamente pesquisam sobre ele; ou a burocracia da instituição fez com que esses trabalhos fossem orientados por pessoas que não têm tanta proximidade com o tema; ou ainda as orientadoras podem preferir uma abordagem mais autônoma da orientanda, evitando sugerir textos associados a elas e diversos outros. Além disso, aponto, não como uma crítica, mas como uma observação, que Segura (2021), a única monografia deste *corpus* orientada por um homem, o prof. Dr. Eclair Antônio Almeida Filho, não possui referências voltadas diretamente para a Tradução Feminista, ainda que tenha textos de temas como racialidade e tradução, e de história.

Sobre as próprias autoras das monografias, três aparecem na tabela de referências: Andrade (2021), cuja monografia é citada por Dutra (2023) e Moura (2022), ambas também orientadas pela professora Harden; Cerineu (2022), cujo artigo sobre a tradução da obra *Nossos corpos por nós mesmas* (2021) — escrito juntamente com a orientadora Pimentel — é citado pela própria autora e por Medeiros (2023), como apontado anteriormente; e Pokorski (2022), que cita o artigo do qual ela participou da tradução, o trabalho inicial que gerou o interesse pelo tema da Tradução Feminista, e também um artigo escrito por ela, em conjunto com mais duas autoras, sobre unidades fraseológicas. É possível inferir, a partir desses dados, que Harden possui um interesse em circular textos de suas orientandas, talvez relacionados com a tendência da professora em trabalhar com a tradução de textos jurídicos. Percebo também uma relação, ainda que sutil, entre trabalhos de Iniciação Científica e eventuais pesquisas, reafirmando a importância de introduzir a tradutora em formação a trabalhos práticos de tradução no decorrer da graduação.

Em relação a números de citação feitas por mais de uma autora, trago que Luise von Flotow é a autora com mais obras citadas, com 13 entradas na tabela de referências, sendo elas: dois artigos em inglês; um artigo em francês; um artigo traduzido para o português; três livros em inglês, um escrito individualmente e dois com coorganização, uma de Farzaneh Farahzad e outras de Hala Kamal; três capítulos de livro em inglês — com Galdino (2019) citando a versão traduzida; dois livros cujos capítulos escritos por outras autoras foram citados; e uma entrevista feita com ela.

Ressalvo que Flotow é uma das fundadoras da escola canadense de Tradução Feminista e é, até hoje, reconhecida como uma importante estudiosa do tema. Não é surpresa que seja a autora mais citada entre as 15 monografias, mas um dado específico me chamou a atenção. De todas as entradas, a mais citada entre os trabalhos foi o livro *Translation and Gender: Translating in the “Era of Feminism”* (1997), ainda sem tradução para o português, utilizado por oito das 15 monografias. No entanto, a segunda entrada com maior número de referências, o artigo “Feminist Translation: Contexts, Practices and Theories” (1991), citado por seis monografias, já possui uma tradução no Brasil: “Tradução feminista: contextos, práticas e teorias” (2021), traduzida por Ofir Bergemann de Aguiar e Lilian Virginia Porto, e publicada na revista *Cadernos de Tradução*. Ainda assim, todas as monografias optaram por usar a versão original do texto, em vez da traduzida, sendo que a única defendida antes de sua publicação foi a de Galdino (2019). É possível atribuir essa movimentação a uma menor circulação do texto traduzido, por sua publicação recente, em comparação com a publicação original, realizada 30 anos antes.

Ainda que este artigo de Flotow tenha menos entradas do que seu livro, o vejo como o mais relevante para a fundamentação teórica da Tradução Feminista, devido às estratégias de tradução apresentadas pela autora e citadas por diversas monografias, como expliquei no tópico sobre Tradução Feminista desta dissertação. A relevância desse texto se faz presente tanto tempo depois de sua publicação por oferecer à tradutora feminista, principalmente a que está em formação, uma espécie de guia prático de como realizar essa tradução, saindo do campo apenas teórico, que pode ser abstrato demais para determinadas estudantes. Com suas estratégias e exemplos didáticos, Flotow ilustra de forma pragmática o que seria uma tradução feminista e como produzi-la.

Das monografias estudadas nesta dissertação, nove apresentam as estratégias elencadas por Flotow (2021), ainda que nem todas expliquem a fundo seu uso e significado, além de colocá-las, muitas vezes, com estratégias apresentadas por outras autoras. São elas:

Borges (2022), Cerineu (2022), Dulci (2022), Galdino (2019), Medeiros (2023), Moura (2022), Pereira (2021), Pokorski (2022) e Sobral (2021).

Por sua vez, a autora Olga Castro é a autora com o maior número de citações na mesma obra. Com nove entradas, temos: um artigo em espanhol; um artigo em inglês, dois artigos traduzidos; dois capítulos de livro; um livro, *Feminist Translation Studies: Local and Transnational Perspectives* (2017), organizado com Emek Ergun; e dois capítulos escritos por outras autoras nesse livro. O artigo mais citado em todas as monografias, “(Re)examinando horizontes nos estudos feministas de tradução: em direção a uma terceira onda?” (2017), foi referenciado por nove autoras, duas delas o citaram em espanhol e uma em inglês. As demais usaram a versão em português, traduzida por Beatriz Regina Guimarães Barboza e publicada pela revista *TradTerm*. Em contrapartida ao que aconteceu com o artigo de Flotow (2021), o texto de Castro possuiu uma circulação mais concreta em português, o que parece confirmar que o tempo de publicação de um texto interfere na forma como ele será lido e utilizado.

A segunda maior entrada de Castro é seu livro organizado com Ergun, que busca propor uma abertura transnacional da Tradução Feminista, movimento de grande ativismo da autora. Essa abertura visa sair dos eixos do norte global, abrindo espaço para que outras pesquisas e pesquisadoras participem dos debates. Podemos observar que esse aspecto do campo como um todo tem sido de grande importância para a expansão e conexão internacional de pesquisadoras feministas. Cada dia mais, a Tradução Feminista procura englobar temas para além das questões das mulheres, entendendo que problemas como sexismo, racismo, capacitismo, etarismo e diversos outros não podem ser enfrentados de forma individual.

Ainda que Castro seja, indiscutivelmente, um nome de grande relevância não só na Tradução Feminista como um todo, mas também na abertura transnacional do campo, algumas autoras não citaram nenhuma obra da autora: Belo (2021), Dutra (2023), Galdino (2019), Longhi (2019), Medeiros (2023), Pinheiro (2022) e Segura (2021). Entendo que seja importante trazer esse dado para quebrar a ideia de que só exista um caminho para se estudar a Tradução Feminista e que esse caminho deve ser através de determinadas autoras.

Junto com o artigo de Castro (2017), o livro de Sherry Simon, *Gender in Translation: Cultural Identity and the Politics of Transmission* (1996), também foi citado por nove monografias. A autora, assim como Flotow, é fundadora da escola canadense de Tradução Feminista, no entanto, sua única entrada é esta obra. A obra, em suma, parte da organização das pesquisadoras canadenses que viriam a formar a escola canadense de Tradução Feminista e visa abordar a relação entre Tradução e Gênero, entendendo o contexto específico do Canadá na

época, e levando em consideração a ideia de Tradução enquanto resistência e da importância de se estudar o tema através das políticas identitárias.

Dentro do contexto brasileiro, alguns pontos chamam atenção. O artigo mais citado, *Além das tradutoras canadenses: Práticas feministas de Tradução ontem e hoje* (2019), escrito por Pâmela Berton Costa e Lauro Maia Amorim, propõe uma visão para além da escola canadense, entendendo a prática de tradução feminina e feminista como algo que se encontra ao longo da história — ainda que vejam a organização no Quebec como um paradigma do campo. Vejo o grande número de citações deste artigo, inclusive em minha própria monografia, como a busca por um argumento que, ainda que não seja contrário, busque apresentar um ponto de vista não completamente fechado no contexto canadense, quando se trata de Tradução Feminista. O artigo traz, inclusive, o trabalho de Nísia Floresta, uma tradutora brasileira de grande relevância para se entender o contexto brasileiro da Tradução Feminista.

Ainda sobre Nísia Floresta e a realidade brasileira, outro artigo que merece atenção é *A tradução feminista: teorias e práticas subversivas - Nísia Floresta e a escola de tradução canadense* (2000), de Marie-France D épêche, citado por cinco monografias. A autora faz um apanhado sobre o que seria Tradução, antes de adentrar propriamente na questão na Tradução Feminista, listando pontos que mostram que esta disciplina não está tão distante dos Estudos da Tradução como algumas pensadoras sugerem. O uso deste texto é interessante justamente por fazer essa ponte, inserindo a Tradução Feminista no grande campo dos Estudos da Tradução.

Outro texto que também foi citado cinco vezes foi o capítulo “Por Que e Como Pesquisar a Tradução Comentada?” (2017), de Marie-Hélène Torres. Esse capítulo integra o livro *Literatura Traduzida tradução comentada e comentários de tradução* (2017), organizado pela própria autora, em parceria com Luana Ferreira de Freitas e Walter Carlos Costa. Dos textos mais citados — com pelo menos quatro citações —, essa é a primeira entrada a tratar de assuntos fora da Tradução Feminista. Das seis monografias que colocaram “Tradução Comentada” como uma palavra-chave, apenas Pinheiro (2022) e Sobral (2021) não citam este texto. Em contrapartida, Borges (2022) e Pereira (2021), que não usam “Tradução Comentada” como palavra-chave, fizeram uso deste texto. De todas as autoras, apenas Pereira (2021) não foi orientada nem por Harden nem por Hamilton, ainda que também seja da UnB. Percebo, assim, que além de poder ser considerada um polo de Tradução Feminista, a Universidade de Brasília também parece concentrar um interesse em Tradução Comentada.

Ainda em se tratando de Tradução Comentada, o artigo *A tradução comentada em contexto acadêmico: reflexões iniciais e exemplos de um gênero textual em construção* (2015),

escrito por Adriana Zavaglia, Carla M. C. Renard e Christine Janczur, também foi citado por cinco monografias e a única diferença entre as duas entradas é que a primeira foi citada por Borges (2022) e a segunda por Pinheiro (2022). De todas as autoras, apenas Pereira (2021) não foi orientada por Harden, o que abre caminho para a interpretação de que a professora possa ter feito a sugestão do uso deste texto, assim como do trabalho com a Tradução Comentada.

De maneira similar, o último texto a ser analisado separadamente, *Análise textual em tradução: bases teóricas, métodos e aplicação didática* (2016), um livro escrito por Christiane Nord, é citado pelas quatro orientandas da professora Harden. Das quatro, apenas Moura (2022) não traz uma palavra-chave relacionada com a teoria funcionalista de Nord em seu trabalho. Isso indica uma forte atuação da professora Harden no processo de escolha da vertente teórica a ser seguida por essas monografias. Todas as quatro autoras trabalham com a tradução de artigos científicos por algum ângulo, seja pela questão jurídica ou mesmo pela religião.

Em relação às autoras que são mais citadas — à exceção de Flotow e Castro, que já foram apresentadas —, Christiane Nord possuiu cinco entradas na tabela: quatro livros, um traduzido, um em inglês e dois em espanhol; e um artigo em inglês. Desses livros, ela participou da tradução de dois, além de ser citada em dois textos, um deles coescrito com a professora Harden. De todas as entradas referentes a Nord, como já apontado, apenas Pereira (2021), que usa um texto que cita a autora e é coescrito por Harden, não é orientada pela professora. Como Nord é a principal pesquisadora da Teoria Funcionalista dentro dos Estudos da Tradução, é certo inferir que o seu uso por todas as orientandas de Harden tem sim relação com a ação da professora.

Rosvitha Friesen Blume possuiu entradas interessantes e heterogêneas. Das seis entradas na tabela, três são artigos escritos em português — dois dos quais possuem coautoras —; uma é um livro escrito em português juntamente com Patrícia Peterle; uma é a tradução de um capítulo escrito por Flotow; e uma é uma entrevista com Flotow e escrita juntamente com Luciana Wrege Rassier publicada na revista *Cadernos de Tradução*. Entre as autoras, todas as que citaram Blume, uma professora aposentada da UFSC, são da UnB. Sobre os temas, todas as entradas da autora têm referências com questões de gênero e relações de poder.

Por fim, Claudia de Lima Costa também possuiu detalhes interessantes. Quatro artigos seus são citados nas referências, todos escritos em português, e três deles publicados no periódico *Revista Estudos Feministas*. Entre essas quatro entradas, quatro monografias citaram a autora, que aborda temas específicos sobre a Tradução Feminista e a circulação de seus textos, além de questões políticas, de colonialidade e culturais.

Como já dito anteriormente, o que me chamou muito a atenção foi a tentativa de diversas autoras em encontrar formas de apresentar os Feminismos em seus textos. Diversas foram as soluções, como dicionários, glossários, reportagens e livros. As autoras usaram teóricas clássicas dentro dos Estudos Feministas, como Simone de Beauvoir e Judith Butler, mas buscaram também usar pensadoras do Feminismo Negro, como Chimamanda Ngozi Adichie e Djamilia Ribeiro, além, é claro, de bell hooks, tão importante para a elaboração desta pesquisa. Esses dados apontam para um avanço dentro do campo, mostrando que as novas pesquisadoras procuram atender às diversas demandas dentro da Tradução Feminista.

Na introdução do livro *Translating Women: Different Voices and New Horizons* (2017), Luise von Flotow e Farzaneh Farahzad explicam que a organização da obra se deu como uma resposta ao livro anterior de Flotow, *Translating Women* (2011), que havia sido criticado por ser muito *eurocêntrico*. Com isso, visando um texto que trouxesse novos horizontes e vozes diferentes, tanto no âmbito político, como também no social e cultural, as autoras produziram esse livro para contribuir com a expansão dos Estudos da Tradução para além das conhecidas perspectivas do norte global anglo-americano e europeu. Essa movimentação de saída não é importante apenas dentro do contexto do mundo anglófono, como também das quebras de supremacia, como as questões sexistas, mas também as questões raciais e de classe social.

Galdino (2019), por exemplo, apresenta a tradução de três contos de uma autora nordestina, Maria Valéria Rezende, cuja escolha se deu, justamente, pelas características regionais das personagens femininas e das expressões que ela selecionou como objeto de análise deu sua monografia. Já Segura (2021) se questiona, nas perguntas da pesquisa de seu trabalho, se está apta a traduzir textos de uma autora negra, sendo uma mulher branca.

Em relação a dados mais gerais encontrados nas referências, apresento a Tabela 2, com a divisão, em números, das 320 entradas encontradas na tabela completa. Outras referências foram levantadas, como sites, reportagens e dicionários, mas optei por não as apresentar de forma detalhada, por não ser o foco desta pesquisa.

Tabela 2 – Dados referentes aos números brutos encontrados na tabela de referências⁴⁴

	Português	Traduzido	Inglês	Espanhol	Francês
Artigos	78	10	27	4	1
Livros	35	17	39	7	1
Capítulos de livro	24	5	19	1	-
Total	137	33	85	12	2

⁴⁴ Descrição da tabela: A tabela dois apresenta, à esquerda, as categorias artigos; livros; capítulos de livros e o valor total. Na parte superior: português, traduzido, inglês, espanhol e francês.

Fonte: Elaborada pela autora.

Interpreto os resultados da Tabela 2 como positivos para as pesquisas acadêmicas brasileiras. O número de textos em língua portuguesa, tanto originais quanto traduzidos, é muito maior do que os de língua estrangeira, o que aponta para uma certa resistência ao domínio do inglês como língua franca da ciência. Esse resultado também mostra a força das pesquisadoras brasileiras dentro dos Estudos da Tradução, já que o uso de obras em língua estrangeira não é essencial para que a pesquisa seja feita em nosso país.

Tratando-se especificamente dos textos sobre Tradução Feminista, realizei o levantamento sob a forma de três listas: 1) Todas as obras que possuíam nos títulos palavras relacionadas a Feminismo, Mulheres, Gêneros, e outras similares — com 135 resultados; 2) A mesma lista, porém apenas com trabalhos relacionados à Tradução — com 56 resultados; 3) Uma última lista contendo apenas “Tradução Feminista” ou “*Feminist Translation*”, além das variações de “Estudos Feministas da Tradução” — com 14 resultados. Foram excluídas entradas de menor teor acadêmico, como reportagens e vídeos, por uma questão de praticidade da pesquisa.

Da mesma forma que hooks (2024) afirma que a mensagem de seus livros — que não receberam atenção da grande mídia — não foi rejeitada, e sim era desconhecida, percebo que a não citação de muitos trabalhos sobre a Tradução Feminista não significa, necessariamente, que o campo tenha pouca força dentro dos Estudos da Tradução, ainda que esteja em processo de legitimação e reconhecimento. Como muitas autoras apontaram em suas monografias — e como apresentei anteriormente —, as tradutoras em formação desconhecem a mensagem, pois não têm o contato com o campo durante a graduação. Logo, como fazer uso de textos com os quais você não tem contato? Muitas autoras inclusive justificam seus trabalhos pela contribuição para uma maior disseminação da Tradução Feminista, o que é essencial para o fortalecimento do campo e sua consequente sedimentação dentro dos Estudos da Tradução.

Em contrapartida, é necessário levar em consideração que o adjetivo feminista é visto, muitas vezes, como algo negativo. Marcia Tiburi, em sua obra *Feminismo em comum: para todas, todes e todos* (2020, p.7), afirma que “feminismo é uma dessas palavras odiadas ou amadas na mesma intensidade”. Para que o campo da Tradução Feminista ganhe cada vez mais espaço e consolidação, é preciso que as pesquisas não tenham medo de se intitularem feministas. Afinal, “retirar o feminismo da seara das polêmicas infundáveis e enfrentá-lo como potência transformadora é o que há de urgente” (Tiburi, 2020, p.8).

Por fim, de uma forma mais expositiva, apresento mais alguns dados que me pareceram interessantes durante a análise da tabela de referências. Das revistas nas quais os artigos foram publicados, a *Cadernos de Tradução* possuiu sete artigos e uma entrevista; a *Revista Estudos Feministas* possuiu seis artigos; a *Revista Artemis* possuiu cinco artigos; e as revistas *Belas Infiéis* e *TradTerm* possuem quatro artigos cada. As demais revistas apresentaram dois ou menos resultados então, visando uma apresentação menos aglomerada dos dados, optei por não as apresentar.

Em relação aos livros e capítulos, livros de nove editoras de universidades brasileiras foram utilizados, com destaque para a Edufal, com seis resultados, e a Editora da UFRGS, com cinco. O maior número de publicações, no entanto, foi da editora britânica Routledge, com 20 entradas na tabela de referências. Percebe-se, pelo menos em nível internacional, um interesse da editora por livros que trabalhem não apenas como os Estudos da Tradução, mas também com a Tradução Feminista, embora não descartemos a possibilidade de seus interesses comerciais.

Por fim, os trabalhos de oito universidades brasileiras foram citados, incluindo monografias, dissertações e teses. A UFAL conta com uma dissertação; a UFJF, com uma monografia e uma dissertação; a UFPE, com uma monografia, uma dissertação e uma tese; a UFRGS, com duas monografias, uma dissertação e uma tese; a UFRJ, com uma monografia; a UFSC, com uma dissertação; a UNESP, com uma monografia e uma dissertação; e a UnB, com duas monografias, uma dissertação e duas teses.

Observa-se, a partir dos resultados apresentados, que a Tradução Feminista vem se consolidando gradualmente, assim como sua literatura. A tendência é de expansão, não apenas do campo em si, mas das pesquisas que surgem dentro dele. Ao realizar trocas que partem de textos mais clássicos, como as autoras fundadoras da escola canadense, para textos que questionam hegemonias estabelecidas dentro do campo, que embora tenha seu caráter político revolucionário, não está isento de cometer deslizes ou adotar interpretações fechadas dentro de vivências específicas, os trabalhos passam a contribuir com o estabelecimentos de diretrizes dentro do campo, em nível internacional, como também contribuem para a legitimação da Tradução Feminista brasileira.

4.2 Categorização dos tipos e temas das monografias

Com base na obra *The Map: a beginner's guide to doing research in translation studies* (2002), de Jenny Williams e Andrew Chesterman, e nas leituras das 15 monografias que compõem o *corpus* desta dissertação, busco categorizar todos os trabalhos de acordo com as áreas propostas na obra. Como explicado na introdução do livro, o objetivo de *The Map* é funcionar como “um guia para estudantes que devem apresentar pesquisas dentro dos Estudos da Tradução, tanto na forma escrita quanto na forma oral⁴⁵” (Williams; Chersterman, 2002, p.1).

O objetivo do livro não é fazer uma introdução aos Estudos da Tradução e sim funcionar como um passo a passo de como se pesquisar no campo. Como afirmam Williams e Chersterman (2002), o caráter interdisciplinar dos Estudos da Tradução pode oferecer à pesquisadora em formação um leque extremamente variado de tópicos e metodologias. Além disso, os motivos de escolha de cada pesquisa também são diversos, desde uma curiosidade sobre determinado assunto, até o desejo de se aprofundar em alguma questão pessoal. Independentemente do motivo, para as autoras, o primeiro passo é identificar a área a ser pesquisada. “Interesse pessoal e entusiasmo por seu objeto de pesquisa são vitais se você busca o sucesso⁴⁶” (Williams; Chersterman, 2002, p.2-3). Acrescenta-se a isso que:

Você pode se interessar por aprimorar nosso conhecimento geral sobre tradução ou aprimorar algum aspecto da prática de tradução. O primeiro tipo de investigação pode levar a teorias mais elaboradas, ou formas melhores de se olhar para a tradução. O segundo buscara aprimorar a qualidade da tradução, ou até elevar o status da própria tradutora⁴⁷ (William; Chersterman, 2002, p.3).

O primeiro capítulo da obra é voltado para apresentar à tradutora em formação as 12 áreas de pesquisa dentro do campo dos Estudos da Tradução. É importante ressaltar, como afirmam as autoras, que essa lista não é definitiva, servindo apenas como um ponto de partida para estudantes (Williams; Chersterman, 2002). São elas: 1) Análise Textual e Tradução; 2) Avaliação de Tradução; 3) Tradução de Gêneros Textuais; 4) Tradução Audiovisual; 5) Tradução e Tecnologia; 6) Historiografia da Tradução; 7) Ética da Tradução; 8) Terminologia

⁴⁵ Tradução minha a partir do original: “*a guide for students who are required to undertake research in Translation Studies and present it in written and/or oral form*” (Williams; Chersterman, 2002, p.1).

⁴⁶ Tradução minha a partir do original: “*Personal interest in and enthusiasm for your subject are vital if you want to make a success of it*”. (Williams; Chersterman, 2002, p.2-3)

⁴⁷ Tradução minha a partir do original: “*You might be interested in increasing our general understanding of translation or in improving some aspect of translation practice. The first kind of investigation might lead to better theories, better ways of looking at translation. The second would aim at improving translation quality or perhaps raising the status of translators themselves*” (Williams; Chersterman, 2002, p.3).

e Glossários; 9) Interpretação; 10) Processo Tradutório; 11) Formação de Tradutoras; e 12) O Ofício da Tradutora⁴⁸.

Como o objetivo deste subcapítulo é categorizar as 15 monografias de meu *corpus*, não dissertarei sobre as áreas nas quais nenhum dos trabalhos foi enquadrado. Sendo assim, as áreas que serão utilizadas são: Análise Textual e Tradução; Tradução de Gêneros Textuais; Terminologia e Glossários; e Formação de Tradutoras.

A primeira área, *Análise Textual e Tradução*, é dividida em quatro subcategorias, das quais as monografias se encaixam em duas⁴⁹: Comparação de traduções e seus Textos-Fonte (*Comparison of Translations and their Source Texts*), que consiste na comparação entre o texto traduzido e o seu original. Esse tipo de tradução lida com múltiplas versões, na mesma língua ou em línguas diferentes, a partir do mesmo original, focando em determinados aspectos, com o objetivo de encontrar padrões de correspondência entre os textos; e Tradução Comentada (*Translation with Commentary*), onde a própria pesquisadora produz a tradução, fazendo comentários ao longo do processo, explicando escolhas e soluções, ou discutindo questões envolvidas na tradução.

Dentro da categoria de “Comparação de traduções e seus Textos-Fonte”, categorizo: Belo (2021), ainda que a autora trabalhe apenas com uma tradução, aborda aspectos comparativos entre os dois textos, focando na tradução de pronomes *neutros* do inglês que foram omitidos ou traduzidos no masculino na versão em português; e Longhi (2018), que trabalha com duas traduções da obra de Virginia Woolf, buscando perceber se as críticas feitas pela autora no texto original se mantêm nas traduções.

Já em “Tradução Comentada”, incluo: Andrade⁵⁰ (2021), por buscar realizar suas traduções dando visibilidade à Tradução Feminista e colocando suas notas referentes às dificuldades, ainda que poucas, que surgiram ao longo da tradução; Borges (2022) por realizar

⁴⁸ Tradução minha a partir da lista original: “*Text Analysis and Translation, Translation Quality Assessment, Genre Translation, Multimedia Translation, Translation and Technology, Translation History, Translation Ethics, Terminology and Glossaries, Interpreting, the Translation Process, Translator Training and the Translation Profession*” (Williams Chersterman, 2002, p.1).

⁴⁹ A categoria Análise do Texto-Fonte (*Source Text Analysis*) poderia ser relacionada a alguns trabalhos que trazem questões pontuais sobre as obras e as características que deveriam ser mantidas, como o regionalismo presente em Galdino (2019) ou as palavras específicas do meio do *strip* que são usadas em inglês no Brasil (Sobral, 2021); mas a explicação presente em *The Map* envolve apenas uma análise que pode facilitar uma possível tradução, não colocando a própria tradução dos textos como uma etapa. Por esse motivo, encaixei essas monografias em outras categorias.

⁵⁰ Houve uma incerteza na categorização deste trabalho, com a possível colocação na categoria “Textos Técnicos”, porém, Williams e Chesterman (2002) trazem a questão da terminologia e sugerem áreas como medicina e economia, então optei por categorizar a monografia dessa forma, ainda que questões como normas de escrita de artigos científicos não sejam apresentadas em nenhuma das categorias.

uma tradução e acrescentar seus comentários, preocupando-se com as questões de singularidade das mulheres da América Latina; Cerineu⁵¹ (2022), por apresentar o processo tradutório do OBOS para o português, com um enfoque na linguagem inclusiva e menos marcada; Galdino (2019), por apresentar detalhes de regionalidade nordestina presentes na obra original e que a autora buscou reproduzir na tradução; Medeiros (2023)⁵² por apresentar trechos da obra traduzida, juntamente com seus comentários referentes às questões de inclusão levantadas pelo autor e os detalhes de produção da tradução; Moura⁵³ (2022), por produzir uma tradução de dois artigos científicos sobre a tradução feminista da bíblia; Pereira (2021) por buscar trabalhar não apenas com as características feministas na tradução, como também os pontos voltados para o gênero crônica; Pinheiro (2022), por sua tradução de um artigo científico, visando entender questões que relacionavam as áreas de Tradução, História e Gênero; Segura (2021), por sua tradução que buscava manter na língua estrangeira o teor do texto original, ainda que com diversas diferenças culturais e mudanças de tom entre os capítulos; e Sobral (2021) por buscar reproduzir a dicotomia presente na obra original entre os tons mais coloquiais e mais acadêmicos dos capítulos selecionados.

A próxima área a ser abordada nesta pesquisa é “Tradução de Gêneros Textuais”. Dos Gêneros elencados pelas autoras, trato aqui de “Textos Jurídicos” (*Legal Texts*), que abarca a tradução de problemas e normas dos textos jurídicos. Esta categoria abrange o texto de Dutra (2023), que trata da tradução de um texto jurídico, levando em consideração suas especificidades, e também pela afirmação da autora sobre contribuir para a área dos Estudos Feministas do Direito.

A penúltima área aqui apresentada é a “Terminologia e Glossários”, na qual as autoras não apresentam subcategorias, colocando que a área pode ser usada para objetivos teóricos ou práticos, envolvendo análises, levantamento de bibliografia e trabalho com *corpus*, além de um conhecimento básico sobre terminologia e das ferramentas necessárias para o trabalho (Williams; Chesterman, 2002). A única monografia que se encaixa nesta categoria é Pokorski

⁵¹ É importante deixar explícito que a tradução da obra *Nossos corpos por nós mesmas* (2021) ocorreu de forma coletiva.

⁵² Saliento minha escolha por essa categoria, mas vale ressaltar que a tradução da obra *Nossos corpos por nós mesmas* (2021) foi feita de forma coletiva, com a participação de Medeiros no projeto, ainda que o autor não faça a separação das partes traduzidas por ele na seção de análise.

⁵³ A categorização de Moura (2022) também abriu espaço para reflexão, pois havia a possibilidade de colocá-la na categoria de textos religiosos; no entanto, a autora deixa explícito que seu trabalho é de tradução de artigo científico, apenas com o tema bíblico. Além disso, entendo que uma das propostas da autora era a organização de um glossário, no entanto, como foi uma atividade extra e não o objetivo principal, também não a coloco na categoria de Terminologia e Glossário.

(2022), que não apenas cumpre as etapas elencadas, como produz e disponibiliza um projeto piloto de glossário que ainda não existia no campo da Tradução Feminista.

A última área a ser apresentada é a “Formação de Tradutoras”, que, assim como a anterior, possui apenas uma monografia, a minha (Dulci, 2022). Apesar de ser dividida em quatro subcategorias, nenhuma delas corresponde inteiramente à minha proposta. Apostei em “Implementação” (*Implementation*), que aborda o conteúdo, o ensino e a avaliação de determinado componente dentro dos currículos de tradução. Enquadro minha monografia nessa categoria por formular uma proposta de disciplina de Tradução Feminista que, idealmente, seria implementada nos cursos de graduação. No entanto, não me aprofundei em questões mais burocráticas e técnicas, como formas de avaliação dessa possível disciplina, devido às limitações de tempo e extensão do trabalho.

Por fim, percebo que assim como as autoras já haviam explicitado, a obra *The Map* (2002) não oferece uma definição completa facilmente associada a todas as monografias desse *corpus*. Levando em consideração a distância da obra para a primeira monografia, Longhi (2018), é possível inferir mudanças dentro dos Estudos da Tradução que acabaram influenciando esses trabalhos. Além disso, vale ressaltar que a Tradução Feminista ainda é um campo relativamente novo, com uma gama muito extensa de possibilidades de trabalhos.

Andrade (2021) e Moura (2022), por exemplo, trabalham com a tradução de artigos científicos que possuem características próprias de tradução, que difere dos outros trabalhos dentro da categoria de tradução comentada. Já Belo (2021) faz uma análise de tradução a partir de apenas um texto traduzido, ainda que Williams e Chesterman (2002) apontem que a categoria é estudada a partir de diversos exemplares de tradução. A autora justifica sua escolha por alguns motivos, dentre eles a necessidade de se estudar mais textos escritos por mulheres, principalmente dentro de gêneros de maior dominação masculina, como é a ficção científica no seu caso.

Partindo dessa discussão sobre textos escritos por mulheres, e tendo o conhecimento que eles são menos traduzidos e, até consequentemente, menos conhecidos pelo público em geral, seria quase um paradoxo esperar que determinada obra de uma determinada autora possuísse mais de uma tradução a ser estudada. A exceção, como é possível perceber neste subcapítulo, são autoras consagradas, como Virgínia Woolf (Longhi, 2018); no entanto, para cada pesquisa sobre “Um teto só seu”, quantas pesquisas são encontradas sobre Edgar Allan Poe, Arthur Conan Doyle e Oscar Wilde?

4.3 Comentários finais sobre as monografias

A leitura das monografias foi uma etapa auxiliar dos levantamentos realizados anteriormente. É importante salientar que utilizei trechos das monografias nesta etapa, mas, à exceção da minha, elas estão elencadas apenas nas referências do *corpus*, e não nas referências gerais desta dissertação.

Um dos pontos que levei em consideração foi a escrita das autoras, que se dividiu em três vertentes: escrita em primeira pessoa do singular, escrita em primeira pessoa do plural, e escrita impessoal. Particularmente, vejo a primeira opção como mais interessante para pesquisadoras que buscam não apenas realizar pesquisas de cunho feminista, mas fazer dessas pesquisas agentes de mudanças reais. Quando afirmamos que “eu” observo, concluo ou estudo algo, marcamos não apenas o “eu” pesquisadora, como apontamos mais uma mulher fazendo pesquisa. É claro que qualquer quebra de norma não é fácil e a escrita acadêmica tende a preterir o uso de “nós” — alegando, por vezes, que a escrita é uma junção entre a autora e a orientadora. Esse argumento não me cai bem, visto que a autoria do texto é de apenas uma pessoa e, ainda que o trabalho de orientação seja essencial para o desenvolvimento das pesquisas, seu objetivo é orientar e não coescriver.

Nenhuma das monografias aqui analisadas discorre abertamente sobre a forma como é escrita, o que não é um ponto negativo, já que justificar a escolha da forma de escrita não é uma prática comum. Andrade (2021), Belo (2021), Galdino (2019), Medeiros (2023), Moura (2022) — ainda que marque “nossa tradução” —, Pinheiro (2022), Pokorski (2022), Segura (2021) e Sobral (2021) empregam a primeira pessoa do singular, muitas vezes para relatar a trajetória que as levou até aquele ponto e para se inserirem no texto. Dessas autoras, Galdino (2019), Pokorski (2022), Segura (2021) e Sobral (2021) também recorrem à primeira pessoa do plural, embora não fique claro se isso ocorre por deslize ou por escolha consciente. De forma geral, todas as monografias adotam o modo impessoal da linguagem, com Cerineu (2022) e Pereira (2021) escrevendo o texto todo dessa forma, e as demais que não foram citadas optam pela primeira pessoa do plural.

Outro aspecto ao qual me atentei durante a leitura das monografias foi a maneira como as autoras lidavam com os Feminismos e como isso estava presente durante a escrita. De uma forma geral, é possível perceber textos que são abertamente militantes, enquanto outros são mais *moderados* — por falta de uma palavra melhor. Entendo isso como uma questão

interessante, porque os temas voltados para a militância — dentro dos Estudos da Tradução temos a Tradução Feminista e a Tradução *Queer*, por exemplo — tendem a não ser bem recebidos pela academia, como afirma Iara Beleli (2013). Ainda assim, a autora que escolhe trabalhar com a Tradução Feminista busca, a meu ver, elaborar um trabalho que se paute nas questões políticas que circulam as mulheres e o gênero.

Andrade (2021) argumenta a favor de maiores trabalhos dentro da Tradução Feminista, ressaltando sua importância para o resgate de mulheres esquecidas ao longo da história, tanto as escritoras quanto as tradutoras. A autora também disserta brevemente sobre a necessidade de se traduzir artigos científicos escritos em língua estrangeira para o português, para que cheguem a pessoas que não leem determinada língua, principalmente o inglês. A autora coloca que “o problema não é a ciência ser publicada em inglês, mas sim não ser publicada em outras línguas” (Andrade, 2021, p.18).

Belo (2021) reafirma a importância dos Feminismos, citando inclusive o momento pelo qual passava o país, com uma administração desastrosa da pandemia da Covid-2019. No início de seu texto, Belo apresenta uma definição de feminismo, ilustrando seu argumento com trabalhos dentro do campo, e comenta diversas vezes ao longo da monografia sobre a crítica literária feminista, forma através da qual o feminismo mais aparece em seu texto. A autora também advoga em relação ao gênero ficção científica — ao qual pertence a obra analisada por ela —, por seu domínio masculino. É interessante pontuar que a obra analisada por Belo foi traduzida por um homem, o que poderia ser usado para reafirmar esse domínio do meio, mas também mostra que as questões feministas não precisam ficar fechadas apenas ao trabalho das mulheres, já que a autora destaca certas escolhas do tradutor que podem contribuir para o caráter feminista da obra — ainda que outras escolhas não o façam, como o apagamento do “Eu” e a interpretação do apagamento da própria protagonista por Belo. Por fim, ao questionar as normas de uso do masculino genérico, Belo (2021, p.28) afirma que “(...) a colocação do masculino como neutro só reafirma o falocentrismo da sociedade, que coloca o homem cis, branco, hétero e de classe média como o padrão universal”.

Borges (2022) apresenta como objetivo de sua monografia a criação de um diálogo entre a obra selecionada e as teorias feministas, buscando “contribuir para os debates sobre questões de gênero, raça e feminismos” (2022, p.2). Além disso, a autora enfatiza que “as mulheres do mundo enfrentam diferentes tipos de opressão que podem ou não se ligarem ao seu gênero, classe, raça, sexualidade, idade, região de origem, e outros aspectos” (Borges, 2022, p.16).

Dutra (2023) encaixa seu trabalho nos “Estudos Feministas do Direito”. Além disso, a autora aponta como os estudos feministas ajudaram na luta contra “a desigualdade de gênero e a opressão contra as minorias sexuais, raciais, sociais e étnicas” (Dutra, 2023, p.13).

Cerineu (2022) explica que a tradução da obra OBOS foi realizada de forma a “atingir o objetivo de uma linguagem menos binária e mais inclusiva, englobando diferenças raciais, étnicas, de classe e também contemplando a população LGBT+” (p.11).

Longhi (2018) inicia seu texto analisando os feminismos e sua importância para a sociedade, incluindo a definição de patriarcado em uma nota, e seu impacto em diversos aspectos da sociedade, com destaque para o campo literário. A autora realiza um grande trabalho historiográfico focado na opressão das mulheres, apontando que o feminismo prega que as pessoas sejam tratadas como equivalentes, e não necessariamente iguais — um posicionamento que considero particularmente interessante. Longhi também faz uma compilação de autoras feministas e uma espécie de revisão da literatura feminista, ainda que não use esse termo explicitamente. Da mesma forma, a autora apresenta as ondas do feminismo de forma muito completa, apresentando, da mesma forma que Pereira (2021), a possibilidade de estarmos na quarta onda, impulsionada pelas tecnologias e redes sociais.

Medeiros (2023, p.5) procura perceber se a linguagem inclusiva na tradução de OBOS contempla “o público feminino e LGBT+ no Brasil”. Além disso, o autor salienta o caráter feminista e subversivo das traduções de OBOS ao explicar que elas não ocorrem de forma comercial e sim através de relações entre instituições e coletivos feministas.

Moura (2022) define os feminismos da mesma forma que o faço nesta dissertação, a partir de hooks (2024), como uma “luta contra a exploração sexista e a opressão”, que a autora repete duas vezes em sua monografia. Além disso, Moura também advoga em favor das mudanças dentro das igrejas em relação ao tratamento de textos religiosos que colocam a mulher em uma posição de inferioridade ao homem. Ela se posiciona contra o uso do discurso religioso por líderes políticos que o tomam de forma duvidosa, a fim de ludibriar a população.

Pinheiro (2021) é outra autora que usa hooks (2024) para fundamentar sua definição de feminismo, explorando a pluralidade entre as mulheres e como os feminismos visam a libertação de todas as mulheres, independente de raça, classe social, sexualidade e demais fatores. Em se tratando de sua tradução, Pinheiro apresenta termos sobre os quais foram feitas pesquisas mais específicas, entre eles “*drag*” e “*queer*”. A autora então discorre sobre questões de preconceitos contra a comunidade LGBT+ e algumas mudanças que estão sendo observadas na sociedade.

Pokorski (2022) advoga, ao longo de sua monografia, em favor não apenas da Tradução Feminista como também da ciência aberta, disponibilizando tanto o glossário quanto o *corpus* que foi usado como base para construí-lo. Além disso, a autora se posiciona abertamente contra questões de misoginia e machismo característicos do governo à época, apresentando a necessidade de maiores trabalhos dentro do espectro dos Estudos Feministas para combater essas imposições político-ideológicas. Pokorski também afirma que os feminismos são uma forma de resistência visando uma vida mais justa para todas e todos, “independentemente de suas identidades de gênero, sexuais, de sua raça, cor, entre outros” (2022, p.11).

Segura (2021) coloca, no início de seu texto, questionamentos sobre o lugar de fala, com o foco no seu lugar de fala como tradutora, por ser uma mulher branca trabalhando com uma obra escrita por uma mulher negra, “que expõe sua análise sobre raça, classe, gênero, feminismo, direitos da população negra e direitos das mulheres” (Segura, 2021, p.12). A autora também traz um enfoque para a questão colonial, colocando inclusive a própria França em cheque — já que sua tradução é do português para o francês —, e fazendo uma espécie de autocritica ao apresentar que seu francês é o da França, e não o de algum dos países colonizados por ela, como diversos países no continente africano, por exemplo. Além disso, a autora também alude aos mais de 300 anos de escravidão no Brasil e como as marcas dessa violência perduram até hoje.

Sobral (2021) disserta de forma detalhada sobre como a linguagem pode ser usada como ferramenta de opressão contra as mulheres, além de apontar os trabalhos de tradutoras mulheres no passado que já faziam críticas à sociedade e à subserviência imposta a elas. Sobral também observa que os feminismos aos quais se refere são os *mainstream* (populares), anglo-saxão e europeu. No entanto, ao colocar no plural, a autora realça o caráter plural do movimento, fazendo um contraponto do uso mais antigo com o uso mais moderno da palavra. Sobral também afirma que as histórias são narradas a partir de uma perspectiva branca e masculina, e que busca subverter esse conceito. Além disso, disserta também sobre a quebra da noção do binarismo dentro dos Estudos de Gênero como um todo, ressaltando o uso da linguagem inclusiva, e frisando a necessidade de quebra da hegemonia anglo-saxã dentro desses estudos, que seria, essencialmente, uma maior atenção para locais periféricos, como o Sul global.

Especificamente sobre a Tradução Feminista, atentei-me para alguns fatores, sendo o primeiro deles, o nome do campo usado pelas autoras. “Estudos Feministas da Tradução” é usado por Andrade (2021), Dutra (2023) e Moura (2022); “Estudos Feministas de Tradução” é usado por Cerineu (2022) e Pereira (2021); “Estudos da Tradução Feminista” é usado por

Borges (2022) e Moura (2022); “Teoria Feminista da Tradução” é usado por Sobral (2021); “Teorias Feministas de Tradução” é usado por Borges (2022); Pokorski (2022) apresenta diversas opções nos levantamentos feitos em seu trabalho; e Belo (2021) opta por “cultura da tradução sob lentes feministas” e “prática tradutória conduzida por um viés do feminismo”.

Percebo assim uma grande necessidade da chegada de um consenso em relação ao nome do campo, para fortalecer a Tradução Feminista, como também para facilitar as classificações de estudos e a procura por pesquisas na área. O leque vasto de opções dificulta essa procura, podendo cercar a visão da tradutora em formação para textos e trabalhos que lhe fossem caros, caso ela tivesse acesso a eles.

Além do nome do campo, procurei perceber como as autoras abordavam a Tradução Feminista de uma forma geral em suas monografias. Belo (2021) não explicita a Tradução Feminista, mas articula sobre a relação entre os feminismos e as práticas de tradução. A autora argumenta que o fortalecimento do feminismo aumenta o interesse na leitura de textos escritos por mulheres, ajudando a modificar o cânone dominado por homens, tanto na literatura quanto na tradução. Borges (2022) afirma que a Tradução Feminista explora formas variadas de tradução dos feminismos, entendendo a mulher como ser heterogêneo, e se colocando como uma ferramenta de visibilidade para as mulheres silenciadas por uma escrita masculinizada, dentro do cânone patriarcal. Galdino (2019) apresenta que a Tradução Feminista não recebeu visibilidade durante seus estudos na graduação — comprovando um argumento que apresentei anteriormente —, e que busca contribuir para essa maior divulgação do campo. Moura (2022) argumenta que a Tradução Feminista é uma “reivindicação necessária” das mulheres escritoras e tradutoras da história, e que tem um papel importante nas mudanças de práticas tradutórias voltadas para textos que menosprezam as mulheres. As abordagens de teor feminista da tradução, afirma a autora, “têm como propósito inicial a resistência, de maneira a desafiar o predomínio de qualquer forma de dominação” (Moura, 2022, p.24). Pinheiro (2022) aponta que a Tradução Feminista visa dar voz a quem tem menor participação na sociedade. Pokorski (2022) frisa sempre a importância de contribuir para a legitimação do campo da Tradução Feminista, buscando inspirar outras pessoas a estudarem sobre ela, que é “um terreno fértil para construção e desconstrução de relações entre traduções e mulheres em diversos sentidos” (Pokorski, 2022, p.19). Além disso, a autora pontua que os debates se estendem para a América Latina e outras regiões. Por fim, Sobral (2021) ressalta que o encontro entre os Estudos de Gênero e os Estudos da Linguagem e da Tradução também é uma atividade de cunho político.

Um ponto de divergência entre as monografias foi a adoção, ou não, da escola canadense de Tradução Feminista como um paradigma para o campo. Como explicado anteriormente, por mais que tenha consciência de que as tradutoras canadenses não foram as primeiras a traduzir buscando a quebra da linguagem patriarcal e um maior destaque para autoras mulheres, não deixo de reconhecer sua importância dentro do campo. Borges (2022), Dulci (2022), Moura (2022), Pokorski (2022) e Sobral (2021) seguem o mesmo raciocínio. Andrade (2021) apenas cita a escola canadense, sem maiores argumentos. Já Belo (2021), Cerineu (2022), Pereira (2022) e Pinheiro (2022) dissertam sobre o movimento, dentro do Canadá, mas não chamam de escola canadense de Tradução Feminista, ainda que teçam a crítica sobre serem o paradigma de início do campo.

Um outro aspecto ao qual me atentei durante a leitura das monografias foi o uso, ou não, do feminino. Em uma das primeiras reuniões com minha orientadora, a profa. Dra. Marileide Dias Esqueda, apresentei a ela que escreveria meu texto no feminino, como havia feito na monografia e como expliquei na introdução deste trabalho. Sua resposta, ainda que positiva, foi chamar minha atenção para a explicação desta decisão: eu não deveria colocar o texto no feminino simplesmente porque queria, deveria haver uma justificativa plausível para esta movimentação, ou seria uma escolha vazia, ainda que o uso do masculino genérico não exija o mesmo tipo de justificativa.

De todas as monografias deste *corpus*, apenas a minha, Dulci (2022), marca o feminino de forma explícita e explicada à leitora. Entre os outros trabalhos, diversas formas aparecem, inclusive às vezes no mesmo texto. A marcação do feminino não é algo obrigatório nos trabalhos feministas, mas, como explico tanto na monografia quanto nesta dissertação, acredito que seja uma forma de direcionamento da fala — e não de exclusão —, que marca o posicionamento político da autora. Gostaria de chamar atenção para os trabalhos de Cerineu (2022) e Pereira (2021), que ao longo do texto buscam utilizar “pessoa que traduz” e “todes” e suas variações, respectivamente, mostrando seu posicionamento através de uma opção mais inclusiva, o que também é válido. Outro ponto é que a maioria dos trabalhos que colocaram as duas opções, buscaram um enfoque no feminino colocando-o primeiro, mais uma forma de posicionamento.

Em suma, não busco fazer qualquer tipo de julgamento nesse quesito. Cada texto funciona e foi escrito de uma forma, e o não uso do feminino marcado não diminui a credibilidade ou o teor feminista de nenhuma pesquisa. Além disso, o ato de se escrever contra a norma — que sempre foi aprendida e replicada — demanda tempo e atenção. Alguns trabalhos,

por exemplo, parecem seguir o feminino marcado, ainda que não tenha explicação sobre isso, mas cometem pequenos deslizes ao longo do texto, que podem ser facilmente entendidos como vícios da escrita com o masculino genérico.

Esse uso ou não do feminino na escrita pode ser relacionado com a posição ideológica da autora, que procura se fazer presente não apenas nas traduções, mas em sua monografia. O tema ideologia ainda é complexo e apresenta visões distintas, ainda que as autoras da Tradução Feminista busquem trabalhar com um teor nem positivo nem negativo da palavra, apontando que tudo depende da pessoa que escolhe seu posicionamento ideológico, como aponta Castro (2017). Sobre as discussões acerca do termo ideologia, Alves (2022, p.228) apresenta:

a importância de se aprofundarem as discussões sobre o tema, contemplando não apenas posições antagônicas em um debate político, mas também relações subjacentes aos debates (entre elas crenças, valores, conhecimentos, relações identitárias, assimetrias de poder, contextos sociais e escolhas discursivas) e as formas como o discurso pode servir como ferramenta de construção, legitimação e/ou perpetuação de instâncias de poder (bem como de contestação e ruptura contra instâncias entronadas).

O tema ideologia é recorrente na leitura das monografias, ainda que as autoras usem o termo de forma mais livre. Andrade (2021) aponta que as questões a serem discutidas nas traduções feministas não são de cunho linguístico e sim ideológico, fazendo com que o contexto sociocultural seja levado em consideração. A autora também apresenta que cada tradução tem uma ideologia, a partir da voz da tradutora e de sua postura, o que leva a cada tradução ter seu “efeito ideológico próprio” (Andrade, 2021, p.19) — conceito interessante que acaba não sendo aprofundado pela autora —, pois se sustenta a partir das escolhas da tradutora, o que valida seu papel de agente político. Belo (2021, p.15) afirma que o cânone literário é o resultado das “tais ideologias da classe dominante e opressora da sociedade” e que “evidencia-se o forte viés ideológico que subjaz às atividades tradutórias” (p.19). Borges (2022) apresenta as pontuações de Castro (2017) sobre a não escolha de uma ideologia significar a opção pela ideologia dominante e patriarcal. Cerineu (2022, p.19) coloca que o uso da linguagem inclusiva na tradução de OBOS foi “uma decisão política e ideológica por parte da equipe do projeto”. Em minha monografia, Dulci (2022), também apresento o argumento de Castro (2017) acerca da escolha de um posicionamento ideológico na tradução. Medeiros (2023) aponta que uma tradutora que esteja “ideologicamente motivada” pode acabar se apropriando de determinado texto durante sua tradução. Pereira (2021) afirma que a tradutora pode escolher ou não intervir no texto traduzido e como isso também é resultado de seguir a ideologia dominante. Pokorski

(2022) insere as questões ideológicas dentro do contexto da Virada Cultural, além de afirmar que “a Tradução Feminista é outra prática de tradução ativista possível, que, no seu caso específico, favorece a ideologia subversiva do feminismo, e não a ideologia dominante, patriarcal” que a autora coloca como nociva para “mulheres, homens e pessoas não binárias” (Pokorski, 2022, p.17 – p.20), também fazendo alusão ao texto de Castro (2017). Sobral (2021, p.12) também afirma que após a Virada Cultural, o tradutor passa a ser visto como “um sujeito situado ideologicamente” (p.12), que atua como um mediador de culturas que influenciam a tradução, ainda que de forma inconsciente.

Em se tratando dos conceitos de tradução e do campo dos Estudos da Tradução, apresento algumas considerações. Andrade (2021) afirma que ainda que a tradução seja uma atividade antiga na sociedade e tenha um papel importante na circulação entre culturas, ela também dissemina termos misóginos e contribui para o apagamento da mulher. A autora é a que frisa mais esse ponto, não envolvendo as metáforas misóginas de tradução (Chamberlain, 1988). Em contrapartida, Andrade afirma que a tradução constrói identidades e que é preciso olhar para a tradutora como um ser político que influencia a tradução, já que esta é uma importante aliada “nas lutas sociais e nas ações coletivas” (Andrade, 2021, p.19). Belo (2021) não apresenta uma definição específica de tradução, mas aponta que esta funciona como um veículo de “disseminação de ideias”, que é direcionada por uma mentalidade decolonial, que age em contraste a visões que acabam sendo mais hegemônicas desta atividade. Borges (2022, p.3) afirma que a tradutora é uma agente “de disseminação de culturas não-hegemônicas”. Cerineu (2022) mostra que o papel da tradutora tem ganhado espaço dentro dos Estudos da Tradução, que proporciona a comunicação entre as culturas e as línguas. Em minha monografia, Dulci (2022), afirmei que a tradutora é aquela que interpreta o texto antes de traduzi-lo, e que essa tradução é um produto da combinação dos sistemas de partida e de chegada. Dutra (2023, p.14) apresenta a tradução como mais uma ferramenta “de resistência e de formação de opiniões e visões de mundo” dos Estudos Feminista contra a misoginia e o machismo. Medeiros (2023) ilustra a tradução como uma leitura de mensagens de uma língua para a outra, além de funcionar também como um processo de intermediação e o ato de fazer escolhas. Moura (2022) argumenta sobre o papel da tradução na propagação da mensagem da Bíblia e como ela também pode contribuir para a reprodução de termos misóginos que desvalorizam a mulher. A autora sustenta também que as tradutoras são seres políticos e que possuem interesses pessoais que refletem na tradução. Pinheiro (2022) também vê a tradução como um agente formador de opiniões, cujo propósito “é levar o conteúdo escrito em uma língua original para uma outra língua por meio

do tradutor” (p.20). Ao final de suas conclusões, a autora declara que seu objetivo foi parcialmente alcançado, pois entende a tradução como “uma atividade que deve ser constantemente revisada” (Pinheiro, 2022, p.43). Pokorski (2022, p.12) entende a tradução “como produto social com grande poder discursivo, é uma das maneiras de resistir por meio da linguagem e das palavras”. A autora também faz uma breve introdução para o ofício da tradução, algo que ocorre há muito tempo, e a institucionalização do campo, que é algo mais recente. Por fim, Sobral (2021, p.12) afirma que a tradução funciona como uma mediação entre textos, línguas, e culturas em que há a possibilidade da perpetuação ou subversão de estruturas sociais e culturais de poder”.

A forma de se realizar as traduções propostas também vale o comentário. Muitas das monografias se basearam na tradução comentada como metodologia, mas, dentro desse campo, encontram-se singularidades nos trabalhos. Apresento alguns detalhes interessantes: Andrade (2021) e Pinheiro (2021) utilizam a ferramenta *Smartcat* em sua tradução; Cerineu (2022) e Medeiros (2023), que fazem trabalhos sobre a tradução de OBOS, dissertam sobre o uso da adaptação e da linguagem inclusiva nas traduções, além da questão do trabalho coletivo de tradução; Moura (2022) também discorre sobre o uso da linguagem inclusiva e utiliza a ferramenta de tradução *Wordfast*; Segura (2021, p.13) faz questionamentos sobre traduzir para o francês da França e quais “implicações político-culturais de hegemonia e poder que serão suscitadas” nessa tradução. Vale ressaltar que nenhuma das monografias que traduz um texto para língua estrangeira levanta alguma dúvida desse tipo. Além disso, a autora assegura que quer representatividade em sua tradução, e também argumenta que, se o tema original da obra gera desconforto, a tradução deve fazer o mesmo. É importante ressaltar que a autora procurou não apagar os traços tanto da cultura brasileira quanto da cultura negra em sua tradução.

As escolhas das obras a serem traduzidas e analisadas por cada autora também merece uma atenção especial. Andrade (2021) escolheu seus dois artigos visando o estudo da Tradução Feminista e uma maior visibilidade para as autoras, entre elas Luise von Flotow, mas também aponta que os textos possuem ideias divergentes e que, de certa forma, se complementam. Belo (2021) escolhe sua obra pelo fato de ser uma autora mulher inserida em um gênero de maioria masculina — como afirma a autora —, a ficção científica distópica. A autora aponta que a obra possuiu metáforas que são relevantes para o estudo das relações de gênero e de poder, o que contribui para a justificativa de sua escolha. Borges (2022, p.1) aponta que o livro “retrata a heterogeneidade entre ser mulher no Brasil e nos países da língua de chegada, o inglês, a partir de diferentes raças e classes”. Além disso, Borges também visa promover o trabalho da autora.

Dutra (2023) aponta que sua escolha busca dar visibilidade para a autora, ao mesmo tempo em que contribui para as discussões dentro da área dos Estudos Feministas do Direito. Galdino (2019) afirma que pautou a escolha dos três contos da obra selecionada visando a contribuição que esta poderia ter para os estudos sobre as mulheres inseridas em sociedades patriarcais. Além disso, a autora afirma que dentre os diversos contos do livro, optou por aqueles com um maior protagonismo feminino. Longhi (2019) apresenta que sua escolha pela obra de Virginia Woolf se pautou na importância da autora dentro do contexto de produção da obra, além do teor feminista e de críticas ao patriarcado do livro — que inicialmente foi elaborado como uma palestra para uma universidade de mulheres. Medeiros (2023), além de ter participado da tradução coletiva de sua obra, também reafirma a sua proposta transgressiva e também revolucionária, por ser um livro voltado para o público feminino, baseado em perspectivas feministas e nas experiências das mulheres. Moura (2022) decide realizar um trabalho envolvendo a tradução de textos bíblicos porque afirma que o campo da Tradução Feminista necessita deste resgate histórico de traduções, já que culturalmente a mulher foi invisibilizada nestes textos, o que pede uma “análise crítica que possa ressignificar a visão patriarcal e discriminatória que inferioriza as mulheres” (Moura, 2022, p.14). Pinheiro (2022) afirma que sua escolha se deu pelo fato de o artigo selecionado ainda não ter sido traduzido, além de seu conteúdo, que a autora aponta ser pertinente para a tradução, que é uma importante atividade para a sociedade. Por fim, a autora apresenta que o texto aborda de uma forma interessante a forma como a linguagem molda uma sociedade e as mudanças que isso traz para grupos minoritários. Segura (2021) afirma que fez sua escolha pelo caráter político, militante e feminista da obra, já que ela pretende continuar a trabalhar com esses temas. Sobral (2021) argumenta que sua escolha se justifica pela importância de não apenas se ler e traduzir, como também de pensar em obras que são escritas por mulheres. A obra possui um caráter abertamente feminista, tendo sido escrita com esse objetivo, e Sobral também tem uma motivação pessoal, buscando legitimar a atividade de *pole dancer*, da qual é professora.

Das autoras que produzem traduções⁵⁴ em suas monografias, Borges (2022), Galdino (2019) traduzem uma obra em português brasileiro para o inglês; enquanto Andrade (2021), Cerineu (2022); Dutra (2023); Medeiros (2023), Moura (2022), Pinheiro (2022), Sobral (2021)

⁵⁴ Para não me alongar em um ponto que não está dentro dos objetivos deste trabalho, gostaria apenas de deixar explicitado que não farei distinção entre os conceitos de *tradução* e *versão*, apontando apenas a língua de chegada para cada monografia.

traduzem do inglês para o português brasileiro. Já Segura (2021), traduz do português para o francês; enquanto Pereira (2021) traduz do espanhol para o português.

Williams e Chesterman (2002, p.2) afirmam que “antes de embarcar na pesquisa, é essencial que você tenha um pouco de experiência prática com a tradução, seja dentro da sala de aula de cursos de tradução, seja no âmbito profissional⁵⁵”. A partir dessa colocação, é interessante perceber que algumas autoras realizaram trabalhos de pesquisa antes da escrita da monografia. Muitas delas, inclusive, com projetos dentro do mesmo tema. Belo (2021) foi bolsista de Iniciação Científica, desenvolvendo o mesmo projeto da monografia; Medeiros (2023) participou da tradução coletiva da obra OBOS; Moura (2022) participou de cursos e workshops sobre a tradução de uma bíblia de acesso livre, o que levou ao interesse por perceber as traduções de caráter misógino; e Pokorski (2022) também foi bolsista de Iniciação Científica no projeto terminológico Cone Sul (TERMISUL), em um trabalho que a ajudou na monografia, por lidar com terminologia e ferramentas da Linguística de *Corpus*.

Em contrapartida, Sobral (2021) escreve em sua monografia que recebeu uma proposta para realizar a tradução completa da obra da qual ela traduz seis capítulos em seu trabalho. A autora não deixa claro se o projeto será realizado, mas explica que houve trocas com a autora da obra sobre a questão. Moura (2022) vê a possibilidade de traduzir outros textos de cunho religioso dos dois periódicos dos quais selecionou os artigos usados em sua monografia. Pokorski (2022) também aponta que pretende expandir o projeto piloto de glossário proposto em seu trabalho.

Uma questão que me pareceu interessante nas leituras foi a forma como a Virada Cultural tem grande importância na relação entre Estudos Feministas (ou de gênero) e os Estudos da Tradução. De uma forma geral, as autoras apresentam a Virada Cultural a partir de duas vertentes: por Snell-Hornby (2006) ou por Susan Bassnett e Andre Lefevere (1990), em que não há muita diferença, visto que o primeiro se baseia no segundo para firmar conclusões, como o fato de o estabelecimento do campo disciplinar dos Estudos da Tradução vir da Virada Cultural da década de 1980 (Snell-Hornby, 2006). Em suma, essa virada consiste na mudança de paradigma dentro dos Estudos da Tradução de que o processo tradutório é unicamente linguístico para o entendimento da tradução como um ato que envolve questões culturais,

⁵⁵ Tradução minha a partir do original: “Before you embark on research it is essential that you have some practical experience of translating, whether in the translation classroom or in a professional setting” (Williams; Chesterman, 2002, p.2).

políticas e ideológicas, o que tem grande relação com a Tradução Feminista. Dentre as monografias que citam a Virada Cultural.

Um detalhe que pode parecer de menor importância, mas que carrega um posicionamento político significativo, é o uso (ou não) dos nomes completos das autoras mencionadas no texto, no momento em que são citadas pela primeira vez. Durante a apresentação de uma comunicação em que me referia justamente sobre minha monografia, coloquei nos slides disponibilizados apenas o sobrenome das autoras, tendo consciência de que tive que tomar uma decisão pelo tamanho do texto. Após as perguntas, uma das pessoas que assistia à apresentação, e com quem tive trocas muito produtivas neste evento, sugeriu que eu colocasse os nomes completos, para mostrar que são mulheres, em sua maioria. Como apontado por Perez (2022), tende-se a pensar sempre no masculino, ainda que o assunto seja Tradução Feminista, com a maioria das pesquisadoras sendo mulheres. Logo, acredito que apresentar o nome completo da pesquisadora à primeira menção, quebra o ato inconsciente de se pensar no masculino, e poderia ser uma ação recorrente nas pesquisas de Tradução Feminista. De uma forma geral, a maioria das autoras realiza essa movimentação, ainda que para algumas não haja uma consistência de escolhas.

Por fim, quase que a título de curiosidade, algumas monografias optaram pelo uso da epígrafe, no início de seus textos. Cito aqui alguns detalhes interessantes. Belo (2021) cita a fala de Hélène Cixous sobre a necessidade de as mulheres escreverem sobre elas mesmas, como uma forma de resistência e Longhi (2018) utiliza a mesma citação ao longo de seu texto. Borges (2022) e Dutra (2023) utilizam o mesmo texto da autora Susanne de Lotbinière-Harwood — sendo a primeira em português e a segunda apresentando a forma original e depois sua tradução —, sobre o significado de feminismo ser o feminino visível na linguagem. Em minha monografia, Dulci (2022), apresento o trecho de Simon (1996) sobre a relação feita na linguagem e na sociedade da mulher semelhante à tradução, em uma posição de inferioridade discursiva em relação ao homem e ao texto original. Esse trecho de Simon foi usado por diversas monografias.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao intitular este trabalho como “Entre Letras e Lutas”, busquei ressaltar que ser feminista sempre é um ato político de resistência. Muitas monografias aqui estudadas ecoam esse pensamento. Andrade (2021, p.9), por exemplo, afirma que pretende continuar trabalhando “para avançar na luta contra as falas e práticas machistas reproduzidas em textos e em traduções”. Moura (2022, p.27) argumenta que “a conscientização de que o feminismo é um movimento que luta pelo direito de todas as mulheres é extremamente importante para que mais mulheres entendam e lutem contra o sistema de dominação”. Já Pokorski (2022) lembra que as lutas feministas tiveram impacto nas mudanças de dicionários que passaram a apresentar tanto a forma masculina quanto a feminina em suas edições. Por fim, Pinheiro (2022) apresenta diversas conquistas que partiram de reivindicações das mulheres, como o direito ao voto feminino no Brasil (1934) e a lei Maria da Penha (2006).

Em relação aos dados levantados e analisados nesta pesquisa, não me estenderei muito na repetição de conclusões que foram feitas ao longo do texto. No entanto, vale ressaltar que a UnB concentra a produção de monografias sobre a Tradução Feminista, trabalhando em prol da legitimação do campo dentro dos Estudos da Tradução e promovendo as conexões entre a Tradução Feminista e outras áreas, como a tradução comentada e a teoria funcionalista. Além disso, os dois resultados da UFRJ ilustram a importância da prática tradutória para gerar o interesse das tradutoras em formação sobre determinado tema.

O significativo número de monografias recuperadas para as análises desta pesquisa indica uma necessidade de se trabalhar, de forma mais incisiva, a introdução da Tradução Feminista nos Cursos de Graduação em Tradução ou de Letras com habilitação em Tradução. Os dados mostram que há o interesse das graduandas, criando-se o espaço para que mudanças sejam efetuadas. Pretendo, em uma futura tese de doutorado, debruçar-me mais a fundo neste quesito do ensino propriamente dito da Tradução Feminista.

Como apontam Castro e Ergun (2018, p.126), existe uma urgência de criação de maiores “pontes interdisciplinares” que liguem os Estudos Feministas aos Estudos da Tradução. São inúmeros os trabalhos que podem ser feitos dentro dessa interface, como comprovado pelas quatro áreas de conhecimento nas quais classifiquei as monografias desta dissertação. Como apontam as autoras de *The Map*, “o propósito de uma pesquisa é acrescentar ao conhecimento

vigente. Reinventar a roda é uma perda de tempo para todos⁵⁶" (Williams; Chesterman, 2002, p.3). Logo, a “conversa” entre trabalhos é essencial para que surjam novas pesquisas que contribuam para o campo. Para isso, outro fator essencial é a solidificação do nome do campo, para uma maior organização desses trabalhos.

É preciso também uma maior abrangência da Tradução Feminista para além das mulheres, ainda que enquanto um grupo heterogêneo e plural. Os feminismos não são um movimento individual, apenas por e para mulheres. hooks (2024, p.20) aponta que essa individualidade foi quebrada por “discussões de classe e raça”, nas reformulações do movimento. É preciso entender que uma luta não se faz sem a outra e se dizer feminista é também se dizer contra o racismo, a homofobia, as diferenças de classe, e todos os preconceitos e desigualdades de nossa sociedade:

Em momento algum acreditei que o movimento feminista devesse ser, e que fosse, um movimento só de mulheres. No mais íntimo do meu ser, sabia que nunca teríamos um movimento feminista bem-sucedido se não conseguíssemos incentivar todo mundo, pessoas femininas e masculinas, mulheres e homens, meninas e meninos, a se aproximar do feminismo. (hooks, 2024, p.10)

As monografias aqui estudadas focaram na quebra da linguagem patriarcal, através de uma linguagem mais inclusiva, buscando contribuir para o campo da Tradução Feminista, assim como para mudanças reais no mundo. As tradutoras em formação deste *corpus* entendem a tradutora como agente ativa no processo tradutório. Além disso, as autoras mostram, em sua maioria, uma preocupação com o momento político do país, lembrando que muitos dos trabalhos foram defendidos durante a pandemia da Covid-2019. Isso reafirma a universidade como um local de troca e de conscientização política.

⁵⁶ Tradução minha a partir do original: “The purpose of research is to add to the sum of knowledge; reinventing the wheel is a waste of everyone's time” (Williams; Chesterman, 2002, p.3).

REFERÊNCIAS DO CORPUS

ANDRADE, Maria Paula Melo de. **Tradução de artigos científicos:** visibilidade à tradução feminista. 2021. 86 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Letras - Tradução - Inglês) – Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

BELO, Thathiana Valesca Leite Ferreira. **Uma leitura feminista da tradução do conto “Love and sex among the invertebrates”, de Pat Murphy.** 2022. 33 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras – Inglês) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021.

BORGES, Iana Lopes Da Cruz Pereira. **Tradução feminista e o contexto latino-americano dentro da obra Suíte Tóquio, da autora brasileira Giovana Madalosso.** 2022. 181 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras Tradução Inglês) – Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

CERINEU, Camila Saad Carneiro. **Tradução inclusiva e feminista em Nossos Corpos, Por Nós Mesmas.** 2022. 30 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

DULCI, Laura Silva. **A tradução feminista na formação da tradutora:** uma proposta de disciplina optativa para os cursos de graduação em Tradução. 2022. 43 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Tradução) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022.

DUTRA, Bruna Vidanya Silvestre. **Tradução, feminismo e direito:** uma tradução funcionalista comentada de um artigo científico jurídico feminista. 2023. 144 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras Tradução Inglês) – Universidade de Brasília, Brasília, 2023.

GALDINO, Emanuelle Sousa. **A tradução feminista dos contos “A guerra de Maria Raimunda”, “Boas notícias” e “Aurora dos prazeres” de Maria Valéria Rezende.** 2019. 54 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras - Tradução - Inglês) – Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

LONGHI, Raquel Villas. **O Discurso Feminista de Virginia Woolf na Tradução de A Room Of One's Own para o português brasileiro.** 2018. 140 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras Português-Inglês) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.

MEDEIROS, Raphael Ferreroni Paula Noronha. **Nossos corpos por nós mesmas:** desafios a uma tradução feminista de Our Bodies, Ourselves. 2023. 32 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

MOURA, Leandra Patrícia Santana de. **Gênero, religião e tradução:** tradução de artigos científicos sobre a perspectiva feminista em textos bíblicos. 2022. 115 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras Tradução Inglês) – Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

PEREIRA, Adriana de Jesus. **Diário de uma tradução feminista:** Que explote todo, de Arelys Uribe. 2021. 70 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Letras - Tradução - Espanhol) – Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

PINHEIRO, Wictória Johanna Campos. **O funcionalismo e a tradução comentada:** uma proposta tradutória feminista para o artigo de Luise Von Flotow e Joan W. Scott. 2022. 210 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras Tradução Inglês) – Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

POKORSKI, Alexia Gonçalves. **Tradução – substantivo feminino:** projeto piloto de glossário de termos essenciais da tradução feminista em português brasileiro. 2022. 66 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

SEGURA, Louise Gorovitz. **Uma tradução feminista de Lélia Gonzalez:** de um país colonizado para um país colonizador. 2021. 42 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras - Tradução - Francês) — Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

SOBRAL, Beatriz Hamamoto. **Despindo a tradução feminista:** traduzindo o feminismo de Catlyn Ladd em “*Strip – The Making of a Feminist*”. 2021. 114 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras - Tradução - Inglês) — Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

REFERÊNCIAS

ALVES, Daniel Antônio de Sousa. Ideologia dos outros: sobre ideologias subjacentes e sobre o processo decisório por trás da construção de traduções. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 25, n. 1, 2022. <https://doi.org/10.15210/RLE.V25I1.22174>

ALVES, Daniel Antônio de Sousa. Tradução e Ética: Sobre ética da tradução como uma prática social de reflexão consciente. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 24, n. 1, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/index>>. <https://doi.org/10.15210/RLE.V25I1.22174>

ALVES, Daniel Antônio de Sousa; VASCONCELLOS, Maria Lucia Barbosa. Metodologias de pesquisa em Estudos da Tradução: uma análise bibliométrica de teses e dissertações produzidas no Brasil entre 2006-2010. **DELTA**, v. 32, n. 2, 2016. <https://doi.org/10.1590/0102-4450827796709063513>

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. 1.ed. São Paulo: Casa de Ideias, 2011.

BASSNETT, Susan; LEFEVERE, Andre. Introduction: Proust's grandmother and the Thousand and One Nights. The culture turn in translations studies. In.: BASSNETT, Susan; LEFEVERE, Andre (org.). **Translation, history and culture**. Londres: Pinter, 1990.

BATTISTAM, Laura Pinhata; MARINS, Liliam Cristina; KIMINAMI, Aline Yuri. Tradução como resistência e ativismo: práticas de Tradução Feminista no Brasil. **Revista Belas Infiéis**, Brasília, v. 10, n. 4, p. 01-17, 2021. <https://doi.org/10.26512/belasinfeis.v10.n4.2021.36230>

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. 5.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BELELI, Iara. Publicações feministas: velhos e novos desafios. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, p. 637-641, 2013. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000200015>

CASTRO, Olga. (Re)examinando horizontes nos estudos feministas de tradução: em direção a uma terceira onda?. Tradução de Beatriz Regina Guimarães Barboza. **TradTerm**. São Paulo, v. 29, 2017. Disponível em: <https://publications.aston.ac.uk/id/eprint/31469/>. Acesso em: 17 de mar. 2024.

CASTRO, Olga; ERGUN, Emek (Org.). **Feminist translation studies: local and transnational perspectives**. Nova York: Routledge, 2017. <https://doi.org/10.4324/9781315679624>

CASTRO, Olga; ERGUN, Emek. Feminism and translation. In: Jon Evans and Fruela Fernandez (Org.) **The Routledge Handbook of Translation and Politics**. Londres: Routledge, 2018. p. 125-143. <https://doi.org/10.4324/9781315621289-9>

CASTRO, Olga; SPOTURNO, María Laura. Feminismos e Tradução: Apontamentos conceituais e metodológicos para os Estudos Feministas Transnacionais da Tradução. Tradução

de Maria Barbara Florez Valdez e Beatriz Regina Guimarães Barboza. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 42, p. 01-59, 2022. <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2022.e81122>

CHAMBERLAIN, Lori. Gender and the Metaphorics of Translation. **Signs: Journal of Women in Culture and Society**, v. 13, n. 3, p. 454-472, 1988. <https://doi.org/10.1086/494428>

COSTA, Pâmela Berton; AMORIM, Lauro Maia. Além das tradutoras canadenses: práticas feministas de tradução ontem e hoje. **Estudos Linguísticos**, São Paulo. v. 48, n. 3, p. 1227-1247, 2019. <https://doi.org/10.21165/el.v48i3.2331>

COSTA, Pâmela Berton. **Das trevas à luz em La casa de los espíritus**: um projeto feminista de leitura, análise, reimaginação e retradução. 2021. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, 2021.

DELISLE, Jean. História da tradução: sua importância para a tradutologia, seu ensino através de software multimídia e multilíngue. Tradução de Fernando Afonso de Almeida. **Gragoatá**, v. 7, n. 13, 2002.

DELISLE, Jean. Tradutores medievais e tradutoras feministas: a mesma ética de tradução?. Tradução de Cristian Cláudio Quinteiro Macedo e Ana Karina Borges Braun. **Cadernos de Tradução**. N. 47, 2022.

DÈPÈCHE, Marie-France. A Tradução Feminista: Teorias e práticas subversivas. Nísia Floresta e a Escola de Tradução Canadense. **Textos de História**. v. 8. n. 1/2, 2000.

DULCI, Laura Silva. **A tradução feminista na formação da tradutora**: uma proposta de disciplina optativa para os cursos de graduação em Tradução. 2022. 43 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Tradução) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/34537/1/TraduçãoFeministaFormação.pdf>

ERGUN, Emek. Bridging across feminist translation and sociolinguistics. **Language and Linguistics Compass**, v. 4, n. 5, p. 307-318, 2010. <https://doi.org/10.1111/j.1749-818X.2010.00208.x>

ESQUEDA, Marileide Dias. (ed.). **Bibliometric and scientometric investigations in translation and interpreting studies: numbers from Brazil and other countries**. Curitiba: Editora CRV, 2022.

ESQUEDA, Marileide Dias. (org.). **Estudos bibliométricos e cienciométricos em Tradução: tendências, métodos e aplicações**. Curitiba: Editora CRV, 2020. <https://doi.org/10.24824/978658608789.5>

ESQUEDA, Marileide Dias. Teorias de tradução e a questão da ética. **Mimesis**, Bauru, v. 20, n. 1, p. 49-55, 1999.

ESQUEDA, Marileide Dias; OLIVEIRA, Karoline Izabella de. Crenças e concepções do tradutor em formação. **Tradução em Revista**. Rio de Janeiro, v.14, p.137-164, 2013. <https://doi.org/10.17771/PUCRio.TradRev.22051>

FLOTOW, Luise von. Tradução feminista: contextos, práticas e teorias. Tradução de Ofir Bergemann de Aguiar e Lilian Virginia Porto. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 41, n. 2, 2021. <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2021.e75949>

FLOTOW, Luise von; FARAHZAD, Farzaneh (org.). **Translating women: Different voices and new horizons**. Nova York: Taylor & Francis, 2017.

FREITAS, Flávio de Sousa. ESQUEDA, Marileide Dias. Tecnologias e ferramentas aplicadas à bibliometria e cienciometria. In: ESQUEDA, Marileide Dias. (org.). **Estudos bibliométricos e cienciométricos em Tradução: tendências, métodos e aplicações**. Curitiba: CRV, 2020. p. 35-62.

GARCIA, Carla. Cristina. **Breve História do Feminismo**. Editora Claridade: São Paulo, 2018.

GONÇALVES, José Luiz Vila Real; COSTA, Patrícia Rodrigues. A formação de tradutoras e tradutores em cursos de graduação. **Belas Infiéis**, Brasília, v. 10, n. 2, p. 01-05, 2021. e-ISSN: 2316-6614. <https://doi.org/10.26512/belasinfeis.v10.n2.2021.41159>

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: editora WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Tradução de Bhuvi Libanio. 24. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2024.

LAKOFF, Robin. **Language and woman's place**. New York: Harper & Row. 1975

LERNER, Gerda. **A Criação do Patriarcado: História da Opressão das Mulheres pelos Homens**. Tradução de Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

MATOS, Naylane Araújo. **Estudos Feministas da Tradução no Brasil: Percursos históricos, teóricos e metodológicos na produção científica nacional (1990-2020)**. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/238193>.

MATOS, Naylane Araújo, BARBOZA, Beatriz Regina Guimarães, SANTOS, Sheila Cristina Santos. Estudos feministas de tradução: um recorte de pesquisas do Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução (PGET-UFSC). **Belas Infiéis**, v. 7, n. 2, p. 43-61, 2018. <https://doi.org/10.26512/belasinfeis.v7i2.15266>

MENDES, Rosana Maria; MISKULIN, Rosana Giaretta Sguerra. A análise de conteúdo como uma metodologia. **Cadernos de pesquisa**, v. 47, n. 165, 2017. <https://doi.org/10.1590/198053143988>

MILLS, Sara. Third wave feminist linguistic and the analysis of sexism. **Discourse analysis online**, v. 2, n. 1, p. 1-19, 2003. Disponível em: <https://extra.shu.ac.uk/daol/articles/open/2003/001/mills2003001-paper.html>.

PEDRO, Joana Maria. Feminismo e gênero na universidade: trajetórias e tensões da militância. **História Unisinos**, v. 9, n. 3, p. 170-176, 2005.

PEDRO, Joana Maria. Militância Feminista e Academia: Sobrevida e Trabalho Voluntário. **Revista Estudos Feministas**. v. 16, p. 87 – 95, 2008. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2008000100008>

PEREZ, Caroline Criado. **Mulheres invisíveis**: O viés dos dados em um mundo projetado para homens. Intrínseca, 2022.

SILVA, Iara Aparecida; DULCI, Laura Silva. O Gênero (Não)Traduzido: Qual o Impacto das Ferramentas de Tradução Automática nas Questões De Gênero?. In: Ana Carolina Parolini Borges Durante; Joseane Rosa Santos Rezende; Valeska Virgínia Soares Souza. (Org.). **Escrita da Pesquisa Qualitativa**: Um panorama sobre o processo de autoria. 1ed.Curitiba - PR: Editora Bagai, p. 101-118, 2024.

SIMON, Sherry. **Gender in translation**: Cultural identity and the politics of transmission. Routledge, 1996.

SNELL-HORNBY, Mary. **The turns of translation studies**. Benjamins Translation Library, v. 66, 2006. <https://doi.org/10.1075/btl.66>

SPENDER, Dale. **Man Made Language**. London, Routledge, 1980.

TAGUE-SUTCLIFFE, J. An introduction to informetrics. **Information Processing & Management**, v. 28, n. 1, p. 1-3, 1992. [https://doi.org/10.1016/0306-4573\(92\)90087-G](https://doi.org/10.1016/0306-4573(92)90087-G)

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum**: para todas, todes e todos. 14 ed. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 2020.

VANTI, Nadia Aurora Peres. Da bibliometria à webometria: uma exploração conceitual dos mecanismos utilizados para medir o registro da informação e a difusão do conhecimento. **Ci. Inf.** [online]. 2002, vol.31, n.2, p.369-379. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652002000200016&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 jun. 2024. <https://doi.org/10.1590/S0100-19652002000200016>

VENUTI, Lawrence. **Escândalos da tradução**: Por uma ética da diferença. Tradução de Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo. São Paulo: Editora UNESP, 2019.

WILLIAMS, Jenny; CHESTERMAN, Andrew. **The map**: a beginner's guide to doing research in translation studies. St. Jerome Publishing, 2002.

APÊNDICE 1

Resumos retirados das 15 monografias que compõem o *corpus*

A seguir, separados pelas referências das autoras, trago os resumos retirados das 15 monografias selecionadas, com o objetivo de apresentar os temas de cada pesquisa de forma detalhada. Como forma de apresentar um apêndice comentado, realizei alguns grifos nos textos: 1) negrito para os objetivos de cada autora; 2) sublinhado para os resultados propostos; e 3) cor vermelha para a metodologia aplicada. Busquei, com essa movimentação, ilustrar de forma mais clara as semelhanças e diferenças entre os textos, que serão aprofundadas no subcapítulo 4.1.6 desta dissertação.

1. Andrade (2021)

Segundo Collins (2019), a tradução é central para a práxis feminina. Sabendo que a tradução sempre foi uma grande aliada do movimento das mulheres, o presente trabalho tem por objetivo **apresentar duas propostas de tradução de artigos científicos acerca da tradução feminista**, sendo eles “Is There a Feminist Way of Studying Translation? Gender, Translation, Language, and Identity Politics” de Alka Vishwakarma e “Translating Women: From Recent Histories and Re-translation to «Queerying» Translation, and Metamorphosis” de Luise von Flotow, **como uma forma de dar visibilidade ao assunto e às autoras em questão. As traduções feitas foram baseadas na teoria funcionalista, de Christiane Nord, (2016)** em que o foco não é mais a equivalência, mas sim a mensagem para o público-alvo, utilizando a **metodologia de tradução comentada**, em que são inseridas notas de tradução pelo(a) tradutor(a). **O presente trabalho proporcionará, além do acesso a artigos ainda desconhecidos, o processo crítico de tradução com comentários que revelam a presença do(a) tradutor(a) como agente político.**

2. Belo (2021)

Este estudo parte da observação da invisibilidade da escrita literária por autoras, sobretudo no gênero da ficção científica, e da ainda incipiente tradução e crítica literária acerca dessa produção. Meu objetivo é **apresentar uma análise da tradução** – ainda inédita e realizada por Elton Furlanetto – do conto distópico “Love and Sex among the Invertebrates” (1990), de Pat Murphy, permeada por teorizações oriundas das áreas dos Estudos Literários, Culturais, da Tradução e de Gênero, **visando problematizar questões relativas à cultura da tradução sob lentes feministas**. Para o estudo, os seguintes aportes teóricos são explorados em suas interfaces com os estudos literários: com foco no subgênero da ficção científica distópica, especialmente de autoria feminina, Cavalcanti (2011) e Funck (2016); e sobre as questões relativas à tradução cultural, Burke; Hsia, (2009), especialmente sobre os procedimentos tradutórios de modo mais amplo, Arrojo (1999). As reflexões de Von Flotow (1997), Costa (2012) e Leite (2017) são relevantes para a ênfase mais específica no tocante às imbricações entre questões de gênero e de tradução. Com o estudo realizado, constato que: 1) uma dimensão político-

ideológica informa as escolhas de tradução, sobretudo de textos literários de autoria feminina, influenciando em sua circulação; 2) no original e na tradução do conto estudado, marcadores textuais de gênero suscitam sentidos diferentes, mais ou menos feministas, a depender das escolhas autorais e de tradução.

3. Borges (2022)

Este trabalho pretende contribuir com a visibilidade das questões de gênero e da identidade dos diferentes feminismos além das fronteiras nos quais eles se encontram. Os objetivos específicos são: levantar bibliografia sobre o histórico e o desenvolvimento dos estudos da tradução feminista; observar a representação de gênero na obra *Suite Tóquio*, da autora brasileira Giovana Madalosso; e discutir as estratégias usadas para a tradução de 40 laudas da obra. Para tal, utilizamos os conceitos desenvolvidos por Flotow (1991), Carrascosa (2015), Castro (2009), Venuti (1995, 2008), entre outros/as teóricos/as que oferecem a fundamentação teórica necessária para a discussão proposta neste trabalho. Os métodos escolhidos para a análise da tradução foram os estudos descritivos da tradução, proposto por Toury (1995), e a tradução comentada, como exposto por Torres (2015), Chesterman e Williams (2002). Concluímos que o uso de diferentes estratégias guiadas pelos estudos da tradução feminista foram importantes para destacar o gênero feminino no texto traduzido neste trabalho.

4. Cerineu (2022)

Esta pesquisa tem o objetivo de discutir o projeto de tradução e adaptação, para o português e para o contexto brasileiro, do best-seller americano *Our Bodies, Ourselves*, um livro sobre saúde e sexualidade da mulher, publicado na década de setenta nos Estados Unidos. O projeto de tradução e adaptação foi realizado através de uma parceria entre a Universidade Federal do Rio de Janeiro, a Universidade Estadual de Campinas e o Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde. As etapas de tradução e adaptação foram marcadas por discussões teóricas, a fim de usar uma abordagem inclusiva e feminista da língua. Esta monografia trata das teorias de tradução voltadas para o estudo do papel da pessoa que traduz uma obra e sobretudo dos estudos feministas de tradução. Além disso, trata do fato de a tradução, a revisão e a adaptação do conteúdo da obra sugerirem uma tentativa de quebrar padrões e estereótipos que estão presentes na sociedade misógina em que vivemos. À vista disso, esta pesquisa é sobre um projeto que procura ser uma valia para a sociedade, uma vez que cria alternativas para formar uma comunidade mais inclusiva para todas as pessoas. Ainda há um longo caminho a se percorrer no tocante ao uso e aceitação da linguagem inclusiva, mas os avanços já ocorrem ao podermos debater o assunto.

5. Dulci (2022)

O presente trabalho visa propor uma disciplina de Tradução Feminista voltada para os cursos de graduação em Tradução. Começamos nossa proposta com uma investigação sobre a existência prévia de uma disciplina voltada para o tema, e concluímos que não havia nenhuma. Em seguida, justificamos a proposta de inserir a Tradução Feminista nos cursos de

graduação. A terceira etapa foi a elaboração dos pontos selecionados para a disciplina: uma breve contextualização sobre o Movimento Feminista; o surgimento da Escola Canadense de Tradução Feminista; as teorias contemporâneas sobre Tradução Feminista; e a prática da Tradução Feminista. Concluímos este trabalho com uma retomada dos pontos explicitados anteriormente, e com a composição de uma proposta de ficha de disciplina de Tradução Feminista baseado no modelo da Universidade Federal de Uberlândia.

6. Dutra (2023)

Como defende Mona Baker (2013), a tradução, muito mais do que um processo de transferência linguística desinteressado e neutro, é também um ato político e social, que tem o poder de transformar e moldar a sociedade e propor novas reflexões ou mesmo realidades. É sob essa ótica que se justifica a apresentação deste trabalho: aqui se propõe uma discussão sobre a tradução para o português brasileiro de um artigo científico jurídico, de título What's Distinctive About Feminist Analysis of Law?: A Conceptual Analysis of Women's Exclusion from Law, escrito pela professora de Direito Antidiscriminatório, Denise Réaume, em 1996. O artigo se dedica à crítica e ao questionamento da visão e interpretação masculina do Direito perante as mulheres, que perpetua (mesmo hoje) violências de diversas camadas na prática jurídica. A metodologia usada na tradução proposta foi a Teoria Funcionalista de Christiane Nord (2016), em que o foco deixa de ser o original e sua possível equivalência e passa a ser a função da mensagem do texto traduzido para seu público-alvo contemporâneo, combinada ao método de Tradução Comentada, já reconhecido na área dos Estudos da Tradução como forma de dar visibilidade à/ao tradutora/or (TORRES, 2017; ZAVAGLIA, RENARD; JANCZUR, 2015 e CHESTERMAN; WILLIAMS, 2002). O objetivo primeiro deste trabalho é contribuir para o crescimento e incentivo de pesquisas e traduções feministas dentro do campo dos Estudos da Tradução, bem como para a reflexão e análise feminista tão caras à Teoria Feminista do Direito e sua prática.

7. Galdino (2019)

O presente trabalho discorre sobre o processo tradutório como atividade cognitiva de três contos da obra “Vasto Mundo” da escritora Maria Valéria Rezende, embasado pela tradução engajada feminista. O objetivo da tradução foi buscar ressaltar, valorizar e discutir sobre a trajetória das personagens como mulheres e também como nordestinas, trazendo à tona durante esse processo as questões e problemáticas sociais vinculadas a essas suas duas especificidades intrínsecas à identidade cultural das personagens.

8. Longhi (2018)

O presente trabalho teve como objetivo realizar um estudo sobre as traduções para o português brasileiro da obra A Room of One's Own, de Virginia Woolf. Para que essa fosse realizada, selecionamos as duas traduções que ocorreram no Brasil – a de 1985, de Vera Ribeiro, e a tradução de 2014, de Nunes e Mattoso – como base para a nossa análise. Nossa

discussão abarcou a questão do surgimento do movimento das mulheres - também conhecido como feminismo – e suas principais características e demandas ao longo dos séculos, para que pudéssemos melhor compreender o contexto no qual Woolf estava inserida quando escreveu sua obra, e também, o contexto de cada uma das tradutoras, procurando situar cada uma das obras dentro de seu contexto sócio histórico e político ideológico. Mostraremos no decorrer do trabalho como o meio em que se está inserido e o período histórico em que se vive acaba por influenciar diversas áreas, desde a sócio-cultural até o campo literário. Utilizando os pressupostos da Teoria Dos Polissistemas, de Itamar Even-Zohar (1990), **analisaremos de que maneira as publicações femininas e com teor feminista foram influenciadas pelo contexto histórico e social no qual estavam inseridas.** Para compreendermos como essas publicações foram influenciadas, utilizaremos também os conceitos de Lefevere (2007) sobre manipulação, reescrita e patronagem em nossa análise. Por fim, utilizaremos também os conceitos de simplificação, explicitação, normalização e nivelamento, propostos por Mona Baker (1996), para que os corpora (BERBER SARDINHA, 2000, 2004; TAGNIN, 2002) referentes às obras a serem analisadas possam ser melhor compreendidos. Assim sendo, utilizaremos tais pressupostos e conceitos para realizarmos uma análise qualitativa e também a quantitativa dos dados recolhidos no programa Antconc. Dessa forma, apontaremos como cada uma das traduções acabou por refletir preconceitos e características do período histórico em que elas foram produzidas. A tradução de 1985, por exemplo, apresenta um léxico mais formal, uma sintaxe mais complexa. Além disso, as escolhas lexicais presentes ao longo dessa tradução são socialmente marcadas, há a marcação, por meio das escolhas tradutórias, da posição subjugada da mulher perante o patriarcado. O sexismo (atitude de discriminação fundamentada no sexo), ou mesmo o machismo se mostra intrínseco nas escolhas da tradutora. Já a tradução de 2014 demonstra avanços que o feminismo e que a sociedade como um todo alcançou ao longo dos anos, visto que há uma linguagem mais politicamente correta, respeitando mais as diferenças e os sexos. Além disso, essa tradução se mostrou bem menos sexista, com descrições mais respeitosas as mulheres e uma maior fidelidade as críticas feitas por Virginia Woolf na obra original. Essa também manteve uma visão das mulheres como um conjunto, como grupo, o que também pode ser visto como um reflexo dos avanços do feminismo e como hoje esse é amplamente discutido.

9. Medeiros (2023)

Our Bodies, Ourselves, um best-seller americano e obra seminal no campo da saúde e da sexualidade femininas, foi traduzido por grupos feministas ao redor do mundo e publicado em mais de 30 idiomas desde a sua primeira publicação em 1973. Este trabalho trata da tradução brasileira do livro, intitulada Nossos corpos por nós mesmas, focalizando as estratégias empregadas pelas tradutoras para superar as dificuldades linguísticas impostas pela maneira como as línguas portuguesa e inglesa diferem quanto à marcação de gênero gramatical, assim como o compromisso que o projeto teve com o uso de uma linguagem inclusiva quanto a identidades sexuais e de gênero diversas. **Após uma breve historização** da relevância social do livro original, este trabalho discute concepções tradicionais e contestadoras (MITTMANN 2011) da tradução, tendo as teorias de Aubert (1989, 1993) e Flotow (1991) como norteadoras para pensar este projeto como uma tradução ativista e feminista devido a deliberadas transgressões contra as normas da

língua portuguesa no que tange à expressão de gênero. Ao fim do trabalho, excertos da tradução são comparados ao texto original e comentados criticamente à luz das teorias discutidas.

10. Moura (2022)

Uma das grandes preocupações das mulheres reformadoras do século dezenove era a questão da natureza sexista inserida no texto bíblico e em como seria possível reescrever esses textos por meio da tradução. Segundo Castro e Ergun (2017), essa reescrita do texto através da tradução só seria possível através de uma política feminista, que entendesse que a tradução não é um ato neutro ou de pouca mediação. Desse modo, é iminentemente questionado se a prática da tradução dos textos bíblicos garante a produção de um texto que se aproxime cada vez mais de uma representação adequada da tradução, e que insira o contexto interlingüístico sem que o papel da mulher na sociedade seja menosprezado? A ideia do presente trabalho foi desenvolvida com a intensão de se apoiar no movimento feminista por meio da **tradução de dois artigos científicos acerca da tradução feminista da Bíblia**, sendo eles: “Les Belles Infidèles/Fidelity or Feminism? The Meanings of Feminist Biblical Translation”, 1990, de Elizabeth A Castelli, e “Feminist Choices of Early Women Bible Translators”, 2016, de Elizabeth Ann Remington Willlett, como uma forma de possibilitar a publicação desses artigos em revista de língua portuguesa. As traduções dos artigos tiveram como embasamento a teoria funcionalista, de Cristiane Nord (2016), que define que o foco da tradução não é mais a equivalência, mas sim o apanhado do contexto sociocultural da mensagem do texto. Como metodologia, **foi utilizada a tradução comentada por notas de tradução pela tradutora**. Também foram abordadas o uso da linguagem inclusiva, a linguística de Corpus e terminologia. Esse trabalho também resultou na compilação de um glossário, que apresenta termos sobre a tradução bíblica de cunho feminista. O presente trabalho proporciona uma análise crítica sobre a presença da tradutora como agente político no ato tradutório.

11. Pereira (2021)

Este trabalho tem como objetivo a **valorização da tradução feminista enquanto estratégia importante para os Estudos da Tradução**. Utilizou-se como base o trabalho de Olga Castro (2008) para apresentar e defender os estudos da tradução feminista. A fim de conceituar feminismos, desde uma perspectiva plural, foram utilizadas as contribuições teóricas de Joanna Burigo (2020) e Katemari Rosa (2020). A partir disso, **construiu-se um panorama acerca da crônica**, com o aporte teórico de Heloísa Amaral (2008) e Eloísa Moura (2008), entre outros, tendo como foco a representação desta em temáticas feministas e ideológicas. Nesta perspectiva, traduziram-se três crônicas da obra de Arelys Uribe, intitulada Que explote todo, com vistas a demonstrar a complexidade deste gênero textual, bem como a apresentação de formas de tradução comentada, como o diário de tradução. Para isso, foram utilizados os trabalhos de Marie-Hélène Torres (2017) e Amparo Hurtado Albir (2015).

12. Pinheiro (2022)

Este Projeto Final de Curso apresenta uma proposta de tradução em português brasileiro para o texto originalmente em inglês "Gender Studies and Gender Translations: Entre Braguette - connecting the transdisciplines. (2016), escrito por Luise Von Flotow e Joan W. Scott. O é objetivo apresentar uma tradução focada para publicação acadêmica, focada nas diretrizes da revista **Cadernos de Tradução**, permeando a teoria funcionalista de Nord (2006). São apontadas características da tradução feminista, pertinentes ao conteúdo e função social dada ao texto escrito por Flotow e Scott. Como metodologia, é utilizada a tradução comentada e o SMARTCAT (website) como ferramenta de tradução. Por fim, considerando a tradução como uma interação comunicativa (NORD, 2006), este trabalho tem por finalidade analisar o papel da tradutora como uma agente na solução de problemas específicos encontrados no processo tradutório.

13. Pokorski (2022)

O objetivo principal desta pesquisa é **identificar e registrar alguns termos relacionados à Tradução Feminista em português brasileiro**. Atualmente, há uma grande produção de textos sobre a Tradução Feminista originada pela necessidade e pelo interesse social acerca dessa temática. No entanto, constata-se a carência de produtos terminográficos que compilem os termos da área, que ainda está se consolidando em nosso país. Por essa razão, queremos, com esta pesquisa, **organizar e disponibilizar um projeto piloto de glossário de termos essenciais da Tradução Feminista em português brasileiro extraídos de um corpus de artigos científicos**. A fundamentação teórica se baseia nos Estudos de Tradução, especificamente na Tradução Feminista, na Terminologia e Terminografia e na Linguística de Corpus. A metodologia **prevê a construção de um corpus e a identificação e a extração de termos com o uso de ferramentas da Linguística de Corpus**, neste caso, o programa **AntConc**. A partir dos procedimentos metodológicos, foi possível identificar 122 termos e propor uma ficha terminológica para cada um deles com os seguintes campos: termo de entrada, contexto extraído do corpus e sua fonte, ver também (termos hipônimos do termo de entrada), outras formas (siglas e formas variantes) e notas. Com tais resultados, esperamos poder contribuir para a difusão da Tradução Feminista a um público cada vez mais amplo e ao aprofundamento dos estudos na área no Brasil.

14. Segura (2021)

A tradução não é um mero trabalho de transposição. Há, por trás dela, um projeto que é desenvolvido pelo tradutor, seguindo objetivos ou pedidos de uma editora, por exemplo. Esse projeto é um guia para que haja uma certa homogeneidade no texto de chegada. Ou seja, um tradutor que escolhe estrangeirizar o texto, mantendo alguns termos da língua de partida, causando um certo estranhamento no leitor, segundo Berman, vai seguir esse projeto para que não haja uma descontinuidade ao longo do texto. Idem para um tradutor que escolhe domesticar o texto, ou seja, em sua tradução, vai optar por adaptar certos termos para a língua de chegada para que o texto fique mais confortável para o leitor. Essa questão traz a seguinte pergunta: qual é o meu

lugar como tradutora ao traduzir um texto militante feminista de uma mulher negra como Lélia Gonzalez? Que escolhas decidi tomar durante a tradução? Será que eu tenho o direito de traduzir este texto por ser uma mulher branca que não passou pelas mesmas experiências que Lélia? Em primeiro lugar, é essencial que esta obra esteja acessível, não só para os lusófonos, mas para outras línguas também, pois seus relatos são importantes para o mundo. Tendo isso em mente, **escolhi traduzir três capítulos da obra Primavera para as Rosas Negras, uma coletânea de textos e ensaios escritos por Lélia, obra publicada em 2018 pela editora Filhos da África.** Meu projeto de tradução se baseou em procurar manter em português os termos principais, que definem a história, a cultura e a localização da autora, para que a realidade fosse a da favela brasileira e não a de uma periferia na França, por exemplo. Dessa forma, a tentativa foi manter a linguagem de cada texto, já que, quando Lélia conta sobre sua infância, a linguagem usada é diferente da que ela utiliza quando faz uma homenagem ou teoriza sobre a democracia racial no Brasil.

15. Sobral (2021)

O presente trabalho **apresenta um projeto de tradução feminista de um recorte de seis capítulos** do livro “Strip – The Making of a Feminist” [Strip – A Construção de uma Feminista] da autora estadunidense Catlyn Ladd (2018), pensado a partir de uma investigação genealógica da prática, conhecida como “tradução feminista” ou “tradução de gênero”. **A partir de uma investigação da entrada do feminismo na academia e os desdobramentos de seu contato com os estudos da linguagem e da tradução, analisamos o legado deixado pelas tradutoras feministas canadenses do século final do século XX afim de pensar a prática na contemporaneidade de forma crítica e localizada a partir da perspectiva do hemisfério sul colonizado.** Apresentamos comentários de tradução para ilustrar nossas práticas de tradução o debate acerca das chamadas “práticas teorizantes” e “teorias praticantes”.

APÊNDICE 2

Tabela 3 – Dados referentes às variáveis estudadas nas referências das 15 monografias incluídas na análise bibliométrica

Autor(a)	Obra	Ano	Tipo	Tradução	Monografia
A					
ALENCAR, Maria Eduarda dos Santos; BLUME, Rosvitha Friesen	Mulheres traduzindo literatura no Brasil nos séculos XIX e XX	2016	Artigo (PT) - Ciência & Trópico	-	Borges (2022)
ANDRADE, Maria Paula Melo de	Tradução de Artigos Científicos: Visibilidade à tradução feminista	2021	Monografia – Universidade de Brasília	-	1) Dutra (2023) 2) Moura (2022)
ANTHONY, Laurence	AntConc: A Learner and Classroom Friendly, Multi-Platform Corpus Analysis Toolkit.	2004	Oficina interativa	-	Moura (2022)
ANTHONY, Laurence	Antconc Homepage	2022	Site	-	Pokorski (2022)
ARAÚJO, Cibele de Guadalupe Sousa; SILVA, Luciana de Mesquita; SILVA-REIS, Dennys	Estudos da Tradução & mulheres negras à luz do feminismo	2009	Artigo (PT) – Revista Artemis	-	Pinheiro (2022)
ARAÚJO, Jéssica Pereira	Inclusividade e empoderamento feminino em materiais institucionais de acolhimento destinados a pessoas refugiadas.	2018	Tese – Universidade de Brasília	-	1) Andrade (2021) 2) Dutra (2023) 3) Moura (2022)
ARROJO, Rosemary	Os Estudos da Tradução na Pós-Modernidade, o Reconhecimento da Diferença e a Perda de Inocência.	1996	Artigo (PT) - Cadernos de Tradução	-	Dutra (2023)
ARROJO, Rosemary	Oficina de Tradução: a teoria na prática	1999	Livro (PT) – Editora Afiliada	-	Belo (2021)
ARROJO, Rosemary	O signo desconstruído: implicações para a tradução, a leitura e o ensino	2003	Livro (PT) – Editora Pontes	-	Pinheiro (2022)
AUBERT, Francis Henrik	A fidelidade no processo e no produto do traduzir	1989	Artigo (PT) - Trabalhos em Linguística Aplicada	-	1) Medeiros (2023) 2) Segura (2021)
AUBERT, Francis Henrik	As (in)fidelidades da tradução: servidões e autonomia do tradutor.	1993	Livro (PT) - Editora da Unicamp	-	Medeiros (2023)

Autor(a)	Obra	Ano	Tipo	Tradução	Monografia
AUBERT, Francis Henrik	Introdução à Metodologia da Pesquisa Terminológica Bilingue	2001	Livro (PT) - FFLCH/CITRAT	-	Pokorski (2022)
B					
BAKER, Mona	A Tradução como um Espaço Alternativo para Ação Política.	2018	Artigo traduzido - Cadernos de Tradução	Cristiane Roscoe-Bessa; Flávia Lamberti; Janaína Araujo Rodrigues	1) Andrade (2021) 2) Dutra (2023) 3) Moura (2022)
BARBOSA, Heloisa Gonçalves	Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta	1990	Livro (PT) – Editora Pontes	-	1) Medeiros (2023) 2) Segura (2021)
BASSNETT, Susan; LEFEVERE Andre	Translation, history and culture	1990	Livro (EN) – Pinter Publisher	-	Galdino (2019)
BASSNETT, Susan	Estudos da Tradução	2005 / 2003	Livro traduzido - Editora de UFRGS	Vivina de Campos Figueiredo (Edição portuguesa)	1) Borges (2022) 2) Medeiros (2023) – Original em inglês (edição Routledge) 3) Pinheiro (2022) – Edição portuguesa
BATTISTAM, Laura Pinhata; MARINS, Liliam Cristina; KIMINAMI, Aline Yuri	Tradução como resistência e ativismo: práticas de Tradução Feminista no Brasil	2021	Artigo (PT) – Revista Belas Infiéis	-	1) Dulci (2022) 2) Pokorski (2022)
BEAUVOIR, Simone de	O Segundo Sexo	1970	Livro traduzido - Difusão Europeia do Livro	Sérgio Milliet	1) Belo (2021) 1) Galdino (2019) – Original em francês
BERBER SARDINHA, Tony	Linguistica de corpus: Histórico e problemática	2000	Artigo (PT) – Delta	-	1) Longhi (2018) 2) Pokorski (2022)
BERBER SARDINHA, Tony	Línguistica de Corpus	2004	Livro (PT) - Editora Manole	-	Moura (2022)
BEVILACQUA, Cleci Regina; KILIAN, Cristiane Krause	Quando a Teoria e a Prática se Encontram	No prelo	Capítulo de livro (PT) – Editora Zouk (Manual de Terminografia . Cleci Regina Bevilacqua)	-	Pokorski (2022)
BEVILACQUA, Cleci Regina; SALES, Denise; SILVA, Márcia Moura	A Ficha Terminológica	No prelo	Capítulo de livro (PT) – Editora Zouk (Manual de Terminografia . Cleci Regina Bevilacqua)	-	Pokorski (2022)

Autor(a)	Obra	Ano	Tipo	Tradução	Monografia
BEVILACQUA, Cleci Regina	Unidades Fraseológicas Especializadas Eventivas: descripción y reglas de formación en el ámbito de la energía solar	2004	Tese (ES) - Universitat Pompeu Fabra	-	Pokorski (2022)
BEVILACQUA, Cleci Regina; MACIEL, Anna Maria Becker; REUILLARD, Patrícia Chittoni Ramos; SCHEEREN, Claudia Mendonça; KILLIAN, Cristiane Krause	Combinatórias Léxicas Especializadas da Linguagem Legislativa: uma abordagem orientada pelo <i>corpus</i>	2013	Capítulo de livro (PT) – Cultura Acadêmica (Terminologia: uma ciência interdisciplinar. Clotilde Murakawa; Odair Luiz Nadin)	-	Pokorski (2022)
BEVILACQUA, Cleci Regina	Investigación sistemática en terminología	2016	Capítulo de livro (ES) - Universidad de la República (Teoría y Práxis en Terminología. Sara Álvarez Catalá; Mario Barité)	-	Pokorski (2022)
BEVILACQUA, Cleice Regina; KILLIAN, Cristiane Krause	Tradução e Terminologia: relações necessárias e a formação do tradutor	2017	Artigo (PT) – Domínios de linguagem	-	Moura (2022)
BEVILACQUA, Cleci Regina; ARCOS, Manuela Machado	A restrição combinatória e a multidimensionalidade do núcleo eventivo em unidades fraseológicas especializadas	2021	Artigo (PT) – TradTerm	-	Pokorski (2022)
BLUME, Rosvitha Friesen; PETERLE, Patricia	Tradução e relações de poder	1990 ?	Livro (PT) - Publishers Limited	-	Galdino (2019)
BLUME, Rosvitha Friesen	Teoria e prática tradutória numa perspectiva de gênero	2010	Artigo (PT) – Fragmentos	-	1) Moura (2022) 2) Pereira (2021)
C					
CAGNOLATI, Beatriz	Estudos de Tradução: Explorando uma Perspectiva Feminista da Tradução	2022	Artigo traduzido – Cadernos de tradução	Alexia Gonçalves Pokorski, Ana Letícia Prado de Campos, Cláudia Xavier Faria, Iago Marques Barragan e Stéphanie Oviedo Ferreira	Pokorski (2022)
Cambridge Dictionary	Cambridge Dictionary	2018	Dicionário	-	1) Longhi (2018) 2) Pinheiro (2022)

Autor(a)	Obra	Ano	Tipo	Tradução	Monografia
CASTRO, Olga	Género y traducción: elementos discursivos para una reescritura feminista	2008	Artigo (ES) – Lectora	-	Pereira (2021)
CASTRO, Olga	Traductor as gallegas del siglo XX: reescribiendo la historia de la traducción desde el género y la nación	2011	Capítulo de livro (EN) - Espagafic (Woman and Translation: Geographies, Voices and Identities. José Santaemilia, Luise von Flotow)	-	Cerineu (2022)
CASTRO, Olga	Talking at cross-purposes? The missing link between feminist linguistics and translation studies	2013	Artigo (EN) – Gender and Language	-	1) Cerineu (2022) 2) Medeiros (2023) 3) Sobral (2021)
CASTRO, Olga	(Re)examinando horizontes nos estudos feministas de tradução: em direção a uma terceira onda?	2017	Artigo traduzido - TradTerm	Beatriz Regina Guimarães Barboza	1) Andrade (2021) 2) Borges (2022) 3) Cerineu (2022) 4) Dulci (2022) – Original em Espanhol 5) Longhi (2018) 6) Moura (2022) – Texto em inglês 7) Pereira (2021) – Original em espanhol 8) Pokorski (2022) 9) Sobral (2021)
CASTRO, Olga; ERGUN, Emek	Feminist Translation Studies: Local and Transnational Perspectives	2017	Livro (EN) - Routledge	-	1) Andrade (2021) 2) Borges (2022) 3) Cerineu (2022) 4) Dulci (2022) 5) Moura (2022)
CASTRO, Olga; ERGUN, Emek	Translation and Feminism	2018	Capítulo de livro (EN) – Routledge (The Routledge Handbook of Translation and Politics. Jonathan Evans, Fruela Fernandez)	-	1) Cerineu (2022) 2) Sobral (2021)
CASTRO, Olga; SPOTURNO, María Laura	Feminismos e Tradução: Apontamentos Conceituais e Metodológicos para os Estudos Feministas Transnacionais da Tradução	2022	Artigo traduzido – Cadernos de Tradução	Maria Barbara Florez Valdez e Beatriz Regina Guimarães Barboza	Pokorski (2022)
CAVALCANTI, Ildney	Distopia Feminista Contemporânea: um mito e uma figura	2003	Capítulo de livro (PT) – Editora Mulheres (Refazendo Nós: ensaios sobre	-	Belo (2021)

Autor(a)	Obra	Ano	Tipo	Tradução	Monografia
			mulher e literatura. Izabel Brandão, Zahidé Muzart)		
CAVALCANTI, Ildney; PRADO, Amanda	Mundos Gendrados Alternativamente: ficção científica, utopia, distopia	2011	Livro (PT) – Edufal	-	Belo (2021)
CERINEU, Camila; FERENZINI, Laís; PIMENTEL, Janine	Traduzindo o feminismo em <i>Nossos corpos por nós mesmas</i> .	2021	Artigo (PT) - Revista Indisciplina em Linguística Aplicada	-	1) Cerineu (2022) 2) Medeiros (2023)
CHAMBERLAIN, Lori	Gender and the Metaphorics of Translation	1988	Artigo (EN) - Signs: Journal of Women in Culture and Society	-	1) Cerineu (2022) 2) Dulci (2022) 3) Sobral (2021)
COLETIVO FEMINISTA SEXUALIDADE E SAÚDE	Nossos corpos por nós mesmas	2021	Livro traduzido - J. Casa Literária	Coordenação da tradução de Érica Lima e Janine Pimentel	1) Cerineu (2022) 2) Medeiros (2023)
COLLINS, Patrícia Hills	Sobre Tradução e Ativismo Intelectual	2019	Artigo traduzido - Revista Ártemis: Estudos De Gênero, Feminismos E Sexualidades	Cibele de Guadalupe Sousa; Dennys Silva-Reis; Luciana Mesquita Silva	Andrade (2021)
CORRÊA, Raquel Dotta; BLUME Rosvitha Friesen	Prefácio de tradução ou manifesto feminista?	2011	Artigo (PT) - Interdisciplinar - Revista de Estudos em Língua e Literatura	-	Sobral (2021)
COSTA, Adriano Ribeiro	O Gênero Textual Artigo Científico: Estratégias de Organização	2003	Monografia - Universidade Federal de Pernambuco	-	1) Andrade (2021) 2) Dutra (2023)
COSTA, Claudia de Lima	As publicações feministas e a política transnacional da tradução: reflexões do campo	2003	Artigo (PT) – Revista estudos feministas	-	Andrade (2021)
COSTA, Claudia de Lima; Alvarez, Sonia E.	Translocalidades: por uma política feminista da tradução política feminista da tradução.	2009	Artigo (PT) - Estudos Feministas	-	Andrade (2021)
COSTA, Cláudia de Lima	Feminismo e Tradução Cultural: sobre a colonialidade do gênero e a descolonização do saber	2012	Artigo (PT) - Portuguese Cultural Studies	-	Belo (2021)
COSTA, Claudia de Lima; Alvarez, Sonia E.	A circulação das teorias feministas e os desafios da tradução	2013	Artigo (PT) - Revista Estudos Feministas	-	1) Borges (2022) 2) Dulci (2022)
COSTA, Pâmela Berton; AMORIM, Lauro Maia	Além das tradutoras canadenses: Práticas feministas de Tradução ontem e hoje.	2019	Artigo (PT) – Estudos Linguísticos	-	1) Andrade (2021) 2) Borges (2022) 3) Cerineu (2022) 4) Dulci (2022)

Autor(a)	Obra	Ano	Tipo	Tradução	Monografia
					5) Dutra (2023) 6) Moura (2022) 7) Pereira (2021) 8) Pokorski (2022)
COVAS, Fabíola Sucasas Negrão; BERGAMINI, Lucas Martins	Análise crítica da linguagem neutra como instrumento de reconhecimento de direitos das pessoas LGBTQIA+	2021	Artigo (PT) - Brazilian Journal of Development	-	1) Andrade (2021) 2) Dutra (2023)
D					
DÉPÊCHE, Marie-France	A Tradução Feminista: teorias e práticas subversivas Nísia Floresta e a escola de tradução canadense	2000	Artigo (PT) – Textos de história	-	1) Andrade (2021) 2) Dutra (2023) 3) Moura (2022) 4) Pinheiro (2022) 5) Sobral (2021)
Dicio	Dicionário Google	2018	Dicionário	-	1) Longhi (2018) 2) Pinheiro (2022)
E					
EVEN-ZOHAR, Itamar.	Teoria dos polissistemas	2013	Artigo em revista (PT) – Translatio	Luis Fernando Marozo, Carlos Rizzon e Yanna Karlla Cunha	1) Galdino (2019) 2) Longhi (2018) – Original em inglês (cita 2x)
F					
FLOTOW, Luise von	Feminist Translation: Contexts, Practices and Theories	1991	Artigo (EN) - Traduction, Terminologie, Rédaction	-	1) Borges (2022) 2) Cerineu (2022) 3) Dulci (2022) 4) Galdino (2019) 5) Medeiros (2023) 6) Moura (2022)
FLOTOW, Luise von	Translation and Gender: Translating in the 'Era of Feminism'	1997	Livro (EN)- Routledge	-	1) Andrade (2021) 2) Belo (2021) 3) Dulci (2022) 4) Dutra (2023) 5) Moura (2022) 6) Pinheiro (2022) 7) Pokorski (2022) 8) Sobral (2021)
FLOTOW, Luise von	Le féminisme en traduction	1998	Artigo (FR) - Palimpsestes	-	Pinheiro (2022)
FLOTOW, Luise von	The strain of cultural transfer: A Brazilian critic of Canadian and other feminisms	2005	Capítulo de livro (EN) – Abecan (Perspectivas transnacionais . Sandra Regina Goulart Almeida)	-	Dulci (2022)
FLOTOW, Luise von	Gender in Translation	2010	Capítulo de livro (EN) – Routledge (Handbook of Translation Studies . Yves Gambier, Luc van Doorslaer)	-	1) Cerineu (2022) 2) Dutra (2023)

Autor(a)	Obra	Ano	Tipo	Tradução	Monografia
FLOTOW, Luise von	Translating Women: From Recent Histories and Re-translation to "Queerying" Translation, and Metamorphosis	2012	Artigo (EN) - Quaderns. Revista de Traducció / Capítulo de livro traduzido – Copiart (Tradução e Relações de Poder. Rosvitha Friesen Blume e Patricia Peterle)	Tatiana dos Santos (Versão traduzida)	1) Andrade (2021) 2) Galdino (2019) – cita a versão traduzida
FLOTOW, Luise von; SCOTT, Joan Wallach	Gender Studies and Gender Translations: Entre Braguette - connecting the transdisciplines	2016	Capítulo (EN) - John Benjamins Publishing Company (Border Crossings. Translation Studies and other disciplines. Yves Gambier, Luc van Doorslaer	-	Pinheiro (2022)
FLOTOW, Luise von; FARAHZAD, Farzaneh	Translating women: Different voices and new horizons.	2017	Livro (EN) – Taylor & Francis	-	Dulci (2022)
FLOTOW, Luise von; KAMAL, Hala	The Routledge Handbook of Translation, Feminism and Gender.	2020	Livro (EN) - Routledge	-	Dulci (2022)
FLOTOW, Luise von	O feminismo na tradução	2022	Artigo traduzido – Cadernos de Tradução	Gilmar José Taufer	1) Pinheiro (2022) 2) Pokorski (2022)
FONSECA, Luciana Carvalho	Inglês jurídico: tradução e terminologia	2014	Livro (PT) - Lexema	-	Dutra (2023)
FONSECA, Luciana Carvalho; SILVA, Liliam Ramos; SILVA-REIS, Dennys	Apontamentos basilares para os estudos da tradução feminista na América Latina	2020	Artigo (PT) - Mutatis Mutandis. Revista Latinoamericana de Traducción	-	1) Borges (2022) 2) Dulci (2022) 3) Pokorski (2022)
FONSECA, Luciana Carvalho	Revisitando metáforas de gênero na tradução: um olhar decolonial	2021	Artigo (PT) - Cadernos da Cátedra Unesco Memorial Vol. I Movimentos da América Latina	-	Borges (2022)
FUNCK, Susana Bornéo	Feminist Literary Utopias	1998	Livro (EN)?	-	Belo (2021)
FUNCK, Susana Bornéo	Prefácio.	2011	Capítulo de livro (PT) – Edufal (Mundos gendrados alternativamente: ficção científica, utopia, distopia. Ildney Cavalcanti, Amanda Prado)	-	Belo (2021)

Autor(a)	Obra	Ano	Tipo	Tradução	Monografia
FUNCK, Susana Bornéo	Desafios atuais dos feminismos	2014	Capítulo de livro (PT) – Editora Mulheres (Estudos feministas e de gênero: articulações e perspectivas. Cristina Stevens; Susane Rodrigues de Oliveira; Valeska Zanello)	-	Sobral (2021)
FUNCK, Susana Bornéo	Corpos Colonizados, Leituras Feministas.	2016	Capítulo de livro (PT) – Editora Insular (Critica Literária Feminista: Uma trajetória. Susana Bornéo Funck)	-	Belo (2021)
G					
GARCIA, Carla Cristina	Breve histórico do Movimento feminista no Brasil	2015	Livro (PT)	-	Longhi (2018)
GARCIA, Carla. Cristina	Breve História do Feminismo	2018	Livro (PT) - Editora Claridade	-	1) Dulci (2022) 2) Longhi (2018)
GODARD, Barbara	Preface	1986	Capítulo de livro (EN) - Guernica (Lovhers. Nicole Brossard)	-	Cerineu (2022)
GODARD, Barbara	Theorizing Feminist Discourse/Translation	1989	Capítulo de livro (EN) – Spring /Printemps (La traduction au féminin - Translating women. Barbara Godard)	-	Sobral (2021)
H					
HAMILTON, Norma Diana	Translation and the Anglophone Black Female Literature in Brazil	2018	Artigo (EN) - Revista Brasileira de Literatura Comparada	-	Galdino (2019)
HAMILTON, Norma Diana	Rompendo o ciclo da violência: vozes femininas da literatura contemporânea afrodescendente anglófona	2018	Tese – Universidade de Brasília	-	Galdino (2019)
HAMILTON, Norma Diana; MELO, Israel Victor de Melo	The Critical Enterprise in Translating Black Women Writers' Authorship: A Description on Who Slashed Celanire's Throat? and The Women of Tijucopapo	2020	Artigo (EN) - Mutatis Mutandis. Revista Latinoamericana de Traducción	-	Borges (2022)

Autor(a)	Obra	Ano	Tipo	Tradução	Monografia
HOOKS, bell	O feminismo é para todo mundo: Políticas arrebatadoras	2019	Livro traduzido - Rosa dos Tempos	Ana Luiza Libânia (?)	1) Borges (2022) 2) Moura (2022) 3) Pereira (2021)
HURTADO ALBIR, Amparo.	Traducción y Traductología. Introducción a la Traductología	2001	Livro (ES) - Cátedra	-	1) Galdino (2019) 2) Pokorski (2022)
HURTADO ALBIR, Amparo	A Aquisição da Competência Tradutória: aspectos teóricos e didáticos	2004	Capítulo de livro traduzido - Editora UFMG (Competência em Tradução: cognição e discurso. Adriana Pagano; Célia Maria Magalhães; Fábio Alves)	Fábio Alves	Pereira (2021)
KILIAN, Cristiane Krause	A retomada de unidades de significação especializada em textos em língua alemã e portuguesa sobre gestão de resíduos: uma contribuição para a tradução técnico-científica	2007	Tese – Universidade Federal do Rio Grande do Sul	-	Pokorski (2022)
KRIEGER, Maria da Graça; MACIEL, Anna Maria Becker; BEVILACQUA, Cleci Regina.	Relações semânticas de um dicionário ambiental	2001	Capítulo de livro (PT) - Universidade /UFRGS/ Humanitas/ USP (Temas de terminologia. Maria da Graça Krieger; Anna Maria Becker Maciel)	-	Pokorski (2022)
L					
LEANDRO, Analice	Ficções Científicas, Utopias e Distopias de Autoria Feminina em Língua Inglesa – um recorte bibliográfico 1967–2010	2011	Capítulo de livro (PT) – Edufal (Mundos Gendrados alternativamente: ficção científica, utopia, distopia. Ildney Cavalcanti, Amanda Prado)	-	Belo (2021)
LEITE, Marília Dantas Tenório	Orlandos: um olhar feminista sobre as traduções de Virginia Woolf no Brasil	2017	Dissertação - Universidade Federal de Santa Catarina	-	1) Belo (2021) 2) Longhi (2018)
LEFEVERE, André; BASNETT, Susan	Introduction: Proust's Grandmother and the Thousand and One Nights. The Culture Turn in Translation Studies	1990	Livro (EN) - Pinter (Translation, History and Culture. Susan Bassnett; André Lefevere)	-	1) Medeiros (2023) 2) Segura (2021)

Autor(a)	Obra	Ano	Tipo	Tradução	Monografia
LEFEVERE, André	Translation, rewriting, and the manipulation of literary fame	1992	Livro (EN) – Routledge	-	1) Galdino (2019) 2) Medeiros (2023) 3) Longhi (2018) – versão traduzida
de LOTBINIÈRE-HARWOOD, Susanne	About the her in other	1989	Capítulo de livro (EN) - The Women's Press (Letters from an Other . Lise Gauvin)	-	Cerineu (2022)
de LOTBINIÈRE-HARWOOD, Susanne	Re-belle et infidèle: la traduction comme pratique de réécriture au féminin. The Body Bilingual: Translation as a Rewriting in the Feminine	1991	Livro (FR-EN) - Women's Press	-	1) Cerineu (2022) 2) Sobral (2021)
M					
MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria	Fundamentos de metodologia científica	2003	Livro (PT) – Editora Atlas	-	1) Andrade (2021) 2) Dutra (2023) 3) Moura (2022)
MATOS, Naylane Araújo; BARBOZA, Beatriz Regina Guimarães; SANTOS, Sheila Cristina dos	Estudos feministas de tradução: um recorte de pesquisas do Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução (PGET-UFSC)	2018	Artigo (PT) – Belas Infiéis	-	1) Andrade (2021) 2) Dutra (2023)
N					
NORD, Christiane	Traduciendo funciones	1994	Livro (ES) - Publicacions de la Universitat Jaume I	-	Pinheiro (2022)
NORD, Christiane	Functional Approaches Explained	1997	Livro (EN) - St. Jerome Publishing	-	1) Andrade (2021) 2) Dutra (2023)
NORD, Christiane	Translating as a purposeful activity: a prospective approach	2006	Artigo (EN) - Teflin Journal	-	Pinheiro (2022)
NORD, Christiane	Texto base-texto meta. Un modelo funcional de análisis pre-traslativo	2012	Livro (ES) - Publicacions de la Universitat Jaume I	Cristiane Nord	Pinheiro (2022)
NORD, Christiane	Análise textual em tradução: bases teóricas, métodos e aplicação didática	2016	Livro traduzido - Coleção Transtextos	Christiane Nord; Hutan do Céu Almeida; Juliana de Abreu; Meta Elisabeth Zipser; Michelle de Abreu Aio; Silvana Ayub Polchlopek	1) Andrade (2021) 2) Dutra (2023) 3) Moura (2022) 4) Pinheiro (2022) – Versão em inglês?
O					
OLIVEIRA, Maria	Tradução & Gênero: tradutoras brasileiras das décadas de 1930 e 1940	2015	Capítulo de livro (PT) – Editora UNESP (Tradução & perspectivas	-	1) Longhi (2018) 2) Sobral (2021)

Autor(a)	Obra	Ano	Tipo	Tradução	Monografia
			teóricas e práticas. Lauro Maia Amorim, Cristina Carneiro Rodrigues. Érika Nogueira de Andrade Stupiello)		
P					
POKORSKI, Alexia Gonçalves; BARRAGAN, Iago Marques; CARPI NEJAR, Mariana	Conservación de bienes culturales muebles en papel: la equivalencia de Unidades Fraseológicas Especializadas (UFEs) en portugués y español	2021	Artigo (;) - XVII Simposio Iberoamericano De Terminología	-	Pokorski (2022)
POLCKLOPEK, Silvana Ayub; ZILPSER, Meta Elisabeth; COSTA, Maria José R. Damiani	Tradução Como Ação Comunicativa: A perspectiva do funcionalismo nos estudos da tradução.	2012	Artigo (PT) – Tradução & Comunicação	-	1) Andrade (2021) 2) Dutra (2023)
R					
RASSIER, Luciana Wrege; BLUME, Rosvitha Friesen	Entrevista com Luise von Flotow	2011	Entrevista – Cadernos de Tradução	-	1) Andrade (2021) 2) Pinheiro (2022)
RIBEIRO, Djamilia	As Diversas Ondas Do Feminismo Acadêmico	2014	Reportagem – Carta Capital	-	Longhi (2018)
RIBEIRO, Djamilia	Quem tem medo do feminismo negro?	2018	Livro (PT) - Companhia das Letras	-	Pereira (2021)
S					
SANTAEMILIA, José	Gender, Sex and Translation	2005	Livro (EN) - Routledge	-	Sobral (2021)
SANTAEMILIA, José	Woman and translation: geographies, voices, identities	2011	Artigo (EN) - MonTI	-	Dulci (2022)
SANTAEMILIA, José	A Corpus-based Analysis of Terminology in Gender and Translation Research: The Case of Feminist Translation.	2017	Capítulo de livro (EN) – Routledge (Feminist Translation Studies: Local and Transnational Perspectives. Olga Castro, Emek Ergun)	-	Borges (2022)
SCHÄFFER, Ana Maria de Moura	A tradução de gênero entre fal(t)as e excessos no imaginário de tradutoras brasileiras	2010	Artigo (PT) – Sínteses	-	Galdino (2019)
SCHÄFFER, Ana Maria de Moura	Sobre tradução feminista (ou de gênero?) no Brasil: algumas considerações	2011	Artigo (PT) – Tradução & Comunicação	-	1) Andrade (2021) 2) Dulci (2022)
SCHUSTER, Ethel; LEVKOWITZ, Haim; OLIVEIRA	Writing scientific papers in English successfully: your complete roadmap.	2014	Livro (EN)	-	1) Andrade (2021) 2) Dutra (2023) 3) Moura (2022)

Autor(a)	Obra	Ano	Tipo	Tradução	Monografia
JÚNIOR, Osvaldo N.					
SILVA, Luciana de Mesquita	Diáspora negra em contexto de tradução: discutindo a publicação de “Mulheres, raça e classe”, de Angela Davis, no Brasil	2018	Artigo (PT) - Trabalhos em Linguística Aplicada	-	Segura (2021)
SILVA, Luciana de Mesquita	Feminismo negro estadunidense e sua (in)visibilidade no cenário brasileiro: questões de tradução	2019	Artigo (PT) – Revista Ártemis	-	Pokorski (2022)
SILVA, Luciene do Rêgo da; HARDEN, Alessandra Ramos de Oliveira	Considerações para um projeto de (re)tradução feminista: incidents in the life of a slave girl (1861) e o modelo funcionalista de Christiane Nord	2020	Capítulo (PT) – Editora da UFRR (Perspectivas dos estudos em tradução e interpretação . Thaisy Bentes, Lucas Nascimento)	-	Pereira (2021)
SIMON, Sherry	Gender in Translation: Cultural identity and the politics of transmission	1996	Livro (EN) – Routledge	-	1) Andrade (2021) 2) Cerineu (2022) 3) Dulci (2022) 4) Dutra (2023) 5) Galdino (2019) 6) Moura (2022) 7) Pinheiro (2022) 8) Pokorski (2022) 9) Sobral (2021)
SNELL-HORNBY, Mary.	The turns of translation studies	2006	Livro (EN) - Benjamins Translation Library	-	1) Dulci (2022) 2) Sobral (2021)
T					
TAGNIN, Stella Esther Ortweiler	Os Corpora: instrumentos de auto-ajuda para o tradutor	2002	Artigo (PT) – Cadernos de Tradução	-	Longhi (2018)
TAGNIN, Stella Esther Ortweiler	Glossário de linguística de corpus	2011	Capítulo de livro (PT) - HUB Editorial (Corpora no ensino de línguas estrangeiras . Vander Paula Viana, Stella Esther Ortweiler Tagnin)	-	Pokorski (2022)
TERRA, Bianca de Souza	Tradução de Artigo Científico na Área Jurídica	2015	Monografia – Universidade de Brasília	-	1) Andrade (2021) 2) Dutra (2023)
TORRES, Marie-Hélène	Por Que e Como Pesquisar a Tradução Comentada?	2017	Capítulo de livro (PT) – Coleção Transletrar (Literatura Traduzida tradução comentada e	-	1) Andrade (2021) 2) Borges (2022) 3) Dutra (2023) 4) Moura (2022) 5) Pereira (2021)

Autor(a)	Obra	Ano	Tipo	Tradução	Monografia
			comentários de tradução volume dois. Luana Ferreira de Freitas, Marie-Hélène Catherine, Walter Carlos Costa)		
TYMOCZKO, Maria; GENTZLER, Edwin	Translation and power	2002	Livro (EN) - University of Massachusetts Press	-	Segura (2021)
TYMOCZKO, Maria	The space and time of activist translation	2010	Capítulo de livro (EN) - University of Massachusetts Press (Translation, resistance, activism. Maria Tymoczko)	-	Segura (2021)
TYMOCZKO, Maria	Ideologias e a posição do tradutor: em que sentido um tradutor está num “intermédio”?	2018	Livro (PT) ? / Capítulo de livro? (ver livro Relações de poder)	Marcos Bagno / Ana Carla Teles	1) Dutra (2023) 2) Galdino (2019)
W					
WAQUIL, Marina	A voz do tradutor no texto traduzido: a subjetividade apontada nas notas	2014	Artigo (PT) - Rónai – Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios	-	Cerineu (2022)
WAQUIL, Marina	Tradução feminista e o poder de tirar vozes do confinamento	2021	Artigo (PT) – Revista Belas Infiéis	-	1) Pinheiro (2022) 2) Pokorski (2022)
WILLIAMS, Jenny, CHESTERMAN, Andrew	THE MAP. A Begginer's Guide to Doing Research in Traslations Studies.	2002	Livro (EN) - St Jerome Publishing	-	1) Andrade (2021) 2) Borges (2022) 3) Dutra (2023)
WOOLF, Virginia	Um Teto Todo Seu	2014	Livro traduzido	Noemi Jaffe / Vera Ribeiro	1) Belo (2021) 2) Galdino (2019) – Original em inglês 3) Longhi (2018) – Original em inglês e versão traduzida (2x)
Z					
ZAVAGLIA, Adriana; RENARD, Carla M. C.; JANCZUR, Christine	A tradução comentada em contexto acadêmico: reflexões iniciais e exemplos de um gênero textual em construção	2015	Artigo (PT) – Aletria	-	1) Andrade (2021) 2) Dutra (2023) 3) Moura (2022) 4) Pereira (2021) 5) Pinheiro (2022)
ZIRBEL, Ilze	Ondas do feminismo	2021	Reportagem - Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia	-	1) Dutra (2023) 2) Pereira (2021)

Fonte: Elaborada pela autora.